

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
DOUTORADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CONVÊNIO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL (UFF)
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA

MARIA HELENA DE LIMA HATSCHBACH

**A Competência em Informação de Estudantes
de Graduação em Turismo: Um estudo de caso no Brasil**



Niterói
Rio de Janeiro
Outubro - 2009

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
DOUTORADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CONVÊNIO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL (UFF)
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA

MARIA HELENA DE LIMA HATSCHBACH

**A Competência em Informação de Estudantes
de Graduação em Turismo: Um estudo de caso no Brasil**

Tese apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio UFF/IBICT, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciência da Informação.
Orientadora: Prof^a. Dr^a Gilda Olinto

Niterói
Rio de Janeiro
Outubro - 2009

H365 Hatschbach, Maria Helena de Lima

A competência em informação de estudantes de graduação em turismo: um estudo de caso: no Brasil / Maria Helena de Lima Hatschbach. — 2009.

143 f. : il.

Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação/Instituto de Arte e Comunicação Social/Universidade Federal Fluminense/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Niterói, 2009.

Orientadora: Gilda Olinto

1. Ciência da informação. 2. Competência em informação. 3. Turismo – Teste de avaliação. I. Olinto, Gilda. II. Título.

CDD: 020

MARIA HELENA DE LIMA HATSCHBACH

**A Competência em Informação de Estudantes
de Graduação de Turismo: Um estudo de caso no Brasil**

Tese apresentada para o Programa de Pós-Graduação em
Ciência da Informação do convênio UFF/IBICT, como
requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em
Ciência da Informação. Orientadora: Prof^a. Dr^a Gilda Olinto

Aprovada por:

Prof^a. Gilda Olinto - Orientadora
Doutora em Comunicação e Cultura, ECO/UFRJ

Prof^a Lena Vania Ribeiro Pinheiro
Doutora em Comunicação e Cultura, ECO/UFRJ

Prof^a. Cládice Diniz
Doutora em Ciência da Informação, ECO/UFRJ

Prof^a. Simone da Rocha Weitzel
Doutora em Ciências da Informação, ECA/USP

Prof^o. Carlos Henrique Marcondes - Suplente
Doutor em Ciência da Informação, ECO/UFRJ

Rio de Janeiro, Outubro - 2009

*Para o meu filho Guilherme,
expressão do meu mais profundo amor!*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço o carinho e a amizade de minha orientadora, professora Gilda Olinto, que me incentivou, deu força e orientação para que eu pudesse realizar esta tese. Sua dedicação e amizade foram fundamentais para a elaboração desta pesquisa.

A todo o Departamento de Ensino e Pesquisa do IBICT. Aos professores, pela minha formação, aos funcionários, pelo apoio. Em especial, às professoras Lena Vania R. Pinheiro e Rosali Fernandez de Souza, pelo carinho, estímulo e ensinamentos. Aos demais membros da banca, Prof^a Cládice Diniz, Prof^a Simone Weitzel, Prof^o Carlos Henrique Marcondes, fundamentais para a concretização desta tarefa, e às Prof^{as} Liz Rejane e Martha Barata.

A toda equipe do Departamento de Turismo da UFF, representada pelo Coordenador do curso, Prof^o. Aguinaldo Fratucci, e em especial ao Prof^o Marcello Tome de Souza, que muito contribuiu à minha pesquisa.

Agradeço profundamente à Lana Ivanitskaya, da *Central Michigan University*, que, desde o primeiro contato virtual, acreditou no meu trabalho e acabamos construindo uma sincera amizade. E também a Wesley Leonard, seu fiel escudeiro.

E de todo o meu coração, pois as palavras nunca irão dizer o que desejaria, agradeço minha amiga Andréa Duque, que tem me acompanhado e auxiliado durante esta longa jornada acadêmica. Mas, acima de tudo, tem sido uma irmã em minha estrada da vida.

Gostaria de agradecer os colegas do INPI pelo incentivo e compreensão e aos colegas do doutorado, que acompanharam esta caminhada. Às amigas Patrícia Vance, Eliane Arburuas, Simone Alencar, que colaboraram para a realização desta tese.

Meu amor sincero e profunda gratidão aos meus pais e irmãos, e minha eterna amizade aos amigos que compartilharam intensamente dos momentos de alegria, angústia, insegurança e paz, ocorridos durante o doutorado, me dando força, amor e aconchego.

Um agradecimento muito especial ao meu marido, Paulo Azeredo, e ao meu filho Guilherme, fontes de energia, aconchego e amor.

RESUMO

Hatschbach, Maria Helena de Lima. **A Competência em Informação de Estudantes de Graduação em Turismo: Um estudo de caso no Brasil. 2009.** Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal Fluminense-UFF/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia-Ibict, Rio de Janeiro. Orientador: Gilda Olinto.

Esta pesquisa é sobre Competência em Informação na educação superior no Brasil, tomando como campo de estudo os estudantes de graduação em Turismo. Aponta, assim, para as inúmeras interfaces que existem entre o Turismo e a Ciência da Informação. O Turismo traz associado ao seu processo de crescimento e transformação o uso das novas tecnologias de comunicação e informação e a consequente necessidade de formação de recursos humanos competentes e especializados no uso da informação. Neste sentido, aborda-se o setor do turismo brasileiro e realiza-se um panorama do ensino universitário na área. Este trabalho também apresenta a evolução temática dos estudos sobre Competência em Informação, internacionalmente, e em especial sua representatividade na América Latina. Focaliza o desenvolvimento dessa área no Brasil, a partir de 2001, ano em que surgiram os primeiros artigos científicos de autores brasileiros sobre o tema. O estudo empírico realizado envolveu a aplicação de um teste online de Competência em Informação, com o uso do *Research Readiness Self-Assessment – RRSA*, desenvolvido na *Central Michigan University*, nos EUA. O teste foi traduzido, adaptado e, contendo 48 questões, foi aplicado aos alunos do Curso de Graduação em Turismo da Universidade Federal Fluminense - UFF, Rio de Janeiro. A análise dos dados demonstra, dentre outros aspectos, compreensão satisfatória dos alunos em algumas dimensões da Competência em Informação, mas revela que aspectos precisam ser melhorados. Essas deficiências podem comprometer a adequada inserção dos profissionais brasileiros na sociedade da informação e requerem atenção por parte das instituições e profissionais responsáveis pelo ensino superior no país.

Palavras-chave: Competência em Informação; Educação; Turismo; Ciência da Informação; Avaliação.

ABSTRACT

Hatschbach, Maria Helena de Lima. **Information literacy among higher education Students of Tourism in Brazil**. 2009. Doctoral Thesis (Doctorate in Information Science). Universidade Federal Fluminense-UFF/Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia-Ibict, Rio de Janeiro.

This research is about information literacy in higher education, taking Tourism as study field. In so doing it points out to the several interfaces that exist between Tourism and Information Science. The development of Tourism is associated with the increase in use of new information and communication technologies and with the corresponding need of information competent human resources. An analysis of the Brazilian Tourism sector and an overview of higher education in the field are presented in this study. The development of information literacy studies internationally, in Latin America and especially in Brazil is also considered here, with a thorough review of Brazilian studies from 2001, when the first articles are written in Information Science Journals. The empirical study involves an Information Literacy online test applied to the undergraduate students of Tourism of the Universidade Federal Fluminense (UFF), in Rio de Janeiro. The Research Readiness Self-Assessment (RRSA), developed at the Central Michigan University, was translated and adapted to the Brazilian environment. Data analyses of the 48 questions included indicate, among other factors, that Brazilian students show a satisfactory comprehension of some dimensions of information literacy but also reveal that some specific aspects should be improved. Deficiencies in Information literacy can compromise the perspective of Brazilian professionals in the Information society and suggest that a special attention need to given to these needs by higher education professionals and institutions.

Keywords: Information Literacy; Education; Tourism; Information Science; Assessment.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A IMPORTÂNCIA DA PROFISSIONALIZAÇÃO DO TURISMO NA ATUALIDADE.....	17
2.1 Comunicação e Informação no Turismo	22
2.1.2 Comunicação no Turismo.....	23
2.1.3 Informação no Turismo.....	24
2.1.4 O Fluxo da Informação no Turismo	25
2.1.5 A Informação para a Formação Acadêmico-Profissional em Turismo	29
2.1.6 Informação e Comunicação Científica no Turismo.....	32
2.1.6.1 Periódico Científico.....	34
2.1.6.2 Associações e Sociedades Científicas	36
2.2 O Ensino de Turismo no Brasil.....	37
2.2.1 Cursos Profissionalizantes.....	38
2.2.3 Cursos Superiores	40
2.2.4 Instituições de Pesquisa em Turismo	46
3 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO	48
3.1 Quadro de Referência Conceitual.....	48
3.1.1 Evolução Temática dos Estudos.....	49
3.1.2 Situando-se na América Latina	52
3.1.3 A Ênfase na Formação do Estudante	54
3.1.4 Estudos para Avaliação da Competência em Informação.....	57
3.2 Competência em Informação - Brasil.....	60
3.2.1 Competência em Informação, Inclusão Digital e Cidadania.....	62
3.2.2 Competência em Informação no Contexto das Bibliotecas Universitárias e do Bibliotecário.....	65
3.2.3 Competência em Informação e Formação do Estudante e do Profissional.....	66
3.2.4. Indicadores de Competência em Informação	69
4 MEDINDO A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO ESTUDANTE DE TURISMO: O RESEARCH SELF-ASSESSMENT TEST - RRSA	74
4.1 O campo de Estudo: O Curso de Turismo da UFF.....	74
4.1.1 Histórico do Curso.....	75
4.1.2 Organização Curricular e Conteúdos.....	76
4.2 O Teste de Auto-avaliação de Competência em Informação / <i>Research Readiness Self-Assessment – RRSA</i>	77
4.2.1 A Escolha.....	77
4.2.2 Em que Consiste	78
4.2.3 A Versão Brasileira do RRSA.....	79
4.2.4 Principais Conceitos e Medidas Utilizados.....	80
5 LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS.....	83
5.1 Definição da População de Estudo e Levantamento dos Dados.....	83
5.2 Análise dos Dados.....	85
5.2.1 Características Sociais, Situação Escolar e Perspectivas do Aluno de Turismo.....	85
5.2.2 Descrição da Competência em Informação	89
5.3 Habilidade de Pesquisa Percebida	90
5.4 Navegando na Internet	91
5.5 Obtendo Informação.....	92

5.6 Avaliando a Informação	94
5.7 Experiência em Pesquisa Bibliográfica e Uso de Bibliotecas.....	96
5.8 Compreendendo o Plágio	98
5.9 Influência do Ambiente Universitário e dos Fatores Socioculturais na Competência em Informação	100
5.9.1 A Influência da Experiência Universitária	101
5.9.2 A Influência das Características Socioculturais.....	103
5.9.3 O Efeito do Ambiente de Trabalho.....	106
5.10 Uma Breve Comparação entre Brasil e Estados Unidos.....	107
6 Considerações Finais	110
7 Referências	115
ANEXO 1 - Página Inicial do Teste de Auto-Avaliação de Competência em Informação / Research Readiness Self-Assessment-RRSA	130
ANEXO 2 – Carta-Convite para os alunos realizarem o Teste	132
ANEXO 3 - Tabelas	134

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - O Turismólogo e o Fluxo da Informação no Turismo.....	28
Quadro 2 - Periódicos Científicos de Turismo - Brasil	35
Quadro 3 - Cursos de Graduação em Turismo – por Região – Brasil (2008).....	41
Quadro 4 - Cursos de Graduação em Turismo - Estado do Rio de Janeiro (2008)	41
Quadro 5 - Ingressantes no curso de graduação em turismo – Brasil (2006)	42
Quadro 6 - Mestrados de Turismo – Brasil (2009)	45
Quadro 7 - Indicadores baseados em padrões de Competência em Informação da ACRL	70
Quadro 8 - Indicadores baseados em Tutoriais de Competência em Informação ...	71
Quadro 9 - Indicadores baseados na utilização das tecnologias de informação e comunicação – TIC's	72
Quadro 10 - Competência em Informação: principais dimensões incluídas no RRSA	81
Quadro 11 - Alunos de Turismo da UFF - Comparação entre as características da população- alvo e dos alunos que responderam o teste RRSA-Brasil	84
Quadro 12 - Dimensões de Competência em Informação. Alunos de Turismo da UFF. (2009)	90
Quadro 13 - Perfil Alunos Brasil X Alunos Americanos.....	107
Quadro 14 - Resultados Comparativos RRSA (Brasil X EUA)	108

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos vinte anos, o fenômeno do turismo tornou-se muito complexo, não somente devido ao aumento da demanda do produto turístico, em nível mundial, mas pela diversidade e segmentação dos usuários/consumidores, pelo acirramento da concorrência de mercado e, sobretudo, devido às grandes transformações ocasionadas pela utilização das novas tecnologias de comunicação e informação - TIC's em praticamente todos os elos da cadeia produtiva do turismo.

O turismo é um fenômeno crescente, posto que o homem pós-moderno desloca-se cada vez mais na busca de experiência, de conhecimento, do inusitado, por necessidade de evasão do cotidiano atribulado para, quem sabe, ser feliz (BELTRÃO, 2001, p.7).

O turismo é um setor que tem a informação como um de seus principais alicerces para fomentar a concepção, produção, circulação e o consumo de produtos e serviços turísticos. A atividade turística utiliza dados de diversas naturezas (geológicos, climáticos, econômicos, populacionais, culturais etc.) para estimular a circulação de pessoas e de entrada de divisas.

A Organização Mundial do Turismo - OMT, desde a década de 1980, reconhece a informação como fator determinante para o desenvolvimento, e enfatiza que o acesso a dados confiáveis, fidedignos e atualizados é de fundamental importância para a atividade turística. (OMT, 1999). O artigo 06 do 'Código de Ética Mundial para o Turismo', adotado na 13ª Assembléia Geral da OMT, realizada em 1999, em Santiago do Chile, expressa que:

Os agentes profissionais do turismo têm obrigação de facilitar aos turistas uma informação objetiva e autêntica sobre lugares de destino e sobre as condições de viagem, recepção e estada. Os Governos têm o direito - e o dever, - especialmente em casos de crises, de informar aos cidadãos das condições difíceis, inclusive dos perigos com que possam se encontrar durante seus deslocamentos no estrangeiro. A imprensa, e em particular a

imprensa especializada em turismo e os demais meios de comunicação... Deverão ter o cuidado de divulgar indicações precisas e fiéis aos consumidores dos serviços turísticos (OMT, 1999).

A rápida e constante mutação do turismo, em termos mercadológicos, influencia diretamente a formação educacional nesta área. O fato de o campo de atuação do profissional do setor ser bastante vasto faz com que sua qualificação seja cada vez mais necessária, propiciando ao mesmo tempo uma visão ampla de sua atuação e uma especialização de suas atividades específicas. De acordo com Morucci, todos os atores do setor de turismo precisam, cada vez mais,

conhecer e dominar os principais mecanismos, métodos de análise e reflexão e ferramentas que permitam compreender a crescente complexidade do turismo; saber utilizar inteligentemente a informação necessária a essa compreensão; saber como e onde encontrar a informação desejada (MORUCCI, 2003, p.14).

Isto significa que esses profissionais estão se deparando, constantemente, com questões que envolvem a Competência em Informação, área de estudos que trata das habilidades do indivíduo em relação à busca, localização, avaliação e disseminação da informação, em diferentes contextos, para a resolução de problemas e exercício da cidadania (HATSCHBACH, 2002).

A discussão, em âmbito acadêmico e profissional, sobre a competitividade e sustentabilidade do turismo, acompanha uma tendência global: concentrar-se no fator 'conhecimento'. O turismo, como outras atividades humanas, não pode viver à margem da Ciência, da tecnologia e da pesquisa. Os impactos culturais, econômicos e ambientais dessa atividade têm alcançado um alto grau de complexidade e requerem respostas à altura.

Neste sentido, Drucker (2001) é categórico ao afirmar que, na nova economia, o conhecimento não é apenas mais um recurso dentre os demais fatores de produção, mas o diferencial, o único realmente significativo.

Atualmente, nenhum destino turístico que pretenda conquistar a satisfação de seus consumidores por meio da qualidade, obtendo a máxima eficiência e eficácia dos recursos financeiros e humanos investidos, e sem deixar de lado os aspectos socioculturais e de sustentabilidade, pode alcançar esse objetivo sem a adequada formação dos profissionais envolvidos no seu planejamento. O que inclui a sua preparação para a valorização dos bens culturais e dos ideais de sustentabilidade. A valorização da questão ambiental como diferencial na prática da atividade turística tem importância capital e vem ao encontro de uma demanda, cada vez maior do mercado, pela proteção e conservação do ambiente (BRASIL, 2004).

A construção de uma nova ótica e ética para o turismo traz, na sustentabilidade, uma de suas principais preocupações. Para Irving e Camphora (2005), a busca da sustentabilidade no turismo “equivale à oportunidade de redimensionar espaços, paisagens, culturas e economias através de ações que qualificam o uso articulado de bens e serviços, gerando benefícios de ampla escala”. Nesse sentido, para o desenvolvimento turístico sustentável é necessário uma ampla mobilização e participação social, além de uma abordagem multidisciplinar do tema.

É importante destacar que o produto/destino turístico tem uma característica fundamental que o distingue de outros e o torna muito vulnerável à informação: o produto turístico é “um produto imaterial, intangível, cujo resíduo, após o uso, é uma experiência vivencial” (MOTA, 2001). Ou seja, só se pode testar e comprovar a qualidade do produto turístico quando já se optou por adquiri-lo, consumi-lo. É diferente da aquisição de uma televisão, por exemplo, que está exposta em uma loja, onde o consumidor pode assisti-la, tocar, fazer comparações com televisores similares antes de decidir-se pela compra.

Esta intangibilidade aumenta a necessidade e a importância da informação não só para os turistas, mas para os profissionais que atuam na área. Desde aqueles voltados para funções técnicas e operacionais, de atendimento ao público, prestadores de serviço, quanto os gestores privados e públicos que irão definir diretrizes, metas, planos, estratégias e políticas para o desenvolvimento planejado da atividade. É a partir da informação fidedigna, consistente, organizada, atualizada e bem disseminada que turistas, profissionais, provedores de serviços da área e a comunidade receptora poderão tomar decisões fundamentadas.

A informação é fundamental para a tomada de decisões, em todos os aspectos do turismo, tanto para o turista, na definição do local a visitar, no modo de transporte, no tipo de hospedagem, alimentação e no tempo de duração da sua viagem, quanto para o núcleo receptor, na identificação da sua vocação, do potencial, na forma de exploração da atividade turística, no nível de investimentos, na conscientização da comunidade e no planejamento do turismo (PINTO JUNIOR, 2005).

Neste novo cenário que vem se configurando no universo da informação em turismo, fica evidente a necessidade de o estudante e o profissional da área estarem habilitados para lidar com diferentes fontes de informação, ferramentas tecnológicas e canais de distribuição da informação. No entanto, o simples acesso aos computadores, à Internet e aos demais recursos tecnológicos não é suficiente para que o indivíduo e as sociedades se sobressaiam e colham todos os frutos da sociedade da informação. Diante desse contexto, a Competência em Informação tem um papel fundamental na relação Informação *versus* Turismo.

A Proclamação de Alexandria, adotada em novembro de 2005 pelo *High-Level Colloquium on Information Literacy and Lifelong Learning*, promovido pela UNESCO, *International Federation of Library Associations and Institutions – IFLA* e *National Forum on Information Literacy - NFIL*, consagrou a Competência em Informação como um dos pilares da Sociedade da Informação e “como um meio de

permitir que as pessoas, em todos os caminhos da vida, busquem, avaliem utilizem e criem informação para alcançar objetivos pessoais, sociais, profissionais e educacionais” (UNESCO, 2006).

Isto posto, delineamos o principal objetivo desta tese: Avaliar o atual grau de Competência em Informação do estudante de graduação em turismo no Brasil, visando favorecer e auxiliar a implementação de ações de formação nessa área, no âmbito do ensino superior brasileiro.

Como objetivos específicos, pretendemos:

- Destacar a importância da dimensão acadêmico-profissional da informação para o turismo, evidenciando as características da situação brasileira atual.
- Adaptar e utilizar, no âmbito do ensino superior brasileiro, uma ferramenta *online*, já empregada em outros países, para avaliação da Competência em Informação de alunos de graduação.
- Descrever a Competência em Informação do estudante de graduação em turismo, utilizando um conjunto de medidas que fornecem ao pesquisador e ao próprio aluno instrumentos para promover essa competência no ambiente educacional.
- Investigar os fatores socioculturais que podem ser relevantes para explicar as diferenças da Competência em Informação entre estudantes universitários.

Assim, após esta introdução, na seção 2, apresentamos uma visão da representatividade do turismo na atualidade, tanto no aspecto econômico, como

gerador de trabalho e renda, quanto como fenômeno sociocultural. Enfatizamos a transversalidade da área, que engloba temas como desenvolvimento local, sustentabilidade, meio ambiente, dentre outros. E também as transformações que vêm ocorrendo na área do turismo, decorrentes da sociedade da informação. Abordamos questões relativas ao papel da comunicação e da informação na atividade turística. Discorremos sobre as especificidades do produto turístico. Destacamos a informação como peça-chave para o desenvolvimento do turismo. Elaboramos um fluxograma dos agentes sociais envolvidos com essa atividade tendo, como ponto central dessas relações, o turismólogo. Tratamos, também, das dimensões da informação em turismo, com destaque para a 'Informação para a Formação Acadêmico-Profissional em Turismo'. Ainda, nessa seção, abordamos a informação e a comunicação científicas no turismo, no que se refere aos periódicos, associações e sociedades científicas brasileiras.

Dedicamos, ainda, parte da seção 2 ao levantamento do ensino de turismo, nos níveis técnico e superior, no Brasil. Retratamos as competências e habilidades específicas requeridas dos estudantes de turismo. Em relação ao ensino superior, apresentamos um panorama das matrículas, instituições de ensino e núcleos de pesquisa na área. Discorremos sobre as principais motivações que levam o estudante a optar pelo curso de graduação em turismo e sobre a situação dos cursos de pós-graduação *stricto-sensu* na área, no país.

Na seção 3, elaboramos uma evolução temática dos estudos sobre Competência em Informação, em nível internacional, com base em levantamento bibliográfico. Destacamos as diferentes abordagens do conceito e os novos aspectos que foram se agregando ao seu campo de interesse e atuação. Apontamos a relevância que o tema vem ganhando, na última década, no contexto latino-

americano, sobretudo como forma de diminuir a defasagem do acesso e do uso da informação desses países. Damos especial atenção à Competência em Informação para a formação do estudante, e sobre como ela está sendo trabalhada, de forma integrada, nas instituições de ensino superior.

Também, na seção 3, fizemos um histórico das discussões sobre Competência em Informação no Brasil, sobretudo no âmbito da Ciência da Informação. Consideramos que uma das principais contribuições dessa seção é a categorização, em quatro eixos temáticos, dos trabalhos sobre Competência em Informação no país, na última década.

A seção 4 relata o campo de estudo, a população estudada, a metodologia, o teste aplicado e os principais conceitos e medidas utilizados. Na seção 5 é apresentada a análise dos resultados da pesquisa empírica, que teve como objetivo avaliar a Competência em Informação dos alunos do Curso de Graduação em Turismo da Universidade Federal Fluminense – UFF, no estado do Rio de Janeiro.

Nas considerações finais, tecemos comentários decorrentes dos resultados apresentados na análise dos dados da pesquisa empírica, embasados pelo quadro teórico utilizado. Afirmamos que este trabalho pretende ser uma contribuição para a criação de programas, atividades e estudos de Competência em Informação, e também constitui-se numa ação para promover a integração da Ciência da Informação com outras áreas de estudo, neste caso específico, com o Turismo.

2 A IMPORTÂNCIA DA PROFISSIONALIZAÇÃO DO TURISMO NA ATUALIDADE

O aumento da atividade turística em âmbito mundial, incluindo o Brasil, vem transformando o turismo em um setor produtivo com crescimento exponencial. O turismo é uma das atividades econômicas que mais crescem e geram trabalho e renda, representando cerca de 10% do Produto Interno Bruto - PIB mundial. Esse fato pode ser explicado, de um lado, pelo maior tempo destinado ao lazer, por outro, pelo crescimento econômico de longo prazo. Países como Espanha e Costa Rica devem seu desenvolvimento econômico e a melhoria das condições de vida da população ao papel relevante que esta atividade vem desempenhando nos últimos anos (OMT, 2007).

No Brasil, o turismo tem papel estratégico e promissor na geração de trabalho e renda para um grande contingente de pessoas que estão direta ou indiretamente ligadas às atividades desse setor. Segundo o Boletim de Desempenho Econômico do Turismo, elaborado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV, 2008), o faturamento das empresas dos principais segmentos do turismo foi estimado em 14 bilhões de reais no final de 2008, elevando a participação do turismo para 4,5% do PIB.

Além de os aspectos econômicos do turismo terem bastante reflexo na economia mundial, gerando cifras elevadas, a ênfase no turismo sustentável como prática socioambiental e cultural, desde a década de 1960, vem tomando grandes proporções. A realização da ECO 92 (Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento), no Rio de Janeiro, em 1992, foi um divisor de águas para o entendimento do turismo nos dias atuais, pois consagrou o conceito de

desenvolvimento sustentável, influenciando diretamente o planejamento do turismo em âmbito mundial.

A complexidade que envolve a relação turismo e meio ambiente pode ser observada não apenas pelo aumento de suas práticas, mas pelo crescimento dos estudos sobre turismo ambiental e sociocultural (RUSCHMANN, 1999; BARRETO, 2002; IRVING et al. 2005, BARBOSA, 2008).

Nossa pesquisa é orientada pelo entendimento do turismo como atividade sistêmica, articulada com outras disciplinas, transcendendo a aceção de que é apenas uma atividade do setor terciário da economia. Segundo Beni (2001), o sistema do turismo engloba os subsistemas ecológico, social, econômico e cultural. Essa visão é corroborada por Moeschi, quando afirma que:

(...) o turismo é uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta dinâmica sociocultural gera um fenômeno, recheado de objetividade e subjetividade, consumido por milhões de pessoas, como síntese: o produto turístico (MOESCHI, 2002).

O Brasil, devido as suas proporções continentais e à diversidade natural, cultural e social, é um manancial inesgotável para a criação de destinos e produtos turísticos que, certamente, se bem elaborados e planejados, favorecerão o crescimento econômico e social mais justo e darão visibilidade ao país, tanto em âmbito interno como externo.

De acordo com dados divulgados pelo Ministério do Turismo (BRASIL, 2006), o fluxo receptivo de turistas, ou seja, a quantidade de turistas que os países recebem por ano, aumentou muito em uma década. Em 1996, em todo o mundo, este número foi de 596,5 milhões de viajantes; a América do Sul participava com 12,9 milhões (2,16% do total) e o Brasil com 2,7 milhões de visitantes (0,45% em

relação ao mundo). Já no ano de 2005, esses números subiram para 808,4 milhões de turistas no mundo, tendo a América do Sul contribuído com 18,1 (2,24% deles) e o Brasil recebendo 5,4 milhões de visitantes (0,67% do total mundial). Como verificamos, em uma década o número de turistas que visitou o Brasil duplicou. O desempenho do turismo receptivo brasileiro nos últimos anos tem obtido resultados satisfatórios em relação à entrada de estrangeiros e à geração de divisas, se comparados às décadas de 1970 e 1980.

Apesar de todos os esforços, em 2006 o Brasil ficou em 37º lugar no *ranking* mundial dos países que mais receberam turistas, recebendo cerca de 5 milhões de estrangeiros. A França foi quem mais recebeu turistas (79,1 milhões), seguida pela Espanha (58,5 milhões), Estados Unidos (51,1 milhões), China (49,6 milhões) e Itália (41,1 milhões) (OMT, 2007). Se comparados a parâmetros mundiais, em 2007, do total de viagens realizadas no mundo, a participação da América do Sul é de 2,2%, e a do Brasil de apenas 0,6%. Esses baixos números relativos ao movimento turístico podem estar ligados à globalização da atividade, o que implica no surgimento de uma concorrência cada vez maior entre os diversos destinos de viagem do mundo. Nessa competição, estão em jogo fatores como a utilização generalizada das novas tecnologias de informação e comunicação, principalmente a Internet, e a forma com que cada destino/produto/serviço turístico se mostra e se vende de maneira segura, eficaz e ágil neste ambiente (FGV, 2008).

Em janeiro de 2003, foi instituído o Ministério do Turismo - MTur e, com ele, a elaboração do Plano Nacional do Turismo – PNT (BRASIL, 2003), que tem como diretriz a descentralização de renda e de atividades por meio da regionalização, interiorização e segmentação das atividades turísticas. Na visão do governo brasileiro,

Regionalizar o turismo é transformar a ação centrada na unidade municipal para uma política pública mobilizadora de planejamento e coordenação para o desenvolvimento turístico local, regional, estadual e nacional, de forma articulada e compartilhada. É, também, esforço coordenado entre municípios, estados e países para ações de negociação, consenso, planejamento e organização social. (BRASIL, 2003).

Há controvérsias relativas à forma de atuação do Estado na área do turismo, em que grande parte dos atores envolvidos é da iniciativa privada. Para alguns estudiosos, tanto a criação de uma pasta ministerial quanto a implementação de um documento central para o planejamento de políticas públicas de turismo parece paradoxal. Segundo Sansolo e Cruz (2004),

Como uma atividade multifacetada, capaz de mobilizar dezenas de setores produtivos, de movimentar contingentes de pessoas pelos territórios, de transformar os lugares, o turismo mostra que não é um tema passível de ser tratado apenas por um organismo da gestão pública. As interfaces entre turismo e outras práticas sociais e produtivas são fortes e evidentes e daí a problemática da concentração de ações voltadas ao seu desenvolvimento em um único órgão da administração.

Esses autores consideram que em alguns países, como na Alemanha, onde o turismo é a atividade mais importante do setor de serviços, sendo responsável por 8% do PIB nacional, ele não possui um ato regulamentar específico. As políticas setoriais nas áreas de saúde, trabalho, educação, transporte, etc., compreendem a importância do turismo para o país e implementam ações integradas para o seu desenvolvimento.

No Brasil, a criação de uma política nacional, contemplando as especificidades regionais, pretende organizar, estruturar, impulsionar o setor. Além disso, é importante destacar que os programas implementados pelo MTur buscam integrar e inovar na forma como se relacionam todos os agentes envolvidos na cadeia produtiva do turismo, visando a qualificação e o desenvolvimento ordenado e cooperativo dos segmentos que atuam no setor, estimulando a formação de Redes e de Capital Social na área. O que demonstra um amadurecimento e a atualidade das

ações em turismo, pois a criação, identificação e o estudo de redes sociais é tema de interesse e pesquisas em várias áreas do conhecimento, e de propostas de intervenção para mudança social.

Percebe-se a preocupação do MTur em implementar uma política pública que atenda às demandas e necessidades da população brasileira e que esteja em consonância com as discussões e os estudos realizados por outras instâncias institucionais onde ocorre geração de conhecimento.

Neste contexto, torna-se premente a busca de profissionais capacitados e de diálogo interdisciplinar no setor de turismo. Estes novos enfoques demandam atenção às características da atualidade. Com o advento da Sociedade da Informação e, conseqüentemente, de uma série de mudanças tecnológicas e econômicas no mercado de trabalho, surge a necessidade de um novo perfil de profissionais e de postos de trabalho. “Cada vez mais se exige dos trabalhadores contínua atualização e desenvolvimento de habilidades e competências, de modo a atender aos novos requisitos técnico-econômicos e a aumentar sua empregabilidade” (TAKAHASHI, 2000).

A transversalidade da área do turismo, que trata de temas como desenvolvimento local e sustentabilidade, redes e sistemas, meio ambiente, ética, religiosidade, cultura, economia, empreendedorismo, dentre outros, oferece a possibilidade que a própria Ciência realiza, ou seja, de contribuir para uma nova visão de mundo, para a transformação e transmutação de conceitos solidificados, que não respondem nem retratam mais os anseios de nossa sociedade.

Essa mudança se faz, em primeiro lugar, pela formação e qualificação dos recursos humanos que atuam no setor de turismo, em todas as suas instâncias, tanto no ambiente acadêmico quanto no mercado de trabalho.

2.1 COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO NO TURISMO

Para entender o papel do Turismo na sociedade contemporânea, é de fundamental importância a compreensão dos seus diversos fluxos: econômicos, políticos, sociais, informacionais e de comunicação. A atividade turística se constrói e se consolida pela circulação da informação e pelas trocas comunicacionais, tornando-se, também, um provedor de informação.

De acordo com Le Coadic (2004), um dos objetivos da Ciência da Informação é “o estudo das propriedades gerais da informação e a análise de seus processos de construção, comunicação e uso”, e o turismo é um campo fértil para um estudo empírico desses aspectos.

Por exemplo, para que o potencial turístico de uma localidade seja explorado de maneira sustentável, de forma a atender tanto às expectativas do turista quanto às necessidades e anseios da comunidade local, é preciso uma compreensão ampla do turismo não apenas como atividade econômica, mas como uma forma de integração sociocultural. Segundo Arruda e Pimenta (2005, p.54),

Antes de ser um fenômeno econômico, o turismo é uma experiência social que envolve pessoas que se deslocam no tempo e no espaço em busca de prazer e diversão que atendam não apenas as suas necessidades físicas imediatas, mas também seus imaginários. (...) E nesse turismo, que é antes de tudo deslocamento de sujeitos, a comunicação inter-cultural tem papel fundamental.

2.1.2 Comunicação no Turismo

Falar de comunicação e turismo significa não só detectar os caminhos, recursos e estratégias pelos quais pode-se chegar ao produto turístico, mas, sobretudo, buscar uma reflexão sobre os mecanismos e as maneiras de se 'fazer turismo', 'de planejar turismo'. Significa falar a língua de cada um dos envolvidos no sistema turístico e decodificar seus anseios, seus desejos, suas necessidades. Significa aliar desenvolvimento e sustentabilidade, tradição e tecnologia, consumo e preservação para alcançar o bem comum. Segundo Leal (2008),

Na comunicação turística todos participam: turista, iniciativa pública iniciativa privada e população residente. O turista ao chegar na localidade terá contato com os mais variados mecanismos comunicacionais que permitirão ter uma percepção mais ampla da localidade (diferente daquela que tinha antes de chegar ao destino), o patrimônio histórico e cultural, a população, os recursos naturais, os espaços artificialmente construídos, entre outros aspectos – que permitirão uma comunicação intercultural com a realidade local que está sendo visitada. As empresas turísticas, também conhecidas como trade turístico – composto pela iniciativa privada que disponibiliza seus serviços, produtos e profissionais. As instituições públicas, através da responsabilidade com a infra-estrutura de recebimento de visitante, calendário de eventos da cidade, bem como campanhas publicitárias. E a população residente – que possibilitará um intercâmbio cultural, através da troca de valores, experiências e costumes.

Devido ao fato de no turismo o produto consumido ter um grande componente simbólico, a comunicação turística deve ser muito bem trabalhada para intermediar o diálogo de seus agentes de forma que esse processo comunicacional estabeleça uma relação real entre a oferta e a demanda do setor.

A comunicação entre a oferta do produto turístico e a esfera do seu consumo é desencadeada pela emissão de uma mensagem sobre o produto/destino turístico, utilizando o canal/veículo mais adequado, em direção ao receptor em potencial, neste caso, o turista. E não podemos perder de vista que os veículos de comunicação de massa ainda exercem um papel decisivo nesta relação. O cinema, o vídeo, a televisão e a internet instigam a curiosidade e o desejo das pessoas em

conhecer lugares originais, vivenciar novas experiências e de se relacionar com o outro.

2.1.3 Informação no Turismo

O princípio da intervenção turística, atualmente, na maior parte dos países, tem por finalidade contribuir para o bem-estar da sociedade; garantir a qualidade de vida; favorecer a compreensão internacional e gerar trabalho e renda para a população local (BANDUCCI; BARRETO, 2001).

A informação sempre foi e continua sendo peça-chave para o desenvolvimento do turismo. De acordo com Pinto Junior (2005, p.26),

As possibilidades de aproveitamento do potencial turístico se ampliam a partir do maior conhecimento que se tem do lugar, da comunidade e da região. A informação torna-se essencial a partir do momento em que permite resgatar a história, o processo de constituição dos lugares, da comunidade e sua cultura, o qual reúne elementos de formação dos atrativos, da oferta, da demanda, da infra-estrutura e de outros fatores que compõem ou caracterizam uma destinação.

Com o advento das TIC's, promovendo grandes transformações e rapidez na forma de criação e difusão da informação, e na maneira dos envolvidos no processo turístico se relacionarem e se comunicarem, o papel da informação torna-se ainda mais relevante.

Com grande parte da oferta de serviços e informação turística migrando para o ambiente digital, a quantidade de informação e as possibilidades de comunicação são praticamente ilimitadas. Além de obter dados estatísticos, culturais, econômicos, geográficos, etc., o turista pode organizar e realizar a compra da maior parte dos serviços turísticos pela Rede: elaboração do roteiro de viagem, emissão de passagens aéreas, terrestres e marítimas, reserva de hotel, aluguel de carros, entradas das atrações turísticas etc. Coisas que há pouco tempo precisavam ser

intermediadas por empresas especializadas e agentes de viagem. Isto sem contar as facilidades da troca de informação por meio de email, chats, mensagens instantâneas, etc.

Esta situação é um desafio para o setor de turismo. O desenvolvimento do *savoir-faire* e das melhores práticas de acesso à informação especializada, ou seja, a aquisição de uma Competência em Informação em turismo, cria um diferencial competitivo para o profissional da área, que precisa estar preparado e informado sobre as mudanças e inovações do mercado.

As principais recomendações de organismos internacionais de turismo, como a Organização Mundial do Turismo - OMT, e também aquelas contidas nas políticas públicas voltadas para a área, como o Programa de Regionalização do Turismo, do Mtur, em relação à informação, referem-se à introdução das TIC's em todos os níveis de formação na área: escolas técnicas, profissionalizantes, universidades e o próprio mercado de trabalho; criação de bancos de dados especializados; estabelecimento de redes pessoais e virtuais, formais e informais, visando gerar e agregar valor à informação no setor de turismo (BRASIL, 2004; OMT, 2008).

2.1.4 O Fluxo da Informação no Turismo

A atividade turística recorre frequentemente ao uso da informação e a diferentes meios e formas de comunicação para estabelecer um elo entre os agentes, integrantes de sua Cadeia Produtiva.

No sentido de identificar e organizar o fluxo da informação no turismo, tomamos como base a Cadeia Produtiva do Turismo, pois ela indica os agentes e os serviços integrantes desse processo, bem como os diferentes segmentos se

relacionam entre si e com outros setores da economia. Sendo, dessa maneira, capaz de fornecer insumos para a criação de ações e estratégias ligadas a questões de informação.

Para Souza (2003, *apud* ZAGHENI 2004, p. 67), a Cadeia Produtiva do Turismo é o conjunto de “empresas e de elementos materiais e imateriais que desenvolvem ocupações relacionadas ao turismo, em busca de mercados estratégicos, utilizando-se de produtos competitivos”. O autor explica que ela é constituída, principalmente, por empresas líderes, provedores de serviços e infraestrutura de apoio.

Os serviços e atividades turísticas envolvem grande parte dos agentes da cadeia produtiva, tendo como foco principal o turista: “a qualidade dos serviços prestados é enfatizada no sentido de atender aos desejos e necessidades do turista” (BORDINI; RUSCHMANN, 2008). Dentro de uma perspectiva mais social e integrada às atuais políticas públicas na área, essas mesmas autoras complementam que “os padrões da qualidade não serão atingidos se a população tradicional do local visitado não auferir benefícios sociais, culturais e econômicos, com o destaque para a geração de empregos e da renda”.

O fluxo da informação no turismo acompanha a relação sistêmica da Cadeia Produtiva do Turismo, em que as interações entre os seus agentes e a circulação da informação acontecem de maneira complexa, transversal, ininterrupta, multilateral e assíncrona.

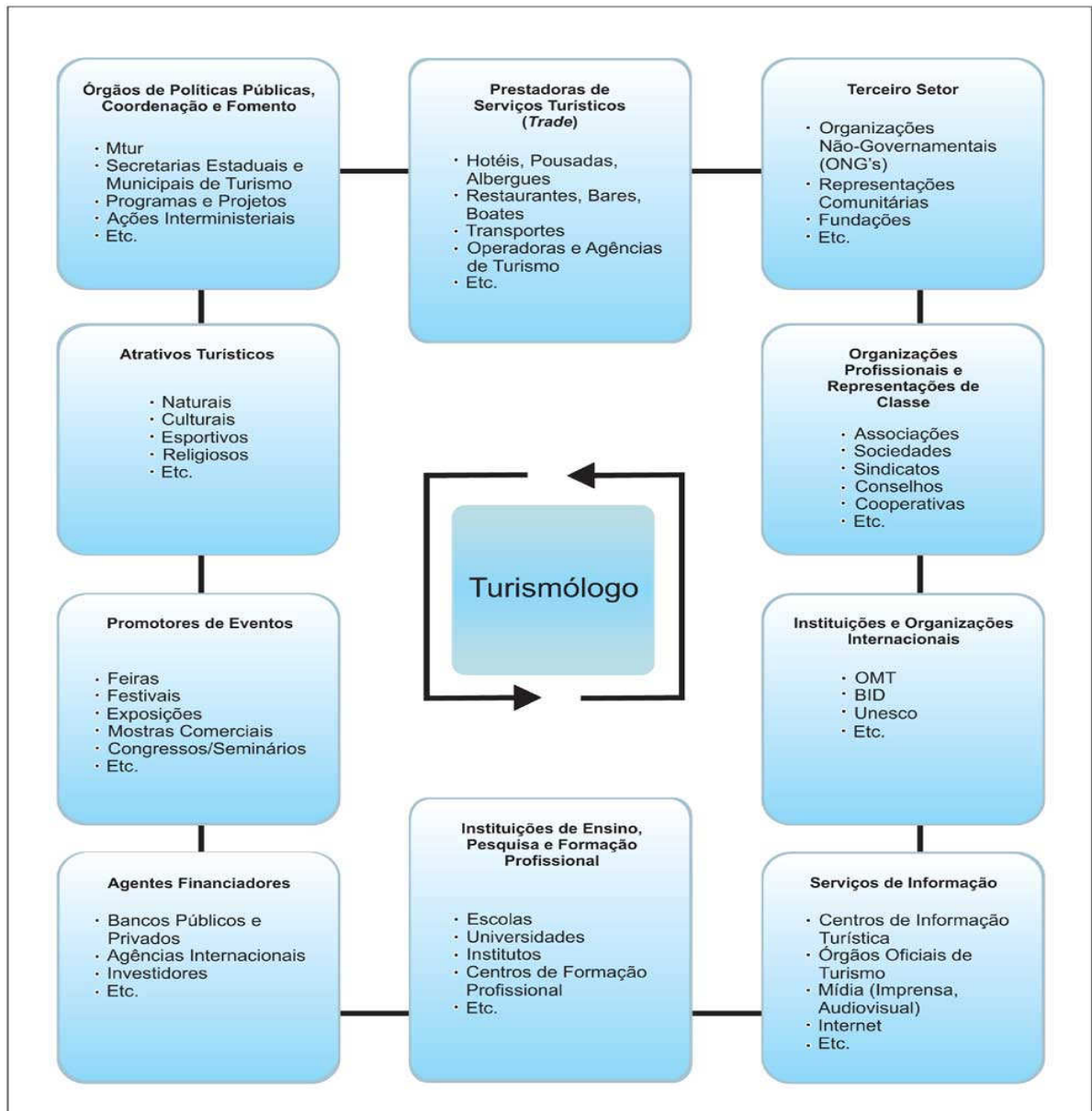
Essa transversalidade ocorre, sobretudo, na dimensão espacial do fenômeno turístico atual, que tem como elemento central a delimitação de um território que corresponde a uma região identificada de oferta e comercialização turística (SILVA;

PERNA, 2002). Ela impõe novas relações sociais que reorganizam os destinos turísticos. De acordo com Fratucci (2008, p.10),

essa reorganização territorial abrange desde as novas redes de comunicações que garantem a acessibilidade dos centros emissores, aos novos usos dados ao solo para atender às funções turísticas, até as relações de concorrência e complementaridade com outros setores e atividades ali existentes.

Com base na Lei do Turismo (BRASIL, 2008), identificamos os agentes da Cadeia Produtiva do Turismo e elaboramos um fluxograma simplificado da informação no turismo (Quadro 1). Colocamos o turismólogo como figura central, relacionando também outros interlocutores e a circulação da informação neste processo.

Quadro 1 - O Turismólogo e o Fluxo da Informação no Turismo



A inter-relação desses agentes faz com que cada um seja produtor e consumidor de informação. Neste sentido, o turismólogo terá de se relacionar com uma gama diversificada de agentes. Isso requer o acesso e o uso de informação de variadas fontes, formatos e objetivos, dentre elas, destacamos:

- Estatísticas e Indicadores (Dados numéricos e informações estatísticas, apresentados sob a forma de tabelas, gráficos e textos.)

- Estudos e Pesquisas (Artigos científicos, dissertações, teses, anais e comunicações científicas de eventos.).
- Legislação e Normas (Leis, decretos, resoluções, projetos de leis, normas, manuais técnicos, etc.).
- Livros, jornais e revistas especializados.
- Material de divulgação turística (textos, gravuras, desenhos, fotos, vídeos, filmes, cartazes, roteiros e pacotes turísticos, dentre outros.).

No entanto, as facilidades e também as barreiras encontradas devido ao acesso imediato e ilimitado à informação, à variedade de fontes de informação e ao crescente desenvolvimento das TIC's, principalmente no universo do turismo, são componentes que reforçam a necessidade dos turismólogos estarem preparados para construir e implementar estratégias eficientes para o tratamento e uso da informação.

2.1.5 A Informação para a Formação Acadêmico-Profissional em Turismo

Para Tefko Saracevic (1992, p.11), a Ciência da Informação:

é o campo devotado à investigação científica e prática profissional que trata dos problemas de efetiva comunicação de conhecimentos e de registros do conhecimento entre seres humanos, no contexto de usos e necessidades sociais, institucionais e /ou individuais de informação. No tratamento desses problemas tem interesse particular em usufruir, o mais possível, da moderna tecnologia da informação.

Diante de tanta informação, alguns estudos já apresentam propostas de delimitação e estruturação dos tipos de informação que circulam pelos diversos setores do turismo. Alguns desses estudos fazem uma hierarquização a partir do tipo de 'produto de comunicação' pelo qual a informação é veiculada. Nascimento e Silva (2005) aportam contribuição para a categorização do universo informacional do

turismo, definindo três dimensões que serviram de orientação para o diagnóstico que realizaram sobre a situação da informação empresarial do setor de turismo em Santa Catarina. Essas dimensões são:

- a) Informação para gestão empresarial: conhecimento tácito e explícito que subsidia o desenvolvimento das atividades empresariais.
- b) Informação para divulgação do turismo: material promocional para satisfazer as necessidades do cliente, turista em potencial, em seu local de origem.
- c) Informação para o turista: material de orientação, que satisfaz as necessidades de informação do turista durante a realização do turismo, isto é, no destino (NASCIMENTO; SILVA, 2005, p.52).

Para atuar nessas dimensões, vários canais de disseminação da informação turística são utilizados. Pinto Junior (2005), no que se refere à divulgação e orientação para o turista, destaca os seguintes canais: material promocional (folhetos, roteiros de viagem, prospectos de destinação turística, vídeos, cartazes, etc.); catálogos (geralmente editados por operadores turísticos, com a descrição dos roteiros e serviços oferecidos nos pacotes turísticos); publicações segmentadas (revistas, guias); eventos (feiras, congressos, exposições); campanhas publicitárias; Famtur e *Press trip* (viagens de familiarização); assessoria de imprensa (para estimular a mídia espontânea); *conventions & visitors bureaux* (entidades privadas que atuam no segmento turístico para promover seus mantenedores); centros de informações turísticas (estruturas físicas montadas para o atendimento ao turista e distribuição de material promocional) e terminais eletrônicos de informações turísticas (disseminam informação para o turista *online*, geralmente são instalados em locais de grande fluxo de pessoas).

Esses canais, e outros, menos convencionais, disponíveis na Internet, como *blogs*, *chats*, fóruns eletrônicos, e as redes sociais, como Orkut e Twitter estão

sendo utilizados para estabelecer a comunicação entre os agentes da cadeia produtiva do turismo e para atender às suas múltiplas necessidades de informação.

Em nossa reflexão sobre a informação para o estudo, elaboração, gestão e disseminação da atividade turística, acrescentamos uma outra dimensão que serve de insumo para a formação acadêmico-profissional em turismo, objetivando a Competência em Informação dos estudantes e profissionais da área. Denominamos essa dimensão:

Informação para a formação acadêmico-profissional em turismo:
conhecimento de fontes de informação, recursos tecnológicos, fluxos e processos de informação do sistema turístico.

Desde o período de sua formação acadêmica, o estudante é confrontado com as necessidades de informação inerentes a sua área de estudo e atuação. A gestão de projetos e atividades turísticas, bem como a elaboração de políticas para o setor demandam intensa utilização de informação proveniente de várias instituições, órgãos, empresas e serviços de informação especializada.

Diante do exposto acima, a Competência em Informação visa favorecer a autonomia do estudante e do profissional numa prática que mostra grande interface com aquela típica de profissionais da informação.

Nesta tese, o foco do estudo está centrado na dimensão da 'Informação para a formação acadêmico-profissional em turismo'. Isto não exclui nem diminui a importância das demais. Esta opção deve-se à necessidade de definirmos o escopo de nosso estudo e visa estabelecer uma inter-relação entre a parte conceitual e a pesquisa empírica.

2.1.6 Informação e Comunicação Científica no Turismo

A institucionalização e a visibilidade de uma área científica acontecem não apenas por meio de suas organizações, associações e eventos, mas pela capacidade de estruturar sistemas, serviços e produtos de informação e de comunicação.

Segundo Garvey (1979), a comunicação científica pode ser definida como

o conjunto de atividades associadas à produção, disseminação e uso da informação, desde o momento em que o cientista concebe uma ideia para pesquisar até que a informação acerca dos resultados seja aceita como constituinte do conhecimento científico.

O processo de informação e comunicação científica do Turismo deve envolver todos os meios relevantes de comunicação, formais e informais, e todas as instâncias reconhecidas de sua institucionalização.

De acordo com Pinheiro (2003, p.62),

abordar a comunicação científica significa não somente focar padrões de comunicação entre pares, mas também englobar tanto a informação à qual recorrem para as suas pesquisas quanto aquela que produzem e transmitem por diferentes canais de comunicação e tipos de documentos.

Uma das medidas necessárias para o fortalecimento do turismo como campo de estudos e pesquisas científicas no Brasil é a organização da informação sobre e relacionada ao tema, que está dispersa e sem muitos repositórios especializados, como bases de dados, bibliotecas e centros de informação/documentação.

Das seis universidades que oferecem cursos de mestrado em turismo, reconhecidos pela CAPES, a Universidade de Brasília -UnB é a única que possui um setor de documentação e informação especializado na área. Vinculado à Biblioteca Central, o Núcleo de Documentação e Informação em Turismo - NDIT tem por finalidade fornecer subsídios e dar suporte informacional à comunidade acadêmica e

às entidades relacionadas ao setor de turismo no Brasil e no exterior. O NDIT reúne livros, periódicos, vídeos, *cd-roms*, slides e mapas. Boa parte desse acervo foi cedida pelo Instituto Brasileiro de Turismo - Embratur e constitui um registro histórico do turismo brasileiro.

Saindo da área acadêmica e partindo para o a esfera governamental, constatamos que nem o Ministério do Turismo – Mtur nem o Embratur possuem um setor de informação/documentação especializado em seu organograma ou em suas dependências. De acordo com estudo feito por Hatschbach (2006), as informações e os dados estatísticos disponibilizados nos *sites* desses órgãos não estavam apresentados de forma organizada nem sistemática, faltava a data de atualização das páginas, havia *links* quebrados e páginas com informação insuficiente ou em branco.

A informação, no âmbito governamental, deve ser utilizada como instrumento de avaliação da realidade social e de apoio para elaboração de políticas públicas. Nesse sentido, Ferreira (2003) ressalta que

o quadro funcional tutelado pelo poder público precisa ser preparado para trabalhar sob a perspectiva do processo de que se constituem as práticas de coleta, processamento e disseminação da informação, a fim de prestar serviços informacionais mais eficientes à sociedade.

Se o Programa de Regionalização do Turismo do Mtur prevê um sistema que mostre a versatilidade quanto à alimentação, atualização e disponibilização de informações, é preciso rever e reavaliar os atuais ambientes de informação e interação e a capacitação do profissional, para que eles possam, efetivamente atender às demandas sociais.

2.1.6.1 Periódico Científico

O periódico científico representa uma parte significativa da estrutura da comunicação científica. Basta lembrarmos que um dos indicadores para medir a Ciência de um país é a quantidade de artigos publicados em periódicos científicos qualificados. Mas a força de um periódico científico é diretamente influenciada pelo ambiente ao qual ele está inserido. Para Minozzo e Rejowski (2004, p.4) estes fatores são:

estágio de desenvolvimento da área científica a que está ligado; grau de engajamento da comunidade na pesquisa e fluxo de artigos para publicação; desempenho de grupos e instituições responsáveis pelas funções de: edição, avaliação, publicação, disseminação e recuperação; comunidade de usuários; infra-estrutura para sua distribuição e seu acesso.

Desta forma, o periódico científico em turismo e a compreensão, sobretudo na área acadêmica, de sua importância e do seu papel para o desenvolvimento e consolidação das pesquisas em turismo, são questões a serem apresentadas e discutidas junto à comunidade acadêmica brasileira.

No Brasil, identificamos, atualmente, em circulação, 13 revistas de turismo com status de periódico científico, ou seja, que atendem a critérios como: conselho editorial especializado, revisão pelos pares e publicação de artigos inéditos, resultados de estudos e pesquisas, bem como mantêm uma periodicidade (PEREIRA; PUERADI, 1996). A seguir, no Quadro 2, são apresentadas algumas características dessas revistas.

Quadro 2 - Periódicos Científicos de Turismo - Brasil

Título	Editor	Foco	Criação	Periodicidade	Qualis
Revista Turismo em Análise'	Escola de Comunicação e Artes – ECA/USP e Editora Aleph	estudos, pesquisas e relatos de experiências de docentes, pesquisadores e profissionais na área de Turismo e Hotelaria	1990	semestral	não
Revista Turismo - Visão e Ação'	Programa de Mestrado Acadêmico em Turismo e Hotelaria da Univali/SC	divulga trabalhos técnico-científicos	1998	quadrimestral	não
Licere	Programa Multidisciplinar de Mestrado em Lazer da Universidade Federal de Minas Gerais	ensaios, resultados de pesquisa ou reflexões teóricas sobre projetos de intervenção	1998	quadrimestral	B4
Turismólogo in Focco'	Associação Brasileira de Bacharéis em Turismo – ABBTUR	artigos técnicos e trabalho científicos	2001	bimestral	não
Caderno Virtual de Turismo (*)	Instituto Virtual de Turismo/UFRJ	abrange vários aspectos da área, com ênfase na temática turismo e desenvolvimento social	2001	quadrimestral	B5
Revista Eletrônica Patrimônio: Lazer & Turismo (*)	Programa de Mestrado em Gestão de Negócios, da Universidade Católica de Santos - UniSantos	publica artigos acadêmicos, ensaios e resenhas na área de lazer e turismo	2003	trimestral	B5
Revista Científica Eletrônica de Turismo (*)	Faculdade de Ciências Humanas de Garça /SP	estimular o desenvolvimento de trabalhos científicos e atividades de pesquisa durante a graduação	2004	semestral	B5
Revista Hospitalidade'	Programa de Mestrado em Hospitalidade da Faculdade Anhembi Morumbi/SP	divulga trabalhos de pesquisa relacionados à área de hospitalidade, incluindo os campos da hotelaria, gastronomia e turismo	2004	semestral	B5
Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo	Neath/FGV/ Embratur	debate de temas relacionados à gestão pública e privada do turismo, orientados para o equilíbrio entre as abordagens teórica e prática	2006	trimestral	B4
Revista Turismo e Ciência'	Faculdade de Turismo da Universidade do Oeste Paulista - Unoeste	publica contribuições científicas na área de Turismo e Hotelaria	2006	anual	não
Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo – RBTur	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo – ANPTUR	aborda o Turismo como campo de estudo multi e interdisciplinar, priorizando o diálogo entre as diferentes perspectivas de conhecimento	2007	trimestral	B4
Revista Eletrônica de Turismo Cultural (*)	Departamento de Propaganda, Relações Públicas e Turismo - ECA/USP	discute o Turismo Cultural a partir de diferentes perspectivas e de visões interdisciplinares	2007	semestral	B5
Cultur- Revista de Cultura e Turismo (*)	Programa de Mestrado em Cultura e Turismo da Universidade Estadual de Santa Cruz.-BA	dissemina conhecimento multidisciplinar relacionado à Cultura e Turismo	2007	semestral	não

(*) Apenas em formato eletrônico.

Das treze revistas relacionadas acima, onze estão vinculadas a universidades, a maioria à pós-graduação, o que pode ser considerado um aspecto positivo quanto à abordagem acadêmica. Cinco delas já surgiram em formato eletrônico. As demais, apesar de terem sido criadas em formato impresso, também estão *online*.

Cinco periódicos possuem avaliação Qualis¹ B4 e B5 da Capes. O que significa que atendem a determinados critérios de qualidade, mas a sua posição na hierarquia de qualidade pode ainda ser considerada baixa. A periodicidade é variada, mas indica regularidade. A data de criação mostra que a maior parte dos periódicos surgiu a partir do ano 2000, refletindo que

Com relação ao foco temático, que consta no Quadro 2 conforme definido pelos editores, nota-se o interesse em tratar o turismo dentro de uma perspectiva acadêmica, com ênfase na atividade de pesquisa.

Quanto ao formato de publicação, observamos uma boa representatividade de revistas já nascidas em ambiente virtual. Com o advento da publicação de periódicos em formato eletrônico na internet, onde os custos de edição diminuíram bastante, principalmente devido ao fato de não haver mais gastos com impressão, encadernação e distribuição, percebe-se um aumento de publicações e uma segmentação das temáticas abordadas. Iniciativas como o Sistema de Eletrônico de Editoração de Revistas - SEER, gratuito, desenvolvido especialmente para a gestão e publicação de periódicos na internet, têm incentivado vários grupos de pesquisa a criarem suas revistas *online*.

2.1.6.2 Associações e Sociedades Científicas

No que se refere às Sociedades Científicas da área, a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo – ANPTUR, fundada em 8 de novembro de 2002, reúne instituições brasileiras que mantêm Programas de Mestrado e/ou

¹Os periódicos editados no Brasil são classificados segundo os seguintes critérios: normalização; publicação; circulação e visibilidade; autoria e conteúdo; gestão editorial, e qualidade percebida dos artigos publicados. Periódicos exclusivamente eletrônicos são também avaliados quanto às suas características especiais, por exemplo: requisitos e facilidade de acesso ao site; visualização, informações disponíveis e mecanismos de busca existentes no site; disponibilidade de textos integrais; estatísticas de acesso ao site etc. (CAPES, 2005).

Doutorado em Turismo, Hotelaria, Lazer ou áreas afins, representando seus interesses, especialmente no que concerne à formulação da política educacional de educação e pesquisa, ao estabelecimento de objetivos e padrões de excelência educacional e à captação de recursos e incentivos para o desenvolvimento da pesquisa e do ensino de pós-graduação em turismo no Brasil. A ANPTUR já realizou quatro seminários nacionais (Seminários Anptur), sendo que o de 2006 foi concomitante ao Seminário em Pesquisa e Turismo do MERCOSUL (SeminTUR), evento científico organizado pelo Mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul - UCS. Outra entidade é a Associação Brasileira de Bacharéis em Turismo – ABBTUR, que representa o turismólogo, visando contribuir para o desenvolvimento da atividade turística em geral.

Nesta seção, abordamos alguns aspectos da informação e comunicação científica no turismo, no Brasil, como a criação de periódicos e realização de eventos científicos na área, visando contribuir para a delimitação do universo informacional para a formação acadêmica em turismo. Muitos aspectos ainda precisam ser levantados e estudados, por exemplo, os recursos de informação e comunicação derivados e específicos do ambiente virtual, como fóruns, *chats*, portais, bibliotecas virtuais, etc. A identificação dessas e outras ferramentas próprias da comunidade científica e sua compreensão e utilização por estudantes, professores e pesquisadores da área serão fundamentais para a consolidação do ensino, pesquisa e formação profissional em Turismo no Brasil.

2.2 O ENSINO DE TURISMO NO BRASIL

A formação na área de turismo no Brasil pode ser feita pela Educação Profissional de Nível Técnico, oferecida simultaneamente ao Ensino Médio ou após a sua conclusão; e pelo Ensino Superior, nas modalidades de cursos sequenciais, de graduação, de pós-graduação e de extensão.

2.2.1 Cursos Profissionalizantes

O profissional Técnico em Turismo adquire habilitação para atuar, prioritariamente, como Agente de Viagens e Guia de Turismo. Os cursos profissionais de nível técnico de turismo visam capacitar o estudante para promover e vender produtos e serviços turísticos, bem como desenvolver atividades administrativas e gerenciais em agências e operadoras de turismo, auxiliar na elaboração de roteiros turísticos, comercializar serviços de receptivo em hotéis, museus e eventos, conduzir indivíduos ou grupos em passeios, visitas e/ou viagens coordenando-os e promovendo a interação entre eles e as comunidades receptoras e incentivando a valorização mútua de diferenças culturais a fim de reduzir impactos socioculturais.

O alto índice de empregabilidade, segundo pesquisa realizada pelo MEC (2009), é atualmente o principal atrativo da formação técnica de nível médio. Em todo o Brasil, 72% de todos os egressos desses cursos estão empregados.

Os princípios que norteiam os cursos técnicos profissionalizantes são a valorização entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais; independência e articulação com o ensino médio; desenvolvimento de competências para atuar no mercado de trabalho; flexibilidade e interdisciplinaridade (BRASIL, 1996).

Em relação às competências e habilidades específicas da teoria e técnica profissional, de acordo com as diretrizes do Ministério da Educação (2009), espera-se que, ao final de um curso técnico de turismo, os estudantes sejam capazes de:

Competências:

- Conhecer os fundamentos do turismo e do lazer.
- Conhecer as características da infra-estrutura turística, equipamentos e serviços.
- Estudar a segmentação do turismo.
- Reconhecer a infra-estrutura de apoio ao turismo.
- Estudar as características e recursos da viagem.
- Tomar conhecimento da rotina de elaboração e implementação de roteiros e narrativas.
- Estudar o detalhamento para guiamento de turistas.
- Conhecer a dinâmica de orçamentos.
- Ler e interpretar informações referentes ao turismo, eventos, hospedagem, alimentação, passeios.
- Aprender a conciliar oferta e procura.

Habilidades:

- Organizar, identificar e avaliar programas turísticos, roteiros, itinerários bem como serviços, infra-estrutura e meios de apoio (transporte, materiais, etc.) necessários a sua realização.
- Conduzir e assessorar grupos de turistas.
- Prever custos e definir preços.

Como podemos observar, várias dessas competências e habilidades profissionais do turismo implicam no uso sistemático da informação durante a formação técnica do estudante. Isso requer uma atenção e uma valorização de toda e qualquer atividade que venha a contribuir para o aperfeiçoamento do aluno nas questões referentes ao tratamento e à utilização da informação, já a partir deste nível de ensino.

2.2.3 Cursos Superiores

O primeiro curso superior de turismo no Brasil, o da Faculdade de Turismo Anhembi, foi criado pelo parecer nº 35/71 do Ministério da Educação, aprovado em 28 de janeiro de 1971. De acordo com a literatura sobre o surgimento dos cursos de turismo no Brasil, o momento foi propício devido à expansão da atividade turística à época e à conseqüente necessidade de pessoal especializado para atender tanto aos interesses do poder público quanto da iniciativa privada.

Segundo Margoni (2006, p.21),

A tendência era a formação de mão-de-obra para os setores novos que se desenvolviam no país e o turismo foi percebido como uma opção por um grupo de professores que identificou a necessidade de inserir no mercado um curso que atendesse à demanda de profissionais para a área, considerada promissora em um país com amplos recursos naturais.

Nos últimos 20 anos houve uma explosão dos cursos de nível superior de turismo no Brasil. De acordo com Teixeira (2001, p.17), entre os anos 1991 e 2001 o crescimento foi de 900% no número de cursos de Turismo e de 1.757% nos cursos de Hotelaria. Em 2001, o país contava com 371 cursos na área de turismo e hotelaria. Já em 2006, o total de cursos de turismo era 710, um crescimento de 91,37% em relação a 2001.

Em 2008, o site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP relaciona 782 cursos de graduação em turismo, em todo o país, distribuídos de acordo com o Quadro 3, e no estado do Rio de Janeiro no Quadro 4.

Quadro 3 - Cursos de Graduação em Turismo – por Região – Brasil (2008)

Região	Número de cursos de graduação em turismo
Norte	41
Nordeste	164
Centro-Oeste	86
Sudeste	375
Sul	116
TOTAL BRASIL	782

Fonte: INEP (2008).

A concentração de cursos de nível superior de turismo no sudeste é alta, cerca de 48%, mas acompanha a concentração que se verifica de modo geral na C&T do país.

Quadro 4 - Cursos de Graduação em Turismo - Estado do Rio de Janeiro (2008)

Modalidade do curso	Instituição Pública	Instituição Privada	TOTAL
Curso superior de tecnologia de gestão em turismo	02	15	17
Curso superior de tecnologia em eventos	-	01	01
Curso superior de tecnologia em turismo, entretenimento e hotelaria	-	01	01
Curso de graduação em turismo	05	22	27
Curso de graduação em turismo e hotelaria	-	03	03
Curso de graduação em turismo e hospitalidade	-	01	01
TOTAL	07	43	50

Fonte: INEP (2008).

Como podemos observar no Quadro 4, os cursos de turismo no estado do Rio de Janeiro estão divididos em 06 modalidades e a maioria deles, 43 cursos (86%), é oferecida por instituições privadas de ensino. A modalidade Curso de Graduação em Turismo é a que oferece o maior número de cursos 27, representando 54% do total.

O turismo tem boa colocação entre as Ciências Sociais Aplicadas no que se refere ao número de estudantes. Segundo dados apresentados em estudo de Olinto (2003), no ano de 2003, 10.232 alunos concluíram a graduação em turismo no país, ocupando o 4º lugar (1.9%) do total do número de alunos das 08 carreiras de Ciências Sociais e Aplicadas (administração, direito, comunicação social, turismo, economia, arquitetura e urbanismo, serviço social, design).

Em 2006, de acordo com dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP (2008), 36.132 estudantes ingressaram em cursos de graduação presenciais em turismo no país, distribuídos pelas seguintes habilitações (Quadro 5):

Quadro 5 - Ingressantes no curso de graduação em turismo – Brasil (2006)

HABILITAÇÃO	NÚMERO DE MATRÍCULAS
Viagens, turismo e lazer	18.652
Lazer e turismo	176
Planejamento, gestão e turismo	131
Turismo	15.074
Turismo e hotelaria	2.099
TOTAL	36.132

Fonte: INEP (2008).

As motivações que levam o indivíduo a buscar um curso superior são a busca de conhecimento para atender às exigências do mercado de trabalho formal, realização profissional, auto-realização, reconhecimento social, prestígio e poder,

dentre outras (MAGALHÃES et al, 2001). No entanto, cada carreira, de acordo com suas especificidades, desperta motivos peculiares.

As motivações que levam à procura do turismo como profissão têm interessado a alguns pesquisadores. Trentin e Silva (2008), com base nos motivos que levam os alunos a ingressar em um curso de Bacharelado em Turismo, citados por calouros da Universidade Federal Fluminense, elaboraram seis grandes categorias de motivações:

- 1 – Natureza Diversificada da Área.
- 2 - Natureza do Currículo.
- 3 - Habilidades e Desejos Pessoais.
- 4 - Características da Instituição de Ensino.
- 5 - Oportunidades e Caráter Social da Profissão.
- 6 - Influência de Pessoas.

Os resultados do estudo indicam que o principal motivo de escolha do curso de turismo está relacionado à diversidade da área, interação com diversos tipos de pessoas e interdisciplinaridade, o que é uma forte característica do currículo do curso.

A avaliação dos cursos de turismo, quanto à qualidade do curso e ao prestígio da profissão, também tem sido objeto de pesquisas. Costa e Mota (2008, p.10), em levantamento realizado junto a graduandos de turismo de duas instituições privadas de Fortaleza, chegaram à conclusão que há uma boa aceitação dos cursos e da própria profissão:

um número reduzido de estudantes está no grupo dos que avaliam bastante criticamente o serviço recebido, o prestígio da profissão, e a própria identificação com o curso. Já os estudantes classificados como entusiasmados ou satisfeitos estão em número bastante superior, indicando que, em geral, 87% dos estudantes percebem valor de nível intermediário a elevado, além de se sentirem bastante convictos quanto à profissão, e de perceberem um elevado prestígio externamente.

Outra pesquisa, realizada por Mendes (2008, p.7), com alunos do curso de turismo da Universidade Vale do Rio Doce – Univale/MG, também indica avaliação positiva. Os alunos consideram que o curso é promissor e propicia aquisição de conhecimentos básicos. No entanto, não satisfaz totalmente as suas expectativas, pois carece de recursos para resolver os problemas por eles apresentados. Porém, a maior parte dos alunos entrevistados reforça a importância do curso para a Universidade e para o contexto local.

A rápida expansão dos cursos de graduação em turismo no Brasil não é acompanhada pela pós-graduação *stricto-sensu* (mestrado e doutorado), como podemos observar no Quadro 6.

Em 1993, a Escola de Comunicações e Artes da USP ofereceu o primeiro curso de Mestrado em Turismo e Lazer no Brasil. A partir de 1996 tornou-se uma linha de pesquisa no programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação da ECA/USP. Em outubro de 2009, a Capes (2009) relacionava 06 cursos de mestrado em turismo, reconhecidos no Brasil.

Quadro 6 - Mestrados de Turismo – Brasil (2009)

Instituição de Ensino	Dependência Administrativa	Curso	Ano de Reconhecimento
Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN/RN	Federal	Turismo	2008
Universidade de Brasília-UnB/DF	Federal	Turismo	2006
Universidade Anhembi Morumbi – UAM/SP	Particular	Hospitalidade	2005
Universidade de Caxias do Sul-UCS/RS	Particular	Turismo	2005
Universidade do Vale do Itajaí-Univali/SC	Particular	Turismo e Hotelaria	2005
Centro Universitário UMA/MG	Particular	Turismo e Meio Ambiente	2004

Fonte: Capes (2009).

Dentre os cursos recomendados e reconhecidos pela Capes, disponível no site dessa instituição, em 2009 ainda não havia curso de doutorado em turismo no Brasil. Entretanto, podemos identificar linhas de pesquisa de programas de pós-graduação, em outras áreas do conhecimento, que abordam o turismo, como o doutorado em Ciência da Comunicação da USP, com a linha de pesquisa: Relações Públicas, Propaganda e Turismo e o doutorado em Desenvolvimento Regional e Urbano, da Universidade Salvador - Unifacs, com a linha de pesquisa: Circuitos Internacionais e Locais do Turismo. Observamos que a pós-graduação em turismo é, em sua maioria, oferecida por instituições privadas. Do total de seis cursos de mestrado, quatro são privados.

Uma das razões para a pouca expansão da pós-graduação pode estar no déficit de corpo docente. Segundo Trigo (2008), “o principal problema é a falta de professores, especialmente titulados (mestres e doutores) e a falta de uma visão

estratégica coerente com o dinamismo e sofisticação dos setores de viagem e turismo”.

2.2.4 Instituições de Pesquisa em Turismo

Como medida estratégica para a formação de massa crítica e desenvolvimento de estudos sobre a atividade turística no país, além de possibilitar o intercâmbio de idéias e experiências com outros países, já foram criados, no Brasil, alguns centros de estudo e discussão acadêmica, dentre eles destacamos: o Instituto Virtual de Turismo - IVT; o Núcleo de Estudos Avançados em Turismo e Hotelaria-NEATH; e o Instituto de Pesquisas e Estudos do Turismo – Ipetur, todos no estado do Rio de Janeiro.

O Instituto Virtual de Turismo do Estado do Rio de Janeiro – IVT-RJ, inserido no Programa de Engenharia de Produção - COPPE da UFRJ, foi constituído em 1999. Suas linhas de ação priorizam uma abordagem de conhecimento, análise e comparação de experiências para o aprofundamento de estudos referentes à temática ‘turismo e desenvolvimento social’. A Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas – EBAPE, da Fundação Getúlio Vargas – FGV, criou o Núcleo de Estudos Avançados em Turismo e Hotelaria - NEATH. Por meio de pesquisas acadêmicas na área de políticas públicas e gestão empresarial relacionadas ao setor, cursos de capacitação e aperfeiçoamento dos profissionais da área, convênios e consultorias. O referido Núcleo pretende criar instrumentos que possibilitem o conhecimento do que é estratégico para atividade turística no Brasil. Já o Instituto de Pesquisas e Estudos do Turismo – Ipetur, da Escola de Turismo e Hospitalidade, UniverCidade/RJ, foi criado em 2002 com o objetivo de realizar estudos e pesquisas sobre diversos aspectos do turismo. Atualmente está integrado

ao *CIRET – Centre International de Recherches et Études Touristiques*, com sede na França, uma rede de especialistas que promove o debate e permite o acesso a uma base de dados especializada em turismo.

Esses esforços são uma demonstração de que a formação acadêmico-profissional da área é o caminho que levará o país a alcançar patamares mais elevados no que diz respeito à contribuição que se espera do Turismo para o crescimento e melhoria das condições de vida de nossa população.

Essa capacitação profissional contribuirá para a melhoria da qualidade dos serviços oferecidos, a visibilidade do país como atrativo para o público interno e externo, o fomento e ampliação de negócios na área, beneficiando diretamente as comunidades locais e aumentando a renda do trabalhador brasileiro, e, conseqüentemente, para o maior desenvolvimento do Brasil pela via do Turismo. Um aspecto básico desta capacitação é a Competência em Informação, tema abordado e aprofundado a partir da próxima seção.

3 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Nesta seção abordaremos a evolução dos estudos sobre Competência em Informação nos principais países onde ela vem sendo tema de trabalhos e pesquisas acadêmicas. Daremos ênfase à formação do estudante na área, às questões de sua avaliação e ao desenvolvimento de pesquisas em Competência em Informação, sobretudo no Brasil.

3.1 QUADRO DE REFERÊNCIA CONCEITUAL

O desenvolvimento de habilidades para o melhor uso e proveito da informação é fundamental, atualmente, nos mais diversos contextos. Conseqüentemente, o interesse e a importância da Competência em Informação (*Information Literacy*) estão ultrapassando as fronteiras da Ciência da Informação e da Biblioteconomia, berço e terreno fértil dessa temática, particularmente no que diz respeito ao comportamento do usuário no processo de busca da informação (*information-seeking behavior*). A Competência em Informação já tem luz própria, como área de estudos na Ciência da Informação, com bastante autonomia, apesar de sua grande interface com outras áreas do conhecimento, entre as quais podemos mencionar a educação, as ciências sociais, a psicologia cognitiva, a comunicação, o marketing, o direito e a informática.

Isso pode ser verificado por meio do surgimento do tema como termo indexado em bases de dados especializadas, como a *Library and Information Science Abstract – LISA* e a *Education Resources Information Center – ERIC*, bem como o destaque dado à Competência em Informação nos eventos científicos, como

a Conferência da *International Federation of Library Associations and Institutions* – IFLA e da Unesco.

Podemos atribuir este avanço como reflexo das demandas da Sociedade da Informação, que também proporcionou novas bases conceituais, estruturas físicas e virtuais e tecnologias para o aprendizado e a aquisição de conhecimento, em sentido amplo (LAU, 2007).

3.1.1 Evolução Temática dos Estudos

O conceito de Competência em Informação tem sido interpretado com enfoques variados desde meados da década de 1970 e foi vinculado, inicialmente, ao ‘uso de fontes de informação’, ‘técnicas e métodos de estudo’, ‘habilidades para pesquisa’ e ‘instrução bibliográfica’ (ZURKOWSKI, 1974; BURCHINAL, 1976).

No final da década de 1980, o Comitê Presidencial da *American Library Association* - ALA reconhece a importância da Competência em Informação para manutenção de uma sociedade democrática, e a conceitua de acordo com os requisitos necessários para sua aquisição.

Para ser ‘competente em informação’, a pessoa deve ser capaz de reconhecer quando a informação é necessária e ter a habilidade de localizar, avaliar e usar efetivamente esta informação (...) e usar a informação de forma que os outros também possam aprender com ela (ALA, 1989).

Nos anos noventa, vários autores corroboram esta perspectiva e afirmam que uma pessoa competente em informação é aquela capaz de, por meio de certas estratégias, se ‘educar/formar’ de maneira autônoma (KUHNLTHAU, 1991; DOYLE, 1992, 1994; BRUCE, 1995; EISENBERG; BROWN, 1992; CORREIA, 2002).

O 'aprendizado baseado em recursos' (*resource-based learning*), modalidade de prática pedagógica, tem na busca e uso da informação a ênfase para a construção do conhecimento. Essa forma de aprendizado foi popularizada na área da Ciência da Informação e Biblioteconomia, com a adoção dos princípios da Competência em Informação em projetos de aprendizagem, utilizando uma ampla variedade de recursos, fontes de informação e tecnologias (LOERTSCHER; WOOLS, 1997; SCONUL, 1999).

O aprendizado baseado em recursos, assim como o currículo integrado, encoraja os aprendizes na realização de pesquisas e investigações utilizando uma variedade de técnicas, em variados locais, em interação com outros aprendizes, docentes e mesmo no ambiente familiar. Outros recursos como a televisão, o rádio, grupos de discussão na internet, emails são considerados como fontes valiosas de informação e de integração intelectual (DUDZIAK, 2001, p.85).

A preocupação com a 'inclusão digital' e 'a alfabetização tecnológica', ou seja, o acesso e o uso de recursos tecnológicos, foi se tornando cada vez mais presente dentro da nova visão de alfabetização para o Século XXI (LEVY, 2001; BONILLA, 1999).

Aos poucos, a idéia de 'aprendizado ao longo da vida' (LAU; CORTES, 1999) foi se agregando ao conceito, sobretudo quando a Competência em Informação ultrapassou as fronteiras do mundo acadêmico e começou a ser discutida também no ambiente de trabalho. Levando em conta as atuais tendências mundiais, em que o desenvolvimento econômico está cada vez mais dependente da utilização da informação e da capacidade de aprendizagem de seus trabalhadores, a Unesco (2007) faz doze recomendações no sentido de que o poder público, empresas, instituições de ensino, organizações profissionais, sindicatos, associações comerciais e industriais, ong's etc. se unam para oferecer às pessoas uma

capacitação em Competência em Informação e, conseqüentemente, a oportunidade de realizar um trabalho independente baseado em reflexão crítica.

A Competência em Informação permite que uma pessoa seja capaz de utilizar e aplicar a informação de forma crítica, em sua praxis profissional, contribuindo para sua competitividade e rendimento. Nesse sentido, é preciso que as propostas formativas de Competência em Informação levem em conta e se adaptem às particularidades das distintas profissões (ORTOLL ESPINET, 2003).

Com o passar dos anos, o tema Competência em Informação foi se expandindo e despertando o interesse de professores, psicólogos, coordenadores de curso e diretores, além daqueles genuinamente envolvidos, ou seja, os bibliotecários e profissionais da informação. Vários aspectos foram se agregando ao seu estudo: novos públicos/usuários, trabalho em rede (resultado, em grande parte, do avanço das novas tecnologias), desenvolvimento de material instrucional, dentre eles os tutoriais (HATSCHBACH, 2002; SULLIVAN, 2004), sem esquecer da preocupação com a ética e a propriedade intelectual, sobretudo o direito de autor (WEBBER, 2000; LAU, 2006). Estudos e projetos interdisciplinares começam a ser realizados com mais frequência e em maior número, o que contribui para que a Competência em Informação absorva importantes aportes de diferentes áreas do saber.

Em 2000, a *Association of College & Research Libraries - ACRL*, dos Estados Unidos, atualizou a Agenda de Pesquisa para Instrução Bibliográfica e Competência em Informação (ACRL, 2000), publicada pela primeira vez em 1980, contendo diretrizes para a realização de estudos na área, dividindo-a em quatro setores de aplicação: Estudantes, Ensino/Docência, Contexto Organizacional e Avaliação. Essa Agenda ratificava o que vinha acontecendo na prática: a Competência em Informação tinha ampliado consideravelmente seu escopo, principalmente no meio acadêmico, agregando profissionais que não eram mais apenas aqueles vinculados

diretamente às bibliotecas. Diante desta nova perspectiva, que rumos tomar? Dentro do ambiente acadêmico, alguns procedimentos estão mais consolidados, e estudos quantitativos e qualitativos visam dar conta deste cenário.

3.1.2 Situando-se na América Latina

Nos países ibero-americanos, sobretudo na América Latina, estudos sobre o tema começaram a criar forma e fôlego no final da década de 1990. No entanto, a falta de um termo consolidado e reconhecido como os que já existem em inglês, *Information Literacy*, e francês, *Maîtrise de l'Information*, para denominar a área, dificulta a identificação mais consistente dos estudos e pesquisas sobre Competência em Informação na região.

No idioma espanhol, o termo *Alfabetización Informacional* (Alfin) é a tradução literal de *Information Literacy*, aparecendo inicialmente nos *Anales de Documentación* (1998), da Universidade de Murcia, na Espanha, e no livro *Estrategias y modelos para enseñar a usar la información*, de Gómez-Hernández (2000), e expandindo-se devido a sua presença e utilização na internet. Porém, também são utilizadas expressões sinônimas como *Alfabetización en Información*, *Competencia Informacional*, *Desarrollo de Habilidades Informativas* – DHI, essa última mais usada no México.

Em português, também convivemos com uma terminologia variada. Em Portugal, o termo mais utilizado é 'Literacia Informacional', mas são igualmente empregados: 'Literacia da Informação', e 'Competências da Informação'. No Brasil, encontramos: 'Alfabetização Informacional', 'Alfabetização em Informação', 'Competência Informacional' e 'Competência em Informação'. Sendo esse último o termo proposto na primeira mesa-redonda sobre Competência em Informação (XIII

Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, Natal/RN, 2004), reconhecido e utilizado, desde então, por diversos pesquisadores da área. Os primeiros trabalhos acadêmicos brasileiros tratando especificamente das teorias e aplicações da *Information Literacy* surgiram no Século XXI, notadamente os artigos de Belluzzo (2001) e as dissertações de Dudziak (2001) e Hatschbach (2002).

Podemos constatar que existe uma quantidade considerável de artigos em espanhol e português sobre habilidades para o uso de computadores e da Web, sobre instrução bibliográfica e serviços oferecidos pelas bibliotecas, sobre como elaborar trabalhos acadêmicos (metodologia científica), sobre a utilização de ferramentas de busca na internet, etc. Ainda são poucos os trabalhos que tratam de forma integral das habilidades para o acesso e o uso da informação, ou da Competência em Informação. Identificamos, também, que começam a ser realizados estudos integrando o ambiente organizacional e as políticas institucionais para o desenvolvimento da Competência em Informação e sua importância para o mercado de trabalho (CORTÉS et al, 2002; BELLUZZO, 2004; DUDZIAK, 2005; HERNÁNDEZ SALAZAR, 2006).

As atividades voltadas para a Competência em Informação ainda estão muito dispersas na América Latina. Algumas escolas, a maioria privada, oferecem programas para o desenvolvimento dessa competência. A maior parte dos projetos acontece nas instituições de ensino superior de países como Brasil, Cuba, Chile e México.

Há uma necessidade de se criar diretrizes para orientar projetos e atividades de Competência em Informação para diferentes setores e níveis educacionais. Nesse sentido, os trabalhos de Belluzzo (2004) sobre parâmetros de avaliação da formação contínua de professores do ensino fundamental para o desenvolvimento

da competência em informação e de Angulo (2003), que propõe uma metodologia para elaborar normas técnicas de Competência em Informação são exemplos que incluem aplicações práticas.

No relatório da Unesco (2007) sobre Competência em Informação, são relacionadas dissertações e teses consideradas de escopo abrangente e relevância internacional. As abordagens variam desde a caracterização da área até a implementação de programas de Competência em Informação. Dentre os países onde foram realizados esses estudos, Cuba tem bastante representatividade (LÓPEZ; 2005; CRUZ, 2006; JIMENÉZ, 2006; MARTI, 2006; MEDINA, 2006; RODRÍGUEZ, 2006; VIERA, 2006); bem como o México (ÂNGULO, 2003; GONZÁLES, 2005; PALÁCIOS, 2006), o Brasil (DUDZIAK; 2001; HATSCHBACH, 2002), o Peru (GARCIA, 2004) e o Chile (PÉREZ, 2003).

No contexto latino-americano, especificamente o caso brasileiro, tem sido recorrentemente apontada a relevância do tema, em diferentes tipos de projetos, como um recurso para superar a defasagem do acesso e do uso da informação, que acompanha as grandes desigualdades sociais do país. Assim, o tema da Competência em Informação está associado ao da construção da cidadania e à superação da exclusão digital no Brasil (FERREIRA, 2004; SILVA, 2005).

3.1.3 A Ênfase na Formação do Estudante

O desenvolvimento da Competência em Informação no ambiente escolar pode ser realizado por meio de diferentes teorias e métodos pedagógicos. As atividades, aulas e material didático normalmente são baseados na opção metodológica do responsável por sua elaboração. Um método bastante utilizado no desenvolvimento de Competência em Informação é a 'Aprendizagem Baseada em

Problemas - ABP' (*Resource Based Problem*), estratégia didática centrada no aluno, que faz da busca da resolução de um caso-problema um elemento motivador e facilitador do aprendizado (FITZGERALD, 1996; CARDER *et al.*, 2001; MACKLIN, 2002; MONTEIRO; MACHADO, 2006).

Segundo Lau (2006), diversas experiências de integração de temáticas que envolvem a Competência em Informação em disciplinas de cursos das áreas de educação, ciências sociais e ciências da saúde, bem como o desenvolvimento das habilidades dos próprios docentes, têm crescido significativamente e contribuído para o alcance de resultados positivos. Nesta linha, é importante citarmos os trabalhos de Lahert (2000), Estados Unidos; Mears (2002) e Lau (2006), México; Peter (2004), Reino Unido. No Brasil, tomando o curso de turismo como exemplo, algumas faculdades já oferecem disciplinas que visam aprimorar aspectos da competência em informação. Esse é o caso da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio, que possui a disciplina Fontes de Informação Turísticas, e da Universidade Federal Fluminense, que introduz aspectos de competência em informação em disciplinas como Sistemas de Informação no Turismo e Legislação do Turismo, essa última tratando de questões éticas e deontológicas.

Nos países onde a Competência em Informação conquistou o reconhecimento de 'autoridades' (reitores, diretores, etc.) na área da educação, ela já está inserida na política e nos programas das instituições de ensino superior, como é o caso dos Estados Unidos, Canadá, Reino Unido e Austrália (HATSCHBACH, 2002). Esses programas são estabelecidos e administrados de formas variadas, de acordo com a estrutura organizacional da instituição, e visam atender às necessidades dos alunos e professores. Além de estarem integrados, de alguma maneira, às bibliotecas. Porém, seu sucesso também depende da cooperação entre todas as unidades

acadêmicas, e da forma como os agentes envolvidos percebem sua importância. Em 1995, a *California State University*, nos EUA, implantou um grupo de trabalho (CURZON, 2000) para discutir a Competência em Informação no âmbito de toda a instituição. Em 2003, a ALA (2003) editou um guia orientando a criação de Programas de Competência em Informação, com base em experiências exitosas incluindo bibliotecários, professores, gestores, técnicos, etc.

Tanto no exterior, em países como Estados Unidos, Canadá, Austrália, França, Cuba e México, dentre outros, como no Brasil, os estudantes têm sido o principal público-alvo das ações de Competência em Informação. No entanto, segundo Pérez Ormeño (2003), eles não formam um grupo homogêneo, pois podem representar várias idades, ambientes culturais, níveis de instrução, habilidades, comportamentos frente ao uso da informação, experiências com recursos tecnológicos, etc., constituindo-se num grande desafio para esta área de estudos.

O desenvolvimento de habilidades para o uso da informação tem um grande impacto no desempenho do estudante, pois fortalece sua capacidade de acessar, selecionar, avaliar e incorporar a informação. Essa competência vai agir ativamente no processo de assimilação, criação e transmissão do conhecimento, elementos-chave para o crescimento intelectual.

Neste sentido, vários estudos já foram realizados visando examinar o nível das habilidades de uso da informação, apresentado pelos estudantes, e suas estratégias para adquirir Competência em Informação. Geralmente, esses estudos são elaborados em contextos particulares como em disciplinas específicas; em períodos iniciais ou finais do curso; ou no âmbito das atividades da biblioteca. Boa parte deles visa mapear a relação entre as competências em informação e o

aprendizado (BERNHARD, 1998; MITTERMAYER; SAUVE, 2003; PÉREZ ORMEÑO, 2003; ABDULLAH et al, 2006).

3.1.4 Estudos para Avaliação da Competência em Informação

De acordo com Arenas (2007), a avaliação é uma atividade sistemática e contínua, integrada ao processo educativo, que tem como objetivo proporcionar o maior número de informação para a melhoria desse processo, reajustando seus objetivos, revisando projetos e programas, métodos e recursos. A avaliação é fundamental para a demonstração dos resultados dos programas institucionais, do desempenho do corpo docente e da aprendizagem dos alunos. Além de ser um insumo para os gestores que necessitam de dados para medirem o alcance de seus objetivos, seja em âmbito micro (atividades, disciplinas) ou macro (políticas, programas, projetos) (PAUSH; POPP, 2000).

Revisões bibliográficas na área da Ciência da Informação como o *Annual Review of Information Science and Technology-ARIST* (ASIS&T), publicações da base Emerald, entre outras, reúnem referências específicas sobre avaliação da Competência em Informação, demonstrando a importância dada a essa questão, e nos permitem ter uma visão global do que já foi escrito sobre o tema.

Estudos voltados para a avaliação da Competência em Informação no ambiente escolar focalizam a identificação do estágio atual dessa competência entre os alunos, em diversos níveis de ensino (IVANITSKAYA, 2006; RADCLIFF, 2007). Um comitê formado por bibliotecários da *Indiana University* (1996), por exemplo, desenvolveu um projeto para ajudar os departamentos a implementarem avaliação da competência em informação junto a seus alunos de graduação e pós-graduação.

A questão da avaliação traz consigo uma série de questionamentos e possibilidades de aplicação. A primeira questão que se coloca à avaliação da Competência em Informação diz respeito à interdisciplinaridade envolvida na área. A Competência em Informação tem sido considerada, em primeira instância, resultante da interação da Ciência da Informação e da Biblioteconomia com teorias educacionais contemporâneas, e incentivada pelas necessidades impostas pela sociedade da informação (CAMPELLO, 2003). Conforme já mencionado, a área está vinculada a novas abordagens adotadas na educação, como o 'aprendizado baseado em recursos'. Além dessa, outras abordagens, como a habilidade em solucionar problemas, aprender criticamente, com autonomia e continuamente (aprender a aprender), são princípios educacionais contemporâneos incorporados à área da Competência em Informação (DUDZIAK, 2001). Da mesma forma, a habilidade de definir, planejar e desenvolver um determinado tema de pesquisa, de forma crítica, analítica e ética, é um destaque da pedagogia atual, para todos os níveis de ensino, e um componente da Competência em Informação.

O conhecimento e a fluência no uso das tecnologias de informação e comunicação (DINIZ, 2005) e a valorização da propriedade intelectual, sobretudo no que se refere ao direito autoral e às questões de plágio, a ele relacionadas (BLATTMANN, 2001), são aportes à área que podem ser atribuídos às mudanças proporcionadas pela sociedade da informação. O quanto e como cada um destes aspectos será incluído na identificação e avaliação da Competência em Informação é uma questão que se coloca.

É preciso considerar também que a avaliação está intimamente ligada à maneira como a Competência em Informação é entendida. Conforme já visto anteriormente, o conceito tem sofrido modificações ao longo do tempo e será

operacionalizado e avaliado dependendo do foco de sua definição. O destaque dado à utilização das novas tecnologias de informação e comunicação suscita questões que, devido à facilidade de acesso a milhares de informações, tomaram grande proporção dentro deste novo ambiente tecnológico. Uma das principais parece ser a questão do plágio (DINIZ; OLINTO, 2006; IVANITSKAYA, 2006), envolvendo a ética, que se enquadra numa das dimensões da Competência em Informação: o uso adequado das fontes de informação (HATSCHBACH, 2002).

Outro aspecto a ser considerado na avaliação da Competência em Informação é o nível educacional focalizado. De acordo com Olinto (2000), fatores externos tais como renda familiar e escolaridade dos pais também podem influenciar na aquisição dessas habilidades, principalmente quando se trabalha com diferentes níveis educacionais e sócio-econômicos. No caso do ensino superior, há ainda que se observar as necessidades e características específicas de cada área acadêmica, embora, neste estágio, as habilidades adquiridas ou desenvolvidas podem ser transferidas de uma disciplina para outra, de um nível acadêmico para outro, de um contexto para outro, inclusive do contexto acadêmico para o profissional ou o pessoal.

Pesquisas com enfoque na mensuração da Competência em Informação de estudantes de nível superior vêm crescendo consideravelmente. A área da saúde é uma das que mais produzem esse tipo de estudo (BRADLEY, 2004; ESPINET, 2004; SOUTO, 2006; IVANITSKAYA, 2006). Um dos resultados dessas pesquisas indica que os estudantes demonstram capacidade de usar bases de dados e periódicos científicos como fontes de informação, mas ainda continuam com dificuldades de analisar e sintetizar a informação obtida (VERHEY, 1999; MAUGHAN, 2001; DUNN, 2002). Esses estudos revelam preocupação na formação

de profissionais que sejam capazes de tomar uma decisão adequada em relação ao uso da informação. Mostram, também, interesse na padronização e comparabilidade internacional dos instrumentos de avaliação da Competência em Informação.

Para finalizar, levantaremos uma questão, relativa à problemática da avaliação, dentre as diversas que existem e ainda surgirão, que diz respeito ao ambiente sociocultural em que se pretende desenvolver ou medir a Competência em Informação do estudante. Pelo fato de a maior parte das pesquisas ser aplicada em países desenvolvidos e de língua inglesa, o conhecimento e/ou fluência desse idioma não parece ser um componente suficientemente mensurado para a identificação dos fatores que propiciam a aquisição da Competência em Informação. No entanto, a familiaridade com a língua inglesa pode ser fator relevante na aquisição da Competência em Informação, em um mundo globalizado, conforme já sugerem alguns estudos (DINIZ; OLINTO, 2005).

3.2 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO - BRASIL

As discussões sobre Competência em Informação, dentro da Ciência da Informação no Brasil, ainda são recentes, começaram a surgir, como tema específico de estudos, a partir de 2001. Os primeiros trabalhos que introduzem a temática em seus aspectos conceituais e históricos são o texto de Belluzzo (2001) e as dissertações de Dudziak (2001) e Hatschbach (2002). Já a aparição do termo *Information Literacy*, em textos brasileiros, foi identificada, inicialmente, em Caregnato (2000), Barreto (2000) e Splitz (2000), todas no ano de 2000.

Belluzzo (2001), ao tratar da educação na Sociedade da Informação, destacou a *Information Literacy* no processo de ensino-aprendizagem. Para a

autora, a *Information Literacy* “constitui-se na fluência científica e tecnológica e no saber utilizar a informação, criando novo conhecimento”.

Dudziak (2001, p.30) enfatizou o papel educacional das bibliotecas, apresentando sua definição de *Information Literacy*, norteadas pela concepção do aprendizado ao longo da vida:

Information Literacy é o processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessários à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida.

Hatschbach (2002, p. 95) enfocou aspectos da Competência em Informação necessários para o bom desempenho das atividades acadêmicas. Em seu trabalho, identificou os principais temas abordados por Tutoriais *online* de *Information Literacy*, dirigidos para estudantes de nível superior. Essa autora define Competência em informação como sendo uma área que trata das habilidades acerca do uso da informação nos seus vários aspectos, formatos e suportes, com o objetivo de atender às necessidades de informação e resolver problemas de forma autônoma.

A seguir, com base em pesquisa na literatura brasileira sobre Competência em Informação (artigos, dissertações, teses, estudos), desde o ano de 2000, fizemos um levantamento e identificamos quatro grandes eixos temáticos abordados pelos autores nacionais. Constatamos que o tema vem acompanhando a tendência mundial, ou seja, é discutido nos âmbitos da formação educacional, do mercado de trabalho e da participação social.

Os quatro eixos temáticos identificados foram categorizados da seguinte maneira:

- Competência em Informação, Inclusão Digital e Cidadania.
- Competência em Informação no Contexto das Bibliotecas Universitárias e do Bibliotecário.
- Competência em Informação do Estudante e do Profissional
- Indicadores de Competência em Informação.

3.2.1 Competência em Informação, Inclusão Digital e Cidadania

As discussões acerca da informação como insumo e base da democracia nas sociedades pós-modernas, segundo Capra (2003), devem levar em consideração “a nova lógica de funcionamento social, que está baseada numa visão de mundo holística e sistêmica”. E o exercício da cidadania também requer práticas conscientes do uso da informação, principalmente daquela disponibilizada em meios eletrônicos e digitais.

Para Lima e Machado (2004, p.1), precisamos de uma “política de informação que, articulada com outras políticas públicas, como a educacional, privilegie a alfabetização digital e o desenvolvimento de competências informacionais como elementos formadores de um indivíduo cidadão”. Dentro dessa concepção, a cidadania é efetivamente exercida quando o indivíduo puder tomar decisões baseadas no uso consciente e efetivo da informação. O que pressupõe sua capacidade de localizar, acessar, avaliar, assimilar, reelaborar e utilizar a informação em benefício próprio e da comunidade.

A informação é potencializadora da construção e prática cidadã, prática essa indispensável para o sucesso de iniciativas de organização civil... É por meio do intercâmbio informacional que os sujeitos sociais se comunicam e tomam conhecimento de seus direitos e deveres (BORGES; SILVA, 2006).

Para favorecer o exercício da cidadania, a inclusão digital deve vir acompanhada de uma capacitação que vise o desenvolvimento dos processos cognitivos, propiciando a aquisição de conhecimentos e seu uso para a resolução de problemas. Pois, ainda de acordo com Borges e Silva (2006), nosso país está apenas iniciando sua caminhada para superar esse desafio.

No Brasil, quando se fala em inclusão digital, percebe-se uma tendência, principalmente por parte de programas do governo, de promover o acesso aos recursos tecnológicos (computador, Internet) e a capacitação na utilização de programas (*softwares*) de computador. Essa situação é constatada no trabalho apresentado por Ferreira e Dudziak (2004), no Congresso Mundial da *International Federation of Library Associations and Institutions - IFLA*, relatando que, em sua maioria, os programas governamentais de informação dos países da América Latina, dentre eles o Brasil, têm tentado suprir, em primeira instância, as necessidades de infraestrutura para a criação de telecentros e de acesso da população a computadores e à Internet.

No entanto, já podemos identificar o processo de 'alfabetização em informação' em projetos de inclusão digital de instituições governamentais e não governamentais, como os desenvolvidos pelo Comitê para a Democratização da Informática - CDI, pela Escola Digital Integrada e pela Estação Digital - EDI, dentre outros. A contribuição dada por essas iniciativas ao processo de alfabetização em informação é válida, mesmo que muitas delas ainda tenham foco mais tecnicista. No entanto, "o contexto diferenciado de cada projeto leva à existência de metodologias que inserem o 'aprender a informar-se' de forma diferenciada" (REZENDE, 2005, p.12).

O projeto de pesquisa realizado pelo Gepindi², denominado 'Informação na Internet e Inclusão Digital: estudo nas organizações que trabalham na perspectiva da inclusão digital na cidade de Salvador-BA (Infoinclusão), levantou questões que vinculavam ética e cidadania à educação para a Competência em Informação, visando a inclusão social. Em artigo publicado sobre os fundamentos teóricos desse projeto, Silva e outros (2005) declaram que:

Se a inclusão digital é uma necessidade inerente desse século, então isso significa que o 'cidadão' do século XXI, entre outras coisas, deve considerar esse novo fator de cidadania, que é a inclusão digital (...) Dessa forma, inclusão digital é um processo que deve levar o indivíduo à aprendizagem no uso das TIC's e ao acesso à informação disponível nas redes, especialmente aquela que fará diferença para a sua vida e para a comunidade na qual está inserido.

Aun e Angelo (2007), ao analisarem todos os projetos de inclusão digital criados em nível federal, no Brasil, destacam que os mesmos são importantes, "porém ainda carecem de vínculos efetivos com a real necessidade do país".

Outro aspecto levantado pelas autoras é que, devido à precariedade dos dados atuais de infoinclusão, não é fácil diagnosticar e monitorar o processo de inclusão digital na sociedade da informação, o que seria primordial, também, para o desenvolvimento e a consolidação de estudos na área.

A pesquisa intitulada 'Iniciativas e Projetos de Inclusão Digital no Brasil', realizada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – Ibict (2007), identificou, em cerca de três mil municípios brasileiros, 16.722 projetos, no âmbito dos governos federal, estadual e terceiro setor, que representam potenciais Pontos de Inclusão Digital (PIDs). O estudo demonstra que o estado de São Paulo é o que mais apresenta PIDs (2.640), seguido de Pernambuco (2.257) e Minas Gerais

² Grupo de Estudos em Políticas de Informação e Inclusão Digital (Gepindi), vinculado ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, do Instituto de Ciência da Informação, da Universidade Federal da Bahia (Posici/ICI/UFBA).

(2.145). Em último lugar aparece Roraima, com apenas 48 PIDs. Com relação à porcentagem por região, o Sudeste aparece com 38%, o Nordeste com 35%, o Sul com 13%, o Norte com 8% e o Centro-Oeste com 7%. Importante destacar que 62% das ações de inclusão digital são empreendidas pelo governo federal.

Todas essas iniciativas nos trazem dados que auxiliam a reflexão sobre o tema e demonstram que a utilização das tecnologias de informação e comunicação, aliada a uma capacitação do uso efetivo e consciente da informação, pode favorecer o real exercício da cidadania e a construção de uma sociedade mais justa.

3.2.2 Competência em Informação no Contexto das Bibliotecas Universitárias e do Bibliotecário

Principal *locus* da *praxis* da Competência em Informação, não apenas no exterior, especificamente nos países anglófonos como Estados Unidos, Reino Unido, Austrália e Canadá, mas também no Brasil e em países da América Latina, como o México, a biblioteca universitária e o papel do bibliotecário foram um dos principais focos de interesse dos primeiros estudos na área.

Ao identificar a biblioteca universitária como espaço de aprendizagem, os estudos brasileiros de Competência em Informação tratam da atuação dessa unidade acadêmica na capacitação do aluno, não só em relação à utilização dos recursos disponíveis na biblioteca (catálogos, bases de dados, sumários correntes, etc.) mas na promoção do desenvolvimento de habilidades informacionais mais amplas do aluno (RAPOSO; ESPÍRITO SANTO, 2006), sobretudo devido à crescente oferta de informação eletrônica *online*, em rede, por meio das novas tecnologias de informação e comunicação (CAREGNATO, 2000; GRANDI; FERRARI, 2000, DUDZIAK, 2000).

A Competência em Informação vem sendo inserida também nas discussões sobre a formação e qualificação dos profissionais da informação. O fortalecimento do trabalho em equipe e de atitudes pró-ativas, aliados a um conjunto de práticas que estimulam a gestão da informação, a autonomia e a capacidade para inovar e promover mudanças são temas recorrentes quando se aborda a Competência em Informação do profissional da informação, principalmente do bibliotecário (PINTO, 2003; DUDZIAK; VILELLA, 2005; VITORINO, 2007).

O atual contexto educacional e as exigências profissionais pressupõem participação mais ativa do bibliotecário no processo ensino-aprendizagem e maior integração com os docentes. Dois aspectos significativos são levantados nos trabalhos que enfocam essa temática: de um lado, a falta de oferta de disciplinas sobre métodos e técnicas pedagógicas e sobre teorias educacionais nos currículos de Biblioteconomia e Ciência da Informação; de outro, o diálogo praticamente inexistente entre educadores e bibliotecários, sobretudo no que diz respeito às possibilidades de apoio e intercâmbio desses dois profissionais para auxiliar o processo formativo do estudante (DUDZIAK, 2000, 2002; CAMPELLO, 2002; FAQUETI, 2002; MOTTA, 2006; LIRA, 2007).

3.2.3 Competência em Informação e Formação do Estudante e do Profissional

A cada dia torna-se mais claro, no universo acadêmico e profissional, o entendimento de que a formação em Competência em Informação é essencial para o bom desempenho das atividades requeridas no ambiente educacional e no mercado de trabalho.

Já podemos perceber, no Brasil, uma movimentação no sentido de inserir atividades nas bibliotecas e em disciplinas dos currículos acadêmicos que estimulem

e propiciem o desenvolvimento da Competência em Informação junto a alunos, professores e pesquisadores.

Algumas dessas experiências são relatadas em trabalhos sobre as habilidades no uso da informação de estudantes do ensino superior em áreas específicas do conhecimento. Possobon e outros (2003), em estudo realizado junto aos calouros do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, identificaram que as maiores dificuldades desses alunos estão relacionadas ao uso da biblioteca e aos critérios de seleção das fontes de informação.

Caregnato (2003), nas conclusões de sua pesquisa sobre como os alunos da pós-graduação em Comunicação e Informação da UFRGS buscam informações para a realização de suas atividades acadêmicas, revela que os mesmos seguem prioritariamente as orientações do professor para a utilização de referências bibliográficas. O uso de fontes informais de informação também é prática comum nesta área.

O projeto desenvolvido na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, denominado 'Recursos Informacionais em Ciências da Saúde' (SOUTO, 2005), tinha como um de seus objetivos permitir, aos alunos de graduação, compreenderem, por meio de atividades pedagógicas planejadas, o funcionamento de variados recursos e serviços de informação. Alunos de medicina, nutrição, fonoaudiologia, fisioterapia e enfermagem foram o público-alvo. Mais uma vez, ficou constatado que, apesar de terem acesso aos serviços da biblioteca, Internet, bases de dados, etc., os alunos sentiam necessidade de orientação sobre fontes confiáveis para pesquisa na Internet, sobre técnicas de pesquisa e de avaliação da informação em geral.

No que se refere aos pesquisadores, Moura (2003), quando levanta as características do processo de busca de informação de pesquisadores de Psicologia da Unisinos, demonstra que a forma preferencial de divulgação da produção científica, por parte dos pesquisadores, são os trabalhos apresentados em eventos, sendo a publicação de artigos em periódicos menos expressiva. A dinâmica da comunicação científica dessa área é mais aquecida pelas reuniões científicas. Corroborando com os resultados de Caregnato, em relação à indicação de fontes de informação, Moura ainda destaca que “as fontes pessoais são consideradas muito importantes para os pesquisadores, pois é através do contato estabelecido entre os pares que ocorre a troca de conhecimentos” (MOURA, 2003, p.49).

Quando o universo observado é o mercado de trabalho, citamos o estudo feito por Mota (2006), que relata a possibilidade de adquirir Competência em Informação a partir de um dos módulos administrativos do ‘Sistema de Saúde em Rede’ da Prefeitura de Belo Horizonte. Por meio da utilização do ‘Prontuário Eletrônico do Paciente’, Mota chegou à conclusão de que o uso, pela equipe do Centro de Saúde Vista Alegre, de uma plataforma tecnológica específica, contribuiu para uma visão mais crítica dos mecanismos e processos de busca de informação que eram utilizados anteriormente. O Prontuário Eletrônico aumentou a rapidez do processo de busca de informação e a facilidade de recuperação da mesma; essa tarefa passou a ser realizada de forma mais independente, com mais autonomia e houve maior interação dos profissionais de saúde com toda a equipe da Rede. Nesse projeto, a capacitação dos funcionários do Centro de Saúde não se limitou ao uso da plataforma, mas compreendeu a avaliação da confiabilidade e a interpretação das informações, o que foi um diferencial significativo para o sucesso do projeto.

Miranda (2007), buscando compreender os métodos de supervisão de instituições financeiras no Brasil, a partir de parâmetros informacionais, definiu referenciais conceituais e metodológicos para levantar a Competência em Informação dos profissionais que trabalham nessa atividade. A pesquisadora concluiu que “as competências ligadas ao uso da informação nesse ambiente são importantes para definir a efetividade do trabalho realizado”, e que o desenvolvimento das competências para atender às necessidades de informação depende de como os profissionais realizam suas tarefas dentro da empresa.

A competência no uso da informação, como podemos constatar, está sendo estudada com enfoque em diversos públicos. No entanto, para que sua prática alcance os resultados esperados, os aspectos que a envolvem precisam ser aplicados e adaptados de acordo com o contexto específico de cada um deles.

3.2.4. Indicadores de Competência em Informação

Formular e implementar indicadores para avaliação das práticas de desenvolvimento da Competência em Informação é um procedimento que possui uma abordagem científica, norteando a mensuração dessa competência, a possibilidade de realização de estudos comparativos e a análise crítica e fundamentada das informações. Envolve uma dimensão política, que serve como insumo para orientações e decisões em termos de projetos e políticas públicas institucionais. Abrange também questões de ordem pragmática, oferecendo dados qualitativos e quantitativos para a elaboração de ações concretas na área (AUN, 2007).

No ano de 2000, a *Association of College and Research Libraries - ACRL*, dos Estados Unidos, elaborou um documento denominado *Information Literacy*

Competency Standards for Higher Education (Padrões de Competência em Informação para o Ensino Superior), que fornece indicadores para avaliar o nível de Competência em Informação de estudantes do ensino superior. No total são cinco padrões e 22 indicadores de desempenho. Esse documento tem orientado estudos, em diversos países, inclusive no Brasil, que visam a mensuração de competências não só de estudantes, como também de outros públicos, como professores, profissionais de diversas áreas, etc.

Belluzzo e Kerbauy (2004) tomaram como base o documento da ACRL e elaboraram uma proposta de indicadores de performance para o desenvolvimento de Competência em Informação. Esses indicadores, como podemos observar no Quadro 7, visam medir o conhecimento sobre a natureza da informação, acesso, uso, avaliação e aspectos legais e éticos que a envolvem.

Quadro 7 - Indicadores baseados em padrões de Competência em Informação da ACRL

DIMENSÃO	INDICADOR
<p>Padrão 1 Determinar a natureza e a extensão da necessidade de informação.</p>	<p>Definir e reconhecer a necessidade da informação; Identificar a variedade de tipos e formatos de fontes de informação potenciais; Considerar os custos e benefícios da aquisição da informação necessária.</p>
<p>Padrão 2 Acessar a informação necessária com efetividade.</p>	<p>Selecionar os métodos mais apropriados de busca e/ou sistemas de recuperação da informação para acessar a informação necessária; Construir e implementar estratégias de busca delineadas com efetividade; Buscar a informação via eletrônica ou junto a pessoas utilizando uma variedade de métodos; Retrabalhar e melhorar a estratégia de busca quando necessário; Extrair, registrar e gerenciar a informação e suas fontes.</p>
<p>Padrão 3 Avaliar criticamente a informação e as suas fontes.</p>	<p>Demonstrar conhecimento da maior parte das idéias da informação obtida; Articular e aplicar critérios de avaliação para a informação e as fontes; Comparar o novo conhecimento com o conhecimento anterior</p>

	para determinar o valor agregado, contradições ou outra característica da informação.
Padrão 4 Usar a informação com efetividade para alcançar um objetivo/obter um resultado.	Ser capaz de sintetizar a informação para desenvolver ou completar um projeto; Comunicar os resultados do projeto com efetividade.
Padrão 5 Compreender as questões econômicas, legais e sociais da ambiência do uso da informação e acessar e usar a informação ética e legalmente.	Compreender as questões legais, éticas e sócio-econômicas que envolvem a informação e a tecnologia; Cumprir as leis, regulamentos, políticas institucionais e normas relacionadas ao acesso e uso das fontes de informação; Indicar as fontes de informação nas comunicações do produto ou resultados.

Fonte: Adaptado de Belluzzo e Kerbauy (2004).

Em estudo realizado por Hatschbach (2002), a autora identificou seis dimensões temáticas recorrentes em tutoriais *online*, desenvolvidos por instituições de ensino superior, que visam a promoção do autodesenvolvimento da Competência em Informação de estudantes de graduação. Cada tema apresenta subtemas que também servem de indicadores para orientar na avaliação individual da Competência em Informação. O Quadro 8 categoriza esses indicadores.

Quadro 8 - Indicadores baseados em Tutoriais de Competência em Informação

DIMENSÃO	INDICADOR
A importância da informação no mundo atual	Compreender o atual contexto sócio-econômico e saber lidar com as constantes mudanças que ocorrem na "Era da Informação"
Internet	Buscar informação na Internet Comunicar-se pela Internet
A Informação para o trabalho acadêmico	Planejar o trabalho acadêmico Identificar fontes de informação
Localização de fontes de informação	Utilizar técnicas de pesquisas na Internet e em bases de dados
Utilização de fontes de informação	Utilizar corretamente os critérios de avaliação de fontes de informação, as normas de citação de fontes e os direitos de Propriedade Intelectual
Uso de biblioteca	Conhecer e saber consultar as fontes de referência de uma biblioteca Consultar catálogos e bases de dados eletrônicos e online

Fonte: Hatschbach (2002)

Santos (2007) é outra autora que propõe um modelo de indicadores de habilidade para inclusão digital e social, baseado na utilização das tecnologias de informação e comunicação, visando avaliar a competência do usuário em cinco dimensões, como pode ser observado no Quadro 9. Cada uma dessas dimensões reúne indicadores de comportamentos e desempenhos desejados. Para a validação desses indicadores, um instrumento de pesquisa foi aplicado junto a 77 estudantes universitários.

Quadro 9 - Indicadores baseados na utilização das tecnologias de informação e comunicação – TIC's

DIMENSÃO	INDICADOR
Uso Instrumental	Uso instrumental das TIC's e do software livre para uso pessoal e de lazer; Uso de informações e serviços de Egov; Aplicação das TIC's na resolução de problemas do cotidiano para benefício pessoal.
Uso Autônomo	Acesso e pesquisa na internet e acervos de bibliotecas digitais, museus virtuais; Uso autônomo das informações e dos serviços na resolução de problemas; Uso autônomo das TIC's para a produção e publicação de informações e conhecimentos.
Uso Social	Uso de correio eletrônico para comunicação e interação; Participação periférica em redes sociais, comunidades de práticas, de aprendizagem virtual e de colaboração; Institucionalização de rotinas e serviços com o uso das TIC's para melhoria de processos e benefícios da rede social.
Uso Criativo	Identificação de novos problemas e de soluções colaborativas com o uso das TIC's, do conhecimento e da rede social estabelecida.
Uso sustentável	Identificação de alternativas de uso das TIC's na solução de problemas, de maneira inovadora, para o ganho social e comunitário, preservando valores, identidades culturais e recursos ambientais.

Fonte: Adaptado de Santos (2007, p. 35-37)

Em relação às propostas de indicadores de avaliação de Competência em Informação, identificamos que todos incluem questões sobre: habilidades básicas no uso de bibliotecas; atitudes e comportamentos no processo de busca de informação em vários ambientes, virtuais ou não; critérios para análise da informação e uso ético da informação.

4 MEDINDO A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO DO ESTUDANTE DE TURISMO: O *RESEARCH SELF-ASSESSMENT TEST* - *RRSA*

Nesta seção, iremos apresentar as características de nosso campo de estudo, o procedimento metodológico do *Research Self-Assessment* – *RRSA*, teste aplicado junto aos estudantes para avaliar sua Competência em Informação, e as informações sobre a população de estudo.

4.1 O CAMPO DE ESTUDO: O CURSO DE TURISMO DA UFF

Para o presente trabalho selecionou-se como campo empírico - para avaliação da Competência em Informação do aluno de graduação - o Curso de Graduação de Turismo da Universidade Federal Fluminense - UFF. Trata-se de um curso oferecido por instituição pública de excelência, tendo obtido a terceira maior nota dentre os 389 cursos de turismo do Brasil, avaliados pelo INEP/MEC em 2006.

O Curso de Graduação de Turismo da UFF visa a formação de profissionais qualificados para assumir o planejamento, gestão e administração de sistemas turísticos de qualquer natureza e escala, em diversos níveis (estratégico, gerencial e operacional). Ademais,

O bacharel em turismo formado pela UFF, além do conhecimento teórico-prático específico da área, deverá desenvolver um espírito humanístico crítico, que o habilite a contribuir não só para o crescimento e desenvolvimento do turismo mas, também, para a melhoria da qualidade de vida das sociedades, assumindo a posição de cidadão consciente da realidade que o rodeia.

As principais características pretendidas para o profissional são: formação humanística; formação técnico-gerencial e prática; capacidade crítica em relação ao turismo e às sociedades; raciocínio lógico, crítico e analítico para formular problemas e buscar soluções; espírito de liderança e capacidade de tomada de decisões com empatia e equidade; visão atualizada do mundo e em particular dos problemas nacionais (UFF, 2008).

Como podemos constatar, os princípios norteadores do curso pretendem que os alunos formados nessa instituição de ensino desenvolvam competências preconizadas pela área da Competência em Informação, como raciocínio lógico, crítico e analítico para formular problemas e buscar soluções, capacidade de tomada de decisões, dentre outras. A formação ética do aluno, buscando a solidificação de valores de sustentabilidade e cidadania, também é enfatizada na proposta acadêmica.

4.1.1 Histórico do Curso

O Curso de Graduação de Turismo da Universidade Federal Fluminense - UFF foi criado em julho de 2002, por meio da Resolução CEP/UFF nº 75/2002, e vinculado ao Departamento de Administração. A primeira turma do campus Valonguinho iniciou o ano letivo em março de 2003. Em 2004, foi aberta uma turma em Quissamã, resultante do projeto de interiorização da Universidade, em convênio com a prefeitura desse município.

Em outubro de 2005 realizou-se o primeiro concurso público para a contratação de dois professores efetivos. O segundo concurso, ocorrido em maio de 2006, contratou mais seis professores, todos sob o regime de 40 horas e dedicação exclusiva. Com a contratação dos novos professores foi possível a criação do Colegiado do Curso e sua Coordenação, até então sob responsabilidade do Chefe de Departamento.

A primeira turma concluiu a integralização do conteúdo no segundo semestre de 2006 e o curso passou pelo processo de avaliação dos cursos de graduação previsto pelo INEP/MEC (curso nº 63646, avaliação nº 16.573), recebendo parecer favorável para o seu reconhecimento conforme as especificações que constam no

projeto pedagógico do curso. Seu reconhecimento foi oficializado em 15 de fevereiro de 2007, por meio da Portaria SESU nº 148, publicada no Diário Oficial de 16 de fevereiro de 2007. O Projeto Pedagógico do curso sofreu uma reformulação em 2007 e passou a vigorar a partir do início de 2008.

Em 2009, o Corpo Docente do Departamento de Turismo conta com 16 professores efetivos e possui mais oito vagas que serão preenchidas por concurso público que está em andamento. Isto totalizará um quadro de 24 professores, sendo 22 com 40 horas, dedicação exclusiva, e 2 com 20 horas. O total de alunos matriculados no campus de Niterói, no primeiro semestre letivo de 2009, é de 274 alunos.

Em suma, trata-se de um curso novo, mas que já obtém um reconhecimento dentre os cursos de turismo; é também um curso com perspectiva de boa consolidação, em função da expectativa de aumento do corpo docente e em função do tamanho do alunado.

4.1.2 Organização Curricular e Conteúdos

O Curso de Graduação de Turismo da UFF, atendendo às diretrizes curriculares propostas pelo MEC, oferece disciplinas que possibilitam uma formação holística do aluno, tanto para sua formação acadêmica e pessoal como para a atuação no mercado de trabalho. Possui carga-horária de 3.450 horas, integralização no sistema de créditos com mínimo de 7 e máximo de 12 períodos.

Os conteúdos do curso objetivam capacitar os alunos para a compreensão, análise e utilização de recursos gerenciais e administrativos no campo de conhecimento do turismo; além do desenvolvimento de competências e habilidades

para atuar na gestão de empresas e na elaboração de políticas, projetos e programas na área do turismo. Eles se apresentam organizados da seguinte maneira: Conteúdos de Formação Básica (1.110 horas), Conteúdos de Formação Específica (1.620 horas) e Conteúdos Teóricos e Práticos do Turismo (720 horas).

4.2 O TESTE DE AUTO-AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO / *RESEARCH READINESS SELF-ASSESSMENT – RRSA*

O estudo empírico deste trabalho é centrado na aplicação de um teste de Competência em Informação desenvolvido nos EUA e já aplicado em outros países, como Canadá, Índia, e Tailândia. Trata-se de um teste interativo *online*, denominado *Research Readiness Self-Assessment – RRSA* e foi traduzido como 'Auto-avaliação de Competência em Informação'. A versão original do *RRSA* foi criada em 2001 por Lana Ivanitskaya (PhD) e Anne Marie Casey, da *Central Michigan University - CMU*, dos Estados Unidos, para medir a Competência em Informação, por área de conhecimento, de estudantes de segundo grau e universitários. Ivanitskaya e Casey são duas pesquisadoras com visibilidade e reconhecimento internacional na área de Competência em Informação, ambas são consideradas referências mundiais na área (*Information Literacy Stars*) pelo *National Forum on Information Literacy – NFIL*.

4.2.1 A Escolha

A escolha do *Research Readiness Self-Assessment – RRSA* para ser aplicado em nossa pesquisa deve-se ao fato de ser um teste elaborado com base no *Information Literacy Competency Standards for Higher Education*, um documento da *Association of College and Research Libraries – ACRL* que estabelece padrões e indicadores para a Competência em Informação no ensino superior.

A escolha também fundamenta-se nas múltiplas aplicações que o RRSA pode ter. Apesar de sua primeira aplicação no Brasil estar focalizando o estudante de graduação de Turismo, o teste proposto poderá ser repetido em outros cursos de graduação do país, pois aborda habilidades que devem estar presentes em todos os estudantes na atualidade.

Outra vantagem do RRSA são as perspectivas que abre para estudos comparados voltados para a avaliação da Competência em Informação do estudante brasileiro em relação aos estudantes de graduação de outros países.

Além disso, é um indicador de performance que pode servir de apoio à elaboração de programas e atividades para o desenvolvimento de Competência em Informação, não apenas de estudantes de todos os níveis mas, também, de profissionais.

4.2.2 Em que Consiste

O RRSA é composto de questões de múltipla escolha, de exercícios baseados em problemas e de auto-avaliação. Possui dois eixos temáticos: o primeiro é medir a performance da Competência em Informação do estudante com base nos indicadores do *Information Literacy Competency Standards for Higher Education*; o segundo é a utilização de perguntas que irão revelar as crenças e o comportamento dos estudantes em relação a suas atividades de busca de informação.

O RRSA foi objeto de vários estudos de validação até ser efetivamente utilizado na *Central Michigan University*. Atualmente, a equipe do RRSA conta com a colaboração de parceiros com o objetivo de aprimorar o teste e expandi-lo para

outros públicos. Neste sentido, já foram estabelecidas parcerias com universidades do Canadá, Índia, Tailândia e Brasil. Nesse último país, por meio do contato da autora desta tese e de seu trabalho de tradução e adaptação do teste, com a finalidade de utilizá-lo, em primeira mão, junto aos estudantes de graduação de turismo. O teste é totalmente aplicado *online* e inclui perguntas de múltipla escolha, baseadas na resolução de problemas de informação. A média estimada para completá-lo é de 20 minutos. Os resultados são comparados, também, com o nível de habilidade de uso da informação declarado no início do teste pelo aluno (*Perceived Research Skills*). Após responder a todas as questões, o aluno recebe seu resultado individual, em forma de relatório, contendo sua pontuação, a pontuação máxima possível e a porcentagem obtida. Além do resultado numérico, o relatório apresenta uma explanação sobre os fatores que puderam ter influenciado na alta ou baixa performance demonstrada pelo aluno em cada dimensão avaliada, oferece sugestões para desenvolver essas habilidades e fornece algumas referências de fontes de informação eletrônica sobre os temas tratados.

4.2.3 A Versão Brasileira do RRSA

O *Research Readiness Self-Assessment – RRSA-Brasil* (Auto-Avaliação de Competência em Informação) (ANEXO 1) foi adaptado para ser utilizado, nesta pesquisa, visando avaliar a Competência em Informação de alunos de graduação brasileiros. A tradução do teste, a adequação de algumas questões para a área de turismo e do alunado de graduação, no contexto brasileiro, o texto da parte operacional/administrativa do programa e os relatórios de *feedback* foram realizados pela autora desta tese, com supervisão de Lana Ivanitskaya e suporte técnico do programador Wesley A. Leonard, da *Central Michigan University*.

Em 14 de abril de 2007 foi realizado nosso primeiro contato com os administradores do RRSA. Após dois anos de intenso trabalho integrado, o RRSA-Brasil ficou pronto. Em maio de 2009, aplicamos um pré-teste com oito alunos de graduação para verificarmos sua eficácia, sobretudo nos aspectos técnicos (tradução, funcionalidade, acessibilidade). Feitos os últimos acertos, o RRSA-Brasil foi finalmente liberado em junho de 2009.

Das 50 perguntas do RRSA original, 40 foram mantidas e 10 excluídas. Oito novas foram elaboradas por nós, especialmente para o RRSA-Brasil. O número total de questões do RRSA-Brasil é 48.

Algumas adaptações do teste foram feitas visando sua adequação à realidade brasileira e também responder algumas questões de interesse específico desta pesquisa, tais como facilidade de acesso à tecnologia (computadores e internet), ambiente sociocultural e perspectivas de inserção profissional do aluno.

4.2.4 Principais Conceitos e Medidas Utilizados

O RRSA aborda aspectos da Competência em Informação divididos em seis dimensões, baseadas nos indicadores propostos pela ACRL: Habilidade de Pesquisa Percebida; Navegando na Internet; Obtendo informação; Avaliando a informação; Experiência em Pesquisa Bibliográfica e Uso de Biblioteca; Compreendendo o Plágio.

O Quadro 10 apresenta uma descrição do que é avaliado em cada dimensão, representando as variáveis de estudo de nossa pesquisa.

Quadro 10 - Competência em Informação: principais dimensões incluídas no RRSA

DIMENSÃO	DESCRIÇÃO
Habilidade de pesquisa percebida	Autopercepção do estudante em relação a suas de habilidades de pesquisa na internet.
Navegando na internet	Confiança na utilização de ferramentas de busca gerais, de acesso livre na Internet (em contraposição aos sites de bibliotecas que permitem o acesso a uma literatura mais especializada), para obter informação para pesquisas e projetos acadêmicos.
Obtendo informação	Habilidade para efetuar busca de informação em níveis básico e avançado. Capacidade de diferenciar documentos acadêmicos, autoridade das fontes, tipos de periódicos, bem como outros tipos de documentos e fontes.
Avaliando a informação	Capacidade de comparar e avaliar a qualidade das diversas fontes de informação. Análise dos documentos, com base em critérios de avaliação da informação, para a tomada de decisão.
Experiência em pesquisa bibliográfica e uso de biblioteca	Participação em atividades de pesquisa: escrever documentos; citar fontes; utilizar bibliografias, enciclopédias, periódicos, sumários correntes; resumir idéias, etc. Utilização de bibliotecas e contatos com a equipe de bibliotecários.
Compreendendo o plágio	Capacidade de identificar o plágio e a violação de direitos autorais.

A operacionalização das dimensões de Competência em Informação trabalhadas no teste envolve vários aspectos que serão especificados na etapa de análise dos dados.

É importante mencionar aqui os conceitos incluídos na versão brasileira, que consideram aspectos que podem explicar ou estar relacionados à Competência em Informação de estudantes de países em desenvolvimento. As especificidades de disponibilidade e uso das TICs no país, como é o caso do tipo de acesso à internet, é um desses aspectos.

As condições sociais do estudante e o seu ambiente cultural também podem favorecer o desenvolvimento da Competência em Informação. Assim, na versão brasileira, consideramos a educação da mãe e o conhecimento de línguas estrangeiras (inglês). Esse último item é especialmente relevante em países que não são de língua inglesa, como o Brasil. Ainda hoje, 90% do conteúdo da internet são em inglês, e estudos sugerem que o conhecimento desse idioma é importante para o uso da internet e para a visibilidade da informação disponibilizada (DINIZ; OLINTO, 2007).

Outros aspectos, que podem estar relacionados à Competência em Informação, incluídos e analisados na versão brasileira, foram: o coeficiente de rendimento do aluno, a motivação para escolha do curso, o exercício de atividade profissional ou estágio na área de turismo e as expectativas de trabalho. Na variável construída para identificar a motivação para a escolha do curso, consideraram-se as seguintes opções: área de estudo diversificada; perspectiva de viajar; já estar atuando na área; curso fácil de passar no vestibular; curso que oferece boas perspectivas de trabalho. Para operacionalizar o conceito de 'expectativa de trabalho', foram colocadas aos alunos as alternativas: ser contratado, pela iniciativa privada, para atuar na área de gestão de turismo; atuar na área de gestão de turismo em instituição pública; ser pesquisador ou docente; abrir seu próprio negócio na área de turismo.

5 LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

5.1 DEFINIÇÃO DA POPULAÇÃO DE ESTUDO E LEVANTAMENTO DOS DADOS

Definimos como população de estudo de nossa pesquisa os alunos do Curso de Graduação de Turismo da UFF, com matrícula aberta no primeiro semestre de 2009. Com a finalidade de descrever essa população e compará-la com o levantamento obtido, foi solicitada à Coordenação do Curso a lista dos alunos do primeiro ao último período, inscritos no primeiro semestre letivo de 2009 e cursando ao menos uma disciplina no campus de Niterói.

Em 8 de junho de 2009, o coordenador do curso de turismo da UFF acompanhou a pesquisadora em todas as turmas do curso em Niterói para que ela pudesse convidar pessoalmente os alunos a participarem da pesquisa. No dia 10 de junho foi encaminhada carta-convite (ANEXO 2), via *email*, para 274 alunos matriculados no semestre, contendo instruções para acessar e realizar o RRSA-Brasil. No dia 17 de junho o email foi reenviado para reforçar o convite. Os alunos tiveram um prazo de 50 dias (10 de junho a 31 de julho de 2009) para acessar o teste e completá-lo. A taxa de adesão obtida foi de 20% dos alunos.

O Quadro 11, a seguir, mostra a comparação entre algumas características da população de alunos da UFF e daqueles que responderam o teste.

Quadro 11 - Alunos de Turismo da UFF - Comparação entre as características da população- alvo e dos alunos que responderam o teste RRSA-Brasil

Característica Sexo		População		Respondentes	
		Nº	%	Nº	%
Mulheres		203	74,1%	44	78,6%
Homens		71	25,9%	12	21,4%
TOTAL		274	100%	56	100%
Faixa Etária	19 ou menos	37	13,5%	16	28,6%
	20 - 21	82	29,9%	21	37,5%
	22 -24	103	37,6%	17	30,4%
	25 - 27	35	12,8%	2	3,6%
	28 ou mais	17	6,2%	0	0
TOTAL		274	100%	56	100%

Como demonstrado no Quadro 11, os perfis de idade e gênero dos alunos que responderam o teste RRSA-Brasil aproximam-se bastante dos perfis reais do curso. Desta forma, apesar da baixa adesão dos alunos na realização do teste, consideramos que o estudo espelha as características dos alunos de turismo da UFF e imprime consistência às análises que serão realizadas adiante. O curso de turismo tem um perfil feminino (74% são mulheres) e esta alta proporção de mulheres também se verifica entre os respondentes (79%). A população de alunos concentra-se nas faixas etárias de 20 a 24 anos (67%) e proporção equivalente dos alunos incluídos no levantamento está nesta faixa etária (68%). Convém mencionar, entretanto, que no levantamento houve uma participação proporcionalmente maior de alunos mais jovens.

Sendo um instrumento disponível e administrado *online*, o procedimento para sua aplicação envolveu o fornecimento de uma chave de acesso (pin), a cada estudante, para realização do teste. Caso o estudante não respondesse todas as

questões de uma vez só, poderia retornar, recomeçando, em outro momento, a partir da questão em que parou. Após responder todas as questões, o programa do teste gerava uma página com a análise individualizada do resultado do estudante, contendo sua performance nos aspectos de Competência em Informação analisados. O estudante podia também receber essa análise por *email*, e uma lista de *sites* sobre os temas abordados.

5.2 ANÁLISE DOS DADOS

Com base nos dados obtidos por meio da aplicação do teste RRSA-Brasil, esta seção tem por objetivo analisar os resultados da Competência em Informação do estudante de graduação de turismo.

5.2.1 Características Sociais, Situação Escolar e Perspectivas do Aluno de Turismo

O Curso de Graduação de Turismo da UFF tem um perfil feminino (74% são mulheres), essa alta proporção de mulheres também se verifica entre os respondentes do teste (79%). Seus alunos são, na sua maioria, jovens, 81% deles têm até 24 anos de idade.

Em relação ao ambiente sociocultural e econômico do aluno, identificamos que uma 41% possuem mãe com ensino superior completo, 18% delas com pós-graduação. Observamos, entretanto, que uma parte considerável de alunos tem mães com segundo grau ou menos (54%). Há, portanto, uma diversificação da extração social dos alunos, sugerindo que seu capital cultural é também diversificado. O capital cultural é um conceito desenvolvido por Bourdieu (1997), sugerindo que o aluno de extração social mais elevada teria acesso a determinado

ambiente cultural mais valorizado. Isso envolve a posse de informações culturais mais sofisticadas e outras características a elas relacionadas, como certas atitudes e comportamentos, que poderiam trazer vantagens ao indivíduo em vários ambientes, incluindo o ambiente universitário, tendo impacto nos resultados e perspectivas educacionais do aluno. De fato, diversos estudos vêm mostrando que a origem social é um forte determinante dos resultados educacionais. Ao medir a situação social e econômica de estudantes de graus de instrução mais elevados, com base nos antecedentes educacionais de seus pais, a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico – OCDE demonstra que na Alemanha, Áustria, França, Portugal e Reino Unido, os filhos de pais que alcançaram níveis educacionais mais altos têm probabilidade no mínimo duas vezes maior de alcançar esse nível do que os que não têm o mesmo perfil familiar (REVISTA ENSINO SUPERIOR, 2008).

Apesar do levantamento realizado sugerir uma origem social diversificada entre os alunos de Turismo da UFF, esses já parecem ter em sua residência condições muito favoráveis de acesso às tecnologias de informação e comunicação. Chama atenção o fato de todos os respondentes (100%) terem computador em casa, sendo que este acesso é também 100% através de banda larga. Esta é uma situação que pode ser considerada privilegiada se comparada aos números atuais do país.

Dados apresentados pelo IBGE em 2005, sobre diversos aspectos do uso da internet no país, mostravam que o acesso e o uso da internet e da banda larga ainda eram um privilégio de poucos, ou seja, daqueles que tinham melhores condições educacionais e de renda. De acordo com dados mais recentes da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD (IBGE, 2008), apenas três em cada dez domicílios brasileiros tinham computador em 2008, e dois em cada dez eram

conectados à internet. Especificamente em relação aos estudantes brasileiros, de acordo com estudos de Olinto (2008; 2009), somente cerca de 9% têm acesso à banda larga.

Quase metade dos respondentes (47%) está num dos quatro primeiros períodos, 41% já cursaram mais da metade do curso e 12% estão desperiodizados, ou seja, estão inscritos em disciplinas de vários períodos. Diante desse quadro, constatamos que o teste conseguiu uma adesão homogênea e representativa dos alunos do primeiro ao oitavo períodos do curso de graduação de turismo da UFF.

A média do Coeficiente de Rendimento – CR de 71% dos respondentes está acima de oito. O CR é calculado semestralmente, com base nas notas obtidas pelo aluno em todas as disciplinas cursadas desde seu ingresso na universidade.

Outro aspecto a ser destacado é a predominância de alunos do sexo feminino no referido curso: 74% dos inscritos no primeiro semestre letivo de 2009 são mulheres. Fato que se repete entre os respondentes do teste: 79% são mulheres. Esse dado se assemelha a resultados de outros estudos que mensuram a questão do gênero em cursos de turismo. Por exemplo, Costa e Mota (2008) identificaram a presença de 79% de alunas cursando bacharelado em Turismo nas instituições privadas de Ensino Superior de Fortaleza, no segundo semestre de 2007.

Convém destacar que a grande participação feminina no setor de turismo não se dá apenas durante a formação acadêmica, mas também ocupando cargos de gestão nesta área. Uma constatação desta situação está dentro do próprio Ministério do Turismo, onde 37% dos funcionários³ que ocupam cargos de Chefia são

³ Dado obtido em pesquisa realizada no link 'Quem é Quem' do site do Ministério do Turismo, em 04 de abril de 2009. Disponível em: <<http://turismo.gov.br>>.

mulheres. Esse índice é relativamente elevado se comparado aos da administração pública federal. Pois, no diagnóstico realizado pelo antigo Ministério da Administração e Reforma do Estado - MARE, em abril de 1998, dos 136 servidores com função DAS-6 (Direção de Assessoramento Superior) no Poder Executivo, somente 18 eram mulheres, o equivalente a 13% do total (JUREMA, 2001).

Entre as opções colocadas aos alunos para identificar a principal motivação da escolha deste curso, para 62% dos respondentes é o fato de apresentar uma área de estudos diversificada, o segundo motivo mais mencionado é acreditar que o curso oferece boas perspectivas de trabalho (14%). Poucos escolheram as demais opções, que foram: perspectiva de viajar, já estar atuando na área e curso fácil de passar no vestibular.

Em relação ao ingresso dos alunos no mercado de trabalho durante os estudos, a maior parte dos respondentes (70%) ainda não estava exercendo atividade profissional ou estágio na área de turismo. Como o estágio supervisionado é obrigatório apenas no 8º período, inferimos duas situações: ou os alunos ainda não estão procurando trabalho, e para isso pode haver explicações ligadas ao ambiente sociocultural do aluno, ou existem atualmente poucas oportunidades de estágio em turismo.

Outro aspecto importante a ser destacado é a compatibilidade das expectativas de trabalho dos estudantes após a conclusão da graduação com o foco do curso de turismo da UFF, que é a formação de gestores e administradores de sistemas turísticos, públicos e privados. Nossa pesquisa revela que 27% dos respondentes desejam ser contratados pela iniciativa privada para atuar na área de gestão de turismo; 23% esperam atuar na área de gestão de turismo em instituição pública; 20% pretendem abrir seu próprio negócio na área. Ou seja, a maior parte

deles tem o foco na gestão do turismo como área esperada de trabalho e uma percentagem deles demonstra visão empreendedora almejando o seu próprio negócio. É também interessante notar que ser contratado pelo setor público é visto como possibilidade em proporções equivalentes às expectativas de contratação pela empresa privada.

Sobre o empreendedorismo na área de turismo podemos mencionar a visão de Costa e Mota (2008). Esses autores consideram os que empreendem quando montam a sua própria empresa (empresarial); os que empreendem nas empresas em que são empregados (intra-empreendedorismo); e, mais recentemente, destacam-se os empreendedores sociais, os empreendedores ambientais e empreendedores institucionais (que atuam nas relações entre empresas) (COSTA; MOTA, 2008, p.3).

O pouco interesse demonstrado pelos respondentes em relação ao desempenho de atividades de pesquisa ou docência (16%) pode estar relacionado ao próprio enfoque do curso, voltado para o mercado de trabalho empresarial. Outra explicação seria o fato de ainda existirem poucos cursos de mestrado e doutorado na área, criando uma barreira para a continuidade dos estudos em nível de pós-graduação *stricto-sensu*. Consequentemente, a sua posterior inserção profissional na área acadêmica de turismo seria prejudicada.

5.2.2 Descrição da Competência em Informação

Apresentamos a seguir, no Quadro 12, os resultados do teste, aplicado aos estudantes de turismo da UFF, no que concerne às grandes dimensões de Competência em Informação consideradas pelo RRSA-Brasil: Habilidade de Pesquisa Percebida; Navegando na Internet; Obtendo a Informação; Avaliando a

Informação, apresentado na seção anterior. Cada uma dessas dimensões congrega diversas variáveis em um índice que expressa um valor geral da dimensão identificada. Neste item comentaremos os resultados obtidos.

Constam, no Quadro 12, o conceito mensurado – as dimensões –, a pontuação obtida pelos alunos de turismo da UFF, a pontuação máxima que pode ser obtida em cada dimensão e a porcentagem de acerto, apresentada na última coluna.

Quadro 12 - Dimensões de Competência em Informação. Alunos de Turismo da UFF. (2009)

Dimensão	Média de Pontuação	Pontos Possíveis	% de Acerto
Habilidade de Pesquisa Percebida	30.35	40	75.88
Navegando na Internet	22.91	50	45.82
Obtendo a Informação	15.88	27	58.81
Avaliando a Informação	4.75	7	67.86
Experiência em Pesquisa Bibliográfica e Uso de Bibliotecas	12.79	33	38.76
Compreendendo o Plágio	11.33	14	80.93

5.3 HABILIDADE DE PESQUISA PERCEBIDA

A dimensão Habilidade de Pesquisa Percebida tem como finalidade mostrar a auto percepção do estudante em relação aos seguintes aspectos: realizar pesquisas,

encontrar informação de qualidade sobre temas específicos, avaliar a informação em fontes impressas e/ou eletrônicas e utilizar os recursos das bibliotecas.

A análise desses aspectos em conjunto, num índice geral de habilidade de pesquisa percebida, mostrou que os alunos acreditam possuírem boas habilidades para realizar pesquisas. Numa escala de 0 a 100 eles se auto-avaliaram com uma média de pontuação de quase 76.

Podemos considerar que os estudantes obtiveram um *score* elevado nesta dimensão, avaliando positivamente suas próprias habilidades de pesquisa. Este resultado também merece destaque quando comparado aos resultados obtidos nas outras dimensões.

5.4 NAVEGANDO NA INTERNET

Na dimensão Navegando na Internet, os alunos são avaliados de acordo com sua atitude e seu comportamento de busca de informação na rede. Essa dimensão visa avaliar a propensão dos alunos a utilizarem ferramentas de busca da internet para encontrar informações para o trabalho acadêmico. Pontuação alta nesta dimensão indica que os alunos tendem a utilizar a internet e seus recursos, como as ferramentas de busca, para o trabalho acadêmico. A pontuação total dos alunos de graduação, na dimensão Navegando na Internet é de 46%, ou seja, pouco menos da metade dos estudantes afirma utilizar as ferramentas de busca da internet como única fonte de pesquisa acadêmica.

É importante ressaltar que buscas feitas aleatoriamente, sem estratégias definidas e adequadas, frequentemente produzem documentos de baixa relevância e/ou que não atendem aos objetivos da pesquisa. Para exemplificar essa situação,

efetuamos uma busca em 10 setembro de 2009, com a palavra *environment*, no Google, que retornou 394.000.000 documentos. A mesma busca, feita no *Annals of Tourism Research*, retornou 1.393 documentos. Efetivamente, para uma pesquisa mais apurada, com fins acadêmicos, seria necessário utilizar outros tipos de filtros, em ambas as fontes. No entanto, é certo que os documentos recuperados no *Annals of Tourism Research*, por ser um periódico científico, oferecem maior credibilidade do que os apresentados pelo Google.

5.5 OBTENDO INFORMAÇÃO

Na dimensão Obtendo Informação são observados aspectos que visam medir a capacidade dos estudantes de graduação de obter informação, com fins científico-acadêmico, válida e confiável. São avaliados: conhecimento de fontes primárias, secundárias e terciárias de informação; capacidade de distinguir documentos científicos e acadêmicos de outras modalidades; reconhecimento de periódicos científicos da área de turismo; escolha da fonte de informação mais apropriada para um determinado objetivo; conhecimento de normas técnicas para elaboração de referências bibliográficas e resumo de artigos científicos.

Os resultados desta dimensão apresentam 59% de acertos às questões. Ou seja, podemos afirmar que os estudantes têm uma performance regular no quesito Obter Informação.

O uso de operadores booleanos é uma subdimensão da capacidade de obter informação. Nesse quesito, verificamos que 73% dos graduandos não souberam utilizar os operadores booleanos e (*and*), ou (*or*) ou não (*not*) para otimizar suas buscas, sendo que esses operadores estão disponíveis na maior parte das ferramentas de busca, assim como em bases de dados e em catálogos de

bibliotecas. Entretanto, a maioria dos alunos (96%) compreende que a utilização de apenas uma palavra-chave numa pesquisa *online* resultará num grande número de respostas. Porém, apenas 12% utilizam tesouros ou outros vocabulários controlados para auxiliar suas buscas.

É também interessante destacar que na questão específica que mede capacidade de identificação de fontes especializadas, 71% dos alunos selecionaram o periódico científico como fonte mais apropriada para consultar informação científico-acadêmica, dentre uma lista com cinco opções. No entanto, quando questionados sobre fontes especializadas na área de turismo, a mais conhecida é um periódico científico disponível exclusivamente *online*. Ao responder a pergunta “Quais dos títulos abaixo são de periódicos científicos ou acadêmicos?”, grande número (89%) selecionou o Caderno Virtual de Turismo. A segunda escolha foi a National Geographic Brasil (55%), que não é um periódico científico. A outra opção que seria correta, a Revista Hospitalidade, teve apenas 28% de indicação. A Revista Viagem e Turismo foi selecionada por 21% dos alunos e a Revista Terra por 9%, embora ambas não sejam periódicos científicos. Isso nos faz acreditar que os estudantes não conhecem bem as características que distinguem um periódico científico de uma revista de divulgação.

Em relação ao conhecimento de normas técnicas para elaboração de referências bibliográficas, uma das questões propostas é a seguinte:

As citações abaixo estão no formato da Norma Técnica NBR14724, de 2005, da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), que estabelece os princípios gerais para a elaboração de trabalhos acadêmicos (teses, dissertações e outros). Quais delas são de artigos de periódicos?

Os participantes deveriam marcar as opções corretas numa lista de 6 itens (3 referências de artigos de periódicos, 1 referência de livro, 1 referência de relatório

técnico e 1 referência de capítulo de livro). Apenas pouco mais da metade dos alunos (58%) acertou esta questão, o que indica que há uma boa porcentagem desses que ainda não sabe identificar os documentos observando a sua referência.

5.6 AVALIANDO A INFORMAÇÃO

Avaliar um artigo, uma informação, um documento, um *site* consiste em analisar e julgar ao menos quatro aspectos distintos: a credibilidade da fonte, a qualidade do conteúdo, a coerência da organização e a pertinência da apresentação (SERRES, 2005).

Saber qualificar uma informação não é tarefa trivial. A Competência em Informação, nos aspectos relativos à avaliação da informação, é um grande diferencial na formação acadêmico-profissional. Mas, de acordo com resultados de estudos na área, os estudantes ainda demonstram dificuldades em analisar e sintetizar a informação obtida (CAREGNATO, 2003; VITORINO; PAULI, 2006)

No RRSA, a dimensão ‘habilidade em avaliar a informação’ priorizou verificar a capacidade do estudante de comparar e avaliar a qualidade das fontes de informação, analisando-as com base em critérios de credibilidade para a tomada de decisão.

Os alunos têm suas habilidades mensuradas por meio de questões que tratam da avaliação que devem fazer de três *sites* específicos. Os *sites* foram criados especialmente para o teste e são sobre suplementos nutricionais. Apresentam gráficos, *hiperlinks* e textos sobre suplementos nutricionais fictícios. Cada *site* é dedicado a um tipo de suplemento. Para avaliar os *sites* não é necessário que os estudantes tenham conhecimento do assunto, até porque, neste

caso, eles desconhecem os suplementos descritos no texto, já que são fictícios. O que deve ser levado em consideração para a avaliação, em vez do conteúdo do texto, são as características do *site* em termos de credibilidade. Neste sentido, a avaliação deve ser feita observando os critérios de avaliação de *sites*, descritos por Alexander e Tate (1996), e também relacionados nos Tutoriais de *Information Literacy* de instituições de ensino superior (HATSCHBACH, 2002): abrangência, atualidade, autoridade, confiabilidade, objetividade, objetivo, pertinência, público-alvo.

Para auxiliar na avaliação, também foram destacados sinais contextuais que aumentam ou diminuem a confiança nos *sites* sobre sua credibilidade, como domínio (dois *sites* eram .org e um .com), *links* para as biografias dos autores, data de publicação e indicação de referências.

Mais da metade dos respondentes, 54%, identificou que o objetivo do *site* menos confiável era vender produtos e serviços. Alguns indícios para se chegar a essa conclusão são o fato do referido *site*, de domínio comercial (.com), cobrar uma taxa para *download* de conteúdo, fazer propaganda de produtos e apresentar depoimentos de consumidores descrevendo fantásticos resultados alcançados com o uso do suplemento nutricional em evidência.

Estes resultados indicam, portanto, que a pontuação geral dos estudantes nesta dimensão não foi baixa, eles apresentaram o total de 68% de acerto nos diversos aspectos da capacidade de avaliar a informação.

5.7 EXPERIÊNCIA EM PESQUISA BIBLIOGRÁFICA E USO DE BIBLIOTECAS

A elaboração de trabalhos acadêmicos e de artigos é a forma tradicional de desenvolver as habilidades relacionadas à pesquisa e à investigação científica. Oferece a oportunidade de o estudante se aprofundar em determinado tema, exercitar o pensamento crítico e analítico e aprender a se comunicar com os outros.

Carol Kuhlthau (1991), ao definir as etapas de seu *Information Seeking Process - ISP* e Eisemberg e Berkowitz (1991), ao identificar as seis grandes habilidades para a solução de um problema de informação (*The Big6 Skills*), referem-se aos componentes informacionais envolvidos em cada etapa do trabalho de pesquisa.

A dimensão Experiência em Pesquisa Bibliográfica e Uso de Bibliotecas, do RRSA, pretende levantar a participação do estudante em atividades de pesquisa, por meio de indicadores de Competência em Informação, descritos na parte conceitual desta tese, como: escrever documentos; citar fontes; utilizar bibliografias, enciclopédias, periódicos, sumários correntes; resumir idéias; usar os serviços de bibliotecas e solicitar auxílio da equipe de bibliotecários.

O resultado geral desta dimensão foi de apenas 39% de acerto das questões. Esse número indica que ainda existe uma grande deficiência, por parte dos alunos, em relação ao processo de elaboração de pesquisas e de trabalhos acadêmicos, bem como à utilização dos recursos, serviços e profissionais de bibliotecas universitárias.

Entre as questões específicas que pretendiam revelar a familiaridade dos estudantes com diferentes aspectos da pesquisa acadêmica, algumas merecem ser destacadas: 77% dos alunos disseram já ter resumido livros ou artigos; 57% afirmam

ter consultado e encontrado sugestões interessantes nos prefácios, notas de rodapé ou de fim de página de publicações; e 16% alegaram ter escrito artigos que reuniram informações e idéias provenientes de fontes de informação diversificadas.

A biblioteca, entendida como um 'sistema organizacional e espacial' (DUDZIAK, 2001, p.96), constituída de recursos humanos, intelectuais, materiais e tecnológicos, exerce papel de destaque na mediação dos processos de busca e uso da informação. E o ambiente promovido pelas relações que ela intermedia é transformado em espaço de conhecimento e aprendizado (BREIVIK, 1993).

Quando indagados no teste sobre quantas vezes foram presencialmente a bibliotecas e/ou tiveram contato com bibliotecários no ano que passou, pouco mais da metade dos alunos (55%) respondeu que iam menos de uma vez por mês e 16% disseram que iam cerca de uma vez por semana. Esse resultado equipara-se aos da questão sobre quantas vezes acessaram páginas de bibliotecas na internet, em que 52% responderam menos de uma vez por mês, 5% a cada duas semanas e 9% disseram que acessam uma vez por semana. No entanto, o mais surpreendente é que 36% afirmam não ter feito nenhum contato com funcionários de biblioteca no último ano, incluindo contatos pessoais, por telefone, *email* ou outra forma de comunicação. As instalações físicas da biblioteca bem como sua página na internet não são regularmente frequentadas pelo estudante de Turismo.

De acordo com Kuhlthau (2005), em seus trabalhos sobre o processo de busca da informação, há etapas em que os usuários estão mais pré-dispostos a aceitar intervenção ou ajuda de outras pessoas. Ao se concentrar nesses momentos, o auxílio dos bibliotecários pode tornar-se mais eficaz se esses adaptarem os serviços de informação às necessidades específicas dos estudantes. No entanto, muitas vezes a ajuda que queriam não era necessariamente o tipo de

ajuda que pensavam estar disponível na biblioteca. Esse tipo de convicção pode explicar por que é baixa, em nossos resultados, a demanda, por parte do estudante, de auxílio do bibliotecário e do uso de bibliotecas durante suas pesquisas.

5.8 COMPREENDENDO O PLÁGIO

A compreensão dos desafios éticos, decorrentes do uso indiscriminado da informação, resultante das demandas da sociedade do conhecimento e do acesso generalizado a todo tipo de informação através da internet, é um aspecto relevante de Competência em Informação (WEBBER, 2002; LAU, 2006). Nesse sentido, conteúdos referentes a essa temática, como plágio, direito autoral e pirataria têm sido incluídos nos currículos, programas e materiais instrucionais da área (DUQUE; HATSCHBACH, 2006). Este tema também tem sido incluído em pesquisas sobre competência no uso das TICs (DINIZ, 2005).

No RRSA, a dimensão Compreendendo o Plágio tem como finalidade avaliar a capacidade dos estudantes de identificar situações em que ocorrem plágio e violação de direitos autorais, como a reprodução de idéias sem citar a fonte e a cópia de obras artísticas e científicas com fins comerciais.

Uma das situações em que o plágio deve ser compreendido é durante o processo de compartilhamento da informação, uma característica que mostra tendência clara de crescimento, tanto no ambiente de aprendizado quanto na produção científica. É esperado que os estudantes de graduação em turismo compartilhem informação com outros estudantes, professores e profissionais. Para isso, é necessário que quando essa informação for disseminada, sobretudo por meio dos trabalhos acadêmicos, o estudante informe e referencie corretamente os autores e as fontes de informação utilizados. Dessa maneira, ele também estará

participando positivamente do ciclo da comunicação científica, que se fundamenta no respeito e no reconhecimento dos pares.

Os resultados do teste nesta dimensão indicam que os estudantes de turismo demonstram ter boa compreensão de plágio: 95% dos alunos sabem que o conhecimento comum pode ser reproduzido sem referência, mais de 80% entendem que citações a matérias jornalísticas devem ser creditadas e quase 90% consideram necessário o crédito em textos de articulistas divulgados em veículos de comunicação de massa. Da mesma forma, 66% dos alunos acreditam que é necessário dar crédito para pensamentos originais expressos oralmente (em palestras, aulas, etc.).

Por outro lado, a atitude de ‘copiar e colar’ não é repudiada com ênfase pelos alunos: 34% acham que copiar uma frase que aparece em vários *sites* da internet sem citar a fonte não é plágio e 45% dos respondentes acreditam que mudar a estrutura de uma frase e reproduzi-la sem citar a fonte também não constitui plágio. Além disso, 39% consideram apropriado mudar a estrutura e parafrasear idéias de outra pessoa, como sendo suas próprias, sem citar a fonte. Analisando essas últimas respostas, talvez uma explicação para este tipo de atitude pouco ética possa ser o fato de os alunos interpretarem o plágio como sendo apenas a violação de frases exatas, e não a violação de idéias.

Em suma, diante do alto índice de compreensão demonstrado por parte dos alunos em relação ao plágio, 81% de acerto no total, podemos supor que o comportamento de plágio, ainda muito recorrente em trabalhos acadêmicos, não deva ser justificado pelo desconhecimento das normas que regem as questões de plágio e direito autoral, mas provavelmente é motivado pelas facilidades que os estudantes encontram em realizar tarefas poupando esforços, com o auxílio de

recursos tecnológicos, como copiar e colar textos diretamente do computador e de páginas da internet.

5.9 INFLUÊNCIA DO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO E DOS FATORES SOCIOCULTURAIS NA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Fatores relativos a características do ambiente sociocultural do aluno, o impacto da própria experiência universitária e da inserção no mercado de trabalho contribuem para explicar a Competência em Informação do aluno de turismo?

Diversos autores têm abordado as características sociais e culturais como constituintes da capacidade de aprendizado dos indivíduos na Sociedade da Informação (CAPURRO; HJORLAND, 2003; CASTELLS). Bourdieu (1989) foi um dos teóricos que se destacou ao procurar identificar os mecanismos através dos quais as vantagens socioeconômicas estão ligadas a vantagens culturais que se transformam em vantagens no ambiente escolar e em melhores oportunidades de trabalho. São características e estratégias individuais e familiares que não se situam apenas no domínio das competências, mas no domínio menos explícito das escolhas, da aquisição de hábitos, da autopercepção de habilidades e do acesso a oportunidades e recursos. Estes mecanismos vão auxiliar a explicar como se reproduzem as classes sociais e também a manutenção das chances diferenciadas entre homens e mulheres na sociedade. A Competência em Informação do aluno de turismo poderia manter-se, portanto, associada a sua origem social e a estratégias familiares localizadas no âmbito da cultura, como o aprendizado de línguas. Diferenças entre homens e mulheres em relação à Competência em Informação poderiam estar associadas a hábitos diferenciados associados à cultura de gênero.

A própria experiência escolar e a inserção no mercado de trabalho são aspectos que também podem contribuir para a Competência em Informação. Conforme mencionado anteriormente, o currículo da graduação em turismo valoriza a aquisição de habilidades informacionais. Além do mais, a Competência em Informação pode ser desenvolvida, como habilidade tácita, por meio da exposição às diversas disciplinas do curso de turismo. Neste sentido, buscamos identificar se os alunos que estão nos períodos mais avançados estariam mais Competentes em Informação do que os alunos nos períodos iniciais.

Estar no mercado de trabalho pode também contribuir para a Competência em Informação do aluno devido às oportunidades a que tem acesso e à contribuição que essa experiência pode ter para sua maturidade como indivíduo e acadêmica.

Visando verificar se há evidências da interferência do ambiente sociocultural, do ambiente de aprendizado e do ambiente de trabalho na Competência em Informação do aluno, associamos alguns indicadores destes conceitos com aspectos da Competência em informação medidos pelo RRSA-Brasil.

Como indicador do efeito da experiência escolar consideramos o período em que o aluno está matriculado; como indicador da origem sociocultural do aluno consideramos a educação da mãe, familiaridade com línguas estrangeiras e o seu gênero. Como indicador da experiência de trabalho consideramos a variável que identifica se o aluno tem no momento algum tipo de vínculo empregatício.

5.9.1 A Influência da Experiência Universitária

Buscando inicialmente detectar a influência do ambiente de aprendizado na Competência em Informação, analisamos a relação entre o período em que o aluno

está matriculado e os seguintes aspectos da sua Competência em Informação: a autopercepção do aluno em relação à sua competência e as variáveis que buscam medir objetivamente sua habilidade de obter e avaliar informação, navegar na internet e usar a biblioteca.

Os resultados obtidos a esse respeito são surpreendentes. Os alunos dos períodos iniciais tendem a apresentar uma autopercepção dos diversos aspectos da Competência em Informação superior àquela demonstrada pelos alunos que estão nos períodos mais avançados (Tabelas 1 a 4, ANEXO 3). Esses resultados, aparentemente inconsistentes, podem ser parcialmente explicados pelo fato de que, ao entrar na universidade, o aluno demonstra alta confiança em si, talvez por ter vencido um processo seletivo competitivo e também por ainda desconhecer as diferenças entre a informação acadêmico-científica e a informação de massa. À medida que o estudante vai adquirindo conhecimentos e tendo de lidar com um universo de informação diferenciado, vai percebendo as dificuldades e tornando-se mais inseguro.

Em contrapartida, os alunos dos períodos mais avançados tendem a se desempenhar melhor quando submetidos a um teste mais objetivo para medir essas habilidades. Os alunos do 5º ao 8º períodos estão substancialmente melhor posicionados nas habilidades de obter e avaliar informação. A compreensão do plágio e o índice geral de competência também crescem junto com a experiência universitária. Os alunos dos períodos mais avançados mostram ter mais sucesso na busca por informação específica. Da mesma forma, no índice geral de Competência em Informação, que congrega as várias dimensões do conceito, os alunos de períodos mais avançados mostram ter mais habilidades do que os dos períodos iniciais. Apenas em algumas das medidas objetivas da Competência em Informação

permanecem valores mais altos entre os alunos dos períodos iniciais, como é o caso da habilidade de navegar na internet e experiência em pesquisa bibliográfica e uso de biblioteca (Tabelas 4 a 8, ANEXO 3).

Quanto a este último aspecto - experiência em pesquisa bibliográfica e uso de bibliotecas – verificamos que os alunos dos períodos iniciais demonstram mais conhecimento das normas de elaboração de trabalhos acadêmicos, de fontes de informação, maior frequência a bibliotecas e contato com profissionais da informação. Acreditamos que esta situação possa ser um reflexo da dinâmica curricular do curso de turismo, fazendo com que nos períodos finais ele esteja mais envolvido com atividades voltadas para a prática profissional, como a participação em projetos e realização de estágios, e acaba se distanciando das atividades e formalidades acadêmicas.

Diante do exposto, consideramos que, apesar das evidências aparentemente contraditórias, houve aquisição de Competência em Informação durante a formação acadêmica do aluno, destacando-se a influência da experiência escolar nas habilidades identificadas através de medidas mais objetivas. Essas habilidades estão sendo trabalhadas, de alguma forma, mesmo que implicitamente, nos conteúdos das disciplinas, já que não existe matéria ou programa específico voltados para as mesmas no curso de graduação de turismo da UFF. Ou seja, o ambiente educacional exerce influência direta e positiva no desenvolvimento da Competência em Informação.

5.9.2 A Influência das Características Socioculturais

Conforme anteriormente analisado, o nível educacional de origem dos alunos apresenta uma diversificação clara, pois os alunos podem ser agrupados em dois

grandes grupos: aqueles cuja origem social poderia ser classificada de capital cultural mais baixo, pois as mães têm apenas ensino fundamental ou médio, e aqueles cuja origem social é mais elevada e poderia ser classificada de capital cultural mais elevado.

As análises empreendidas para observar a relação entre a educação da mãe e a Competência em Informação do aluno mostram, ao contrário do esperado, que os alunos cuja origem social é mais baixa apresentam tipicamente melhores resultados (em habilidade em obter informação e avaliar informação, em experiência em pesquisa bibliográfica e uso de biblioteca, em compreensão de plágio e também no índice geral de Competência em Informação). Até mesmo a autopercepção da habilidade de obter informação, conceito que poderia refletir uma avaliação por parte do aluno das suas oportunidades concretas, e, portanto, mais associado a sua situação social de origem, mostra-se inversamente relacionado à educação da mãe. Apenas a habilidade de navegar na internet está fracamente e positivamente associada à educação da mãe (Tabelas 9 a 15, ANEXO 3).

Uma das explicações para essa situação seria que o estudante que consegue ingressar em universidade pública no Brasil já passou por um processo de seleção muito rigoroso e competitivo. As possíveis deficiências, que supostamente o estudante proveniente de ambiente sociocultural menos favorecido poderia ter, devem ter sido superadas antes mesmo de sua entrada no ensino superior, fazendo com que ele apresente as mesmas capacidades de aprendizagem que os demais. Esse resultado corrobora com os dos estudos de Olinto (1994) e de Diniz (2005), nos quais as autoras observaram que nos seus campos de estudo – uma escola pública de ensino médio de excelência e um curso de graduação em administração -

o efeito da educação dos pais nas habilidades informacionais e no desempenho escolar dos filhos é pequeno.

Outro fator considerado para explicar a competência dos estudantes em relação ao uso da informação foi o conhecimento do idioma inglês, pois, “80% do conteúdo da Internet ainda está em inglês, tornando este idioma a língua franca de fato da sociedade do conhecimento” (AFONSO, 2000). Como a competência em inglês, assim como diversas dimensões de Competência em Informação, foi medida em escalas mais sensíveis, que se aproximam da escala de razão, um exame de correlação pôde ser aplicado. Os resultados indicam que existe alta correlação entre o conhecimento da língua inglesa e a Competência em Informação, principalmente nas dimensões: obtendo a informação ($r^2=0,79$); avaliando a informação ($r^2=0,59$) e compreendendo o plágio ($r^2=0,547$). Isto significa que o idioma inglês exerce influência positiva no desenvolvimento dessas habilidades.

Surpreendentemente, a familiaridade com idioma inglês não se mostrou correlacionada à dimensão ‘navegando na internet’, em que o aluno é avaliado em sua utilização das ferramentas de busca da rede para encontrar informações para o trabalho acadêmico.

Levando em consideração o sexo dos alunos, os resultados mostram que há uma diferença de aproximadamente 19 pontos percentuais, a favor dos homens, no resultado geral da Competência em Informação dos estudantes de graduação. As mulheres sobressaem muito discretamente nas dimensões experiência em pesquisa bibliográfica e uso de biblioteca e na compreensão do plágio. Já os homens apresentam resultados substancialmente mais elevados na habilidade em obter e avaliar informação; na habilidade em navegar na internet e na autopercepção da Competência em Informação (Tabelas 19 a 25, ANEXO 3).

Os números do efeito do gênero na Competência em Informação do estudante de graduação, apresentados em nossa pesquisa, coincidem com os resultados obtidos por Diniz e Olinto (2007), que sinalizam para as vantagens dos universitários homens em alguns aspectos de uso das tecnologias de informação e comunicação.

5.9.3 O Efeito do Ambiente de Trabalho

Os dados obtidos indicam que a experiência de trabalho parece exercer influência na aquisição da Competência em Informação. Os alunos que estão trabalhando apresentam resultados substancialmente mais elevados no índice geral de Competência em Informação. Esta superioridade se mantém quando observamos algumas dimensões específicas. Estar estagiando ou trabalhando associa-se claramente à habilidade de obtenção de informação e de compreensão do plágio. Embora em menor grau, a experiência de trabalho também parece favorecer as habilidades de avaliar a informação e de navegar na internet. Apenas na dimensão experiência em pesquisa bibliográfica e uso de biblioteca aqueles que não exercem atividade de trabalho tiveram uma pontuação superior aos demais (Tabelas 26 a 32, ANEXO 3).

Em suma, podemos afirmar que fatores relacionados aos ambientes sociocultural, educacional e de trabalho exercem considerável influência na Competência em Informação dos estudantes de graduação de turismo, principalmente nas dimensões: obtendo informação, avaliando a informação e compreendendo o plágio.

Porém, vale a ressalva que o nível educacional da mãe, aspecto do ambiente sociocultural levantado pelo teste, não parece determinante para o desenvolvimento

desta Competência, o que sinaliza para um fato positivo: os alunos de origem social mais modesta que alcançam a universidade parecem ter condições iguais ou melhores que os demais para o desenvolvimento de competências que serão fundamentais para sua inserção na sociedade da informação.

5.10 UMA BREVE COMPARAÇÃO ENTRE BRASIL E ESTADOS UNIDOS

Por meio da comparação dos resultados de algumas variáveis do RRSA, entre alunos de cursos de graduação no Brasil e nos Estados Unidos, podemos afirmar que os estudantes brasileiros apresentam um bom desempenho de Competência em Informação. Essa comparação, no entanto, é apenas a título ilustrativo, já que estudos comparativos deverão ser objeto de trabalhos futuros.

Os números do Brasil são provenientes de nossa pesquisa, os dos Estados Unidos referem-se ao estudo (IVANITSKAYA et al, 2006) feito junto a um grupo de estudantes de graduação da Faculdade de Ciências da Saúde da *Midwestern University*, que apresenta perfil semelhante ao brasileiro (Quadro 13).

Quadro 13 - Perfil Alunos Brasil X Alunos Americanos

Perfil dos Respondentes	Sexo		Idade		Período	
	M	F	18-24	+24	1º-4º	5º-8º
BRASIL	21%	79%	96%	4%	46%	41%
EUA	23%	77%	95%	5%	81%	19%

Ambos os grupos são compostos majoritariamente por estudantes jovens, com idade entre 18 e 24 anos, do sexo feminino. Apenas na variável período é que existe uma diferença: no Brasil, os estudantes estão distribuídos homogeneamente

nos períodos iniciais e finais do curso, já nos Estados Unidos estão concentrados nos períodos iniciais.

O Quadro 14, a seguir, apresenta a percentagem de acerto dos estudantes brasileiros e americanos, em algumas variáveis analisadas pelo RRSA.

Quadro 14 - Resultados Comparativos RRSA (Brasil X EUA)

VARIÁVEL	% DE ACERTO	
	BRASIL	EUA
A. Sabem utilizar operadores booleanos	27%	34%
B. Distinguem fontes primárias e secundárias	66%	50%
C. Identificam referências bibliográficas de artigos de periódicos	59%	50%
D. Sabem avaliar a credibilidade de um site	68%	50%
E. Reconhecem o objetivo do site menos confiável	54%	50%
F. Chegaram à conclusão esperada sobre os 3 sites analisados	41%	25%

Nos Estados Unidos, os estudantes apresentam maior habilidade em utilizar operadores booleanos (34%) em suas pesquisas do que os brasileiros (27%). Entretanto, em ambos os países esse índice é ainda muito pequeno, configurando que há pouco conhecimento dos recursos avançados de buscas, disponibilizados tanto por bases de dados quanto por ferramentas de busca da internet.

Em relação à avaliação da informação (D+E+F), a média dos brasileiros nas variáveis comparadas foi de 54% de acerto e a dos americanos de 42%, ou seja, os brasileiros apresentam uma vantagem percentual de 8 pontos. Porém, saber

reconhecer uma informação confiável por meio da utilização de critérios que garantem a credibilidade da informação ainda não é um ponto forte de estudantes de graduação no Brasil nem nos Estados Unidos.

Nas demais variáveis observadas, que medem o conhecimento de fontes de informação (B+C), a performance dos alunos brasileiros (62%) foi superior à dos americanos (50%).

Em síntese, podemos dizer que os estudantes brasileiros apresentam bons resultados quando comparados aos americanos. É preciso ressaltar, no entanto, que a maior parte dos alunos dos EUA está concentrada nos períodos iniciais do curso, e os estudantes do Brasil estão divididos proporcionalmente por todo o curso.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crescimento do setor de Turismo, em termos mundiais, tem sido uma das vias para o desenvolvimento econômico-social de forma sustentável e um diferencial competitivo de muitos países, regiões e comunidades. A importância do Turismo na economia de muitas nações, gerando divisas, trabalho e renda pode ser verificada em relatórios e documentos oficiais apresentados pelos Governos e nos trabalhos elaborados pela Organização Mundial de Turismo (OMT).

O Turismo como área de estudo e pesquisa acadêmica ainda é recente no Brasil, no entanto, na última década, vem ganhando espaço e se estabelecendo nas instituições de ensino superior do país. O número de alunos, professores e pesquisadores que se dedicam ao Turismo, em suas várias dimensões, também é crescente. Essa situação pode ser observada pelo aparecimento de grupos e núcleos de pesquisa e periódicos científicos na área.

A informação tem papel fundamental no planejamento, implantação, gerenciamento e divulgação da atividade turística bem como para o desempenho das atividades científico-acadêmicas da área. Neste sentido, a interface da Ciência da Informação com o Turismo visa promover maior integração dos conceitos e conteúdos dessas áreas de conhecimento por meio de estudo, pesquisa, organização e disseminação sistemática da informação.

Visando uma análise da Competência em Informação do estudante de graduação de turismo, abordamos as características e evolução desse conceito na área da Ciência da Informação, assim como os estudos empíricos sobre esta temática tanto em nível mundial quanto na América Latina e no Brasil. A

consideração de múltiplos aspectos deste conceito mostra o quanto ele se aproxima e se afasta do conceito de competência no uso de tecnologias de informação e comunicação, estando a Competência em Informação, no ambiente educacional, mais vinculada à habilitação para o trabalho de pesquisa científica.

A parte empírica desta tese constituiu-se da aplicação de um teste *online*, desenvolvido para medir a Competência em Informação de estudantes do ensino superior.

O teste, denominado Auto-avaliação de Competência em Informação (*Research Readiness Self-Assessment – RRSA*), teve como objetivo analisar a Competência em Informação de estudantes de graduação de turismo usando uma ferramenta de avaliação padronizada, que permitisse futuras comparações com outros grupos de estudantes, tanto do Brasil como de outros países. Um diferencial do RRSA é que ele aborda várias dimensões da Competência em Informação, considerando também a auto-avaliação do estudante em relação as suas habilidades de pesquisa.

O teste foi traduzido para o português e adaptado para responder a algumas indagações desta pesquisa e a especificidades da realidade brasileira. Destacamos o interesse em identificar o impacto da experiência escolar e de aspectos do ambiente sociocultural do aluno na sua Competência em Informação.

Os resultados revelam que os alunos de graduação de turismo mostram bons resultados em algumas medidas de Competência em Informação e resultados desfavoráveis em outros. Chamam também atenção nos resultados algumas discrepâncias entre a auto-avaliação da competência e os indicadores de aspectos mais objetivos desta competência. Os alunos acreditam possuir uma boa

capacidade de realizar pesquisas, especialmente no início da carreira universitária, o que, em certos aspectos, não condiz com os resultados observados através de questões que medem, por exemplo, a capacidade de obter e avaliar informação. Este estudo nos sugere que para se tornar Competente em Informação e consumidor consciente de informação, os estudantes ainda precisam de orientações sobre como realizar pesquisas utilizando estratégias de buscas mais elaboradas, avaliar a informação com base em critérios determinantes de sua qualidade e aproveitar mais os recursos e serviços oferecidos pelas bibliotecas universitárias. Dessa maneira, eles poderão desenvolver um conjunto de habilidades que auxiliará na tomada de decisão baseada no uso consciente e fundamentado da informação.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa podem ser usados para a elaboração de atividades curriculares ou extracurriculares, visando o desenvolvimento da Competência em Informação junto a alunos de graduação; comparados com pesquisas futuras, a serem aplicadas em grupos semelhantes, e cotejados com pesquisas que já tenham sido realizadas sobre aspectos de Competência em Informação mensurados pelo RRSA. Também podem auxiliar os estudantes a adquirir a competência necessária para utilizar, analisar e gerenciar informações.

Constatamos, por meio da literatura e do resultado do teste aplicado, que o desempenho do aluno no ensino superior pode ser, em parte, explicado pelo nível de competência no seu processo de busca e uso de informação. Apesar da utilização generalizada de programas de computador como editores de texto e imagem, planilhas de dados, e de recursos da internet como navegadores, email, *download* de música e mensagem instantânea (texto, áudio e vídeo), os alunos do ensino superior continuam com lacunas e deficiências em obter a informação

credenciada, disponibilizada na Rede e em repositórios especializados, de forma a alcançar resultados efetivos no seu trabalho acadêmico.

A capacidade de agir com autonomia e de demonstrar uma visão crítica durante sua formação educacional e, mais especificamente, durante o processo de pesquisa para o trabalho acadêmico, é um traço que distingue o estudante do ensino superior.

Verificamos, também, através do teste aplicado, que a Competência em Informação dos alunos do ensino superior não está positivamente relacionada ao nível educacional da família de origem do aluno (como o nível educacional mãe). Ao contrário, os alunos de origem social mais baixa mostram níveis de Competência em Informação mais altos que os demais. Uma das explicações para isso é que o processo de seleção para o ingresso em instituição pública de ensino já é um filtro que minimiza os possíveis desníveis educacionais de alunos provenientes de ambientes socioculturais distintos.

Outro aspecto importante que depreendemos dos resultados de nossa pesquisa é que a intervenção da universidade, tanto por meio de disciplinas, de atividades específicas, quanto pela integração de professores, equipe dos profissionais da biblioteca e alunos, é fundamental para estimular e melhorar a Competência em Informação dos alunos, conseqüentemente, de seus resultados acadêmicos.

Professores, educadores, gestores, pesquisadores, profissionais da informação e os próprios alunos podem utilizar os resultados desta pesquisa para delinear ações que melhorem o desempenho dos estudantes em relação a sua

Competência em Informação, preparando-os para superar os desafios de viver na era da informação.

7 REFERÊNCIAS

ABDULLAH, Szarina et al. Developing information literacy measures for higher education. In: PROCEEDINGS A-LIEP, 2006, Singapura. **Anais...** p. 219-228. Disponível em: <<http://dlist.sir.arizona.edu/1384/01/31.Szarina%5FAbdullah%5Fpp219-228%5F.pdf>>. Acesso em 3 abr. 2008.

AFONSO, Carlos. Internet no Brasil: o acesso para todos é possível? **Policy Paper**, n. 26, Sept. 2000

ALEXANDER, A. J.; TATE, M. A. **Check list for an informational webpage**. 1996. Disponível em: <<http://web2.slc.qc.ca/adera/evaluating%20web%20sites.pdf>>. Acesso em: 3 ago. 2009.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. Best practices initiative Institute for Information Literacy. Characteristics of programs of information literacy that illustrate. **Best practices: a guideline**. 2003. Disponível em: <<http://www.ala.org/ala/acrl/acrlstandards/characteristics.htm>>. Acesso em 18 nov. 2008.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. Presidential Committee on Information Literacy. **Final Report**. Chicago, 1989. p.1.

AMERICAN SOCIETY FOR INFORMATION SCIENCE AND TECHNOLOGY. **Annual Review of Information Science and Technology-ARIST**. Disponível em: <<http://www.asis.org/Publications/ARIST/>>. Acesso em 23 jan. 2009.

AN ASSESSMENT plan for information literacy. Indiana: Indiana University Bloomington Libraries, 1996. Disponível em: <http://www.indiana.edu/~libinstr/Information_Literacy/assessment.html>. Acesso em: 25 maio 2009.

ANGULO MARCIAL, Noel. Normas de competencia en información. **BID: textos universitarios de biblioteconomía i documentación**, n. 11, Dec. 2003.

ANNALES DE DOCUMENTACIÓN. MURCIA: Facultad de Comunicación y Documentación, 1998. Disponível em: <<http://www.um.es/fccd/anales/>>. Acesso em 16 out. 2008.

ARENAS, Judith Licea. La evaluación de la alfabetización informacional. Principios, metodologías y retos. **Anales de Documentación**, n. 10, p. 215-232, 2007.

ARRUDA, Eucidio; PIMENTA, Durcelina. Algumas Reflexões sobre a Internet e as estratégias comunicativas no marketing em turismo. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 5, n. 4, 2005.

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES. **Research agenda for library instruction and information literacy** (update). Disponível em: <<http://www.ala.org/ala/acrlbucket/is/iscommittees/webpages/research/researchagen dalibrary.cfm>>. Acesso em 5 fev. 2009.

AUN, Marta Pinheiro. (Org.). **Observatório da inclusão digital**: descrição e avaliação dos indicadores adotados nos programas governamentais de infoinclusão. Belo Horizonte: Orion, 2007. 257p.

BANDUCCI, Álvaro; BARRETO, Margarita. **Turismo e identidade local**: uma visão antropológica. Campinas: Papirus, 2001.

BARBOSA, Alex Sandro. **Inventário dos temas e autores na área de turismo e meio ambiente**. 2008. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente) - Centro Universitário de Araraquara.

BARBOSA, Ycarim Melgaço. **História das viagens e do turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Uma nação de oportunidade: preparando a força de trabalho americana para o século 21. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, v. 6, n. 1, dez. 2000. Recensões.

BARRETO, Margarita. **Desenvolvimento sustentável do turismo e legado cultural**. Campinas: Papirus, 2002.

BELTRÃO, Otto di. **Turismo**: a indústria do século 21. Osasco: Novo Século, 2001.

BELLUZZO, R. C. B. A competência em informação como um diferencial na gestão de pessoas. In: SEMINÁRIO DE GESTÃO DO CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO, 2004, Campinas. **Anais...** Campinas: UNICAMP, 2004. v. 1. p. 1-10.

BELLUZZO, R. C. B.; KERBAUY, Maria Teresa Miceli. Em busca de parâmetros de avaliação da formação contínua de professores do ensino fundamental para o desenvolvimento da information literacy. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 5, n. 2, p. 129-139, 2004.

BELLUZZO, Regina C. B. A Information literacy como competência necessária à fluência científica e tecnológica na sociedade da informação: uma questão de educação. In: SIMPÓSIO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO DA UNESP, 7., 2001, São Paulo. **Anais...** São Paulo: UNESP, 2001. Disponível em: <<http://www.simpep.feb.unesp.br/ana8.html>>. Acesso em 23 fev. 2009.

BERNHARD, Paulette. Apprendre à «maîtriser» l'information: des habiletés indispensables dans une «société du savoir». **Education et francophonie**, v. 26, n.1, 1998. Disponível em: <<http://www.acelf.ca/c/revue/revuehtml/26-1/09-bernhard.html>>. Acesso em 21 ago. 2008.

BLATTMANN, Ursula; RADOS, G. J. V. Direitos autorais e internet: do conteúdo ao acesso. **Revista Online da Biblioteca Joel Martins**, Campinas, v. 2, n. 3, p. 86-96, 2001.

BONILLA, M. H. O Brasil e a alfabetização digital. **Jornal da Ciência**, Rio de Janeiro, p. 7, 2001. Disponível em: <<http://www.faced.ufba.br/~bonilla/artigojc.htm>>. Acesso em 12 jul. 2009.

BORDINI; RUSCHMANN. Diagnóstico para arranjos produtivos locais do turismo (APLTur): um modelo referencial. In: Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 5, 2008, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ANPTUR, 2008. p. 2.

BORGES, Jussara ; SILVA, Helena Pereira da. Democracia eletrônica e competência informacional. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 16, p. 11, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Language et pouvoir symbolique**. Paris: Seuil, 1989.

BRADLEY, P.: Herrin, J. Development and validation of an instrument to measure knowledge of evidence-based practice and searching skills. **Medical Education Online**. Disponível em: <<http://www.med-ed-online.org/res00096.htm>>. Acesso em 23 jun. 2008.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Sinopses estatísticas da educação superior**. Brasília: INEP, 2006. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/superior/censosuperior/sinopse>>. Acesso em 12 abr. 2009.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB**. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm>. Acesso em: 23 maio 2008.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Programa de Regionalização do Turismo**, Brasil, 2003. Disponível em <<http://200.189.169.135/regionalizacao/>>. Acesso em 12 nov. 2008.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Programa de Regionalização do Turismo: Diretrizes Operacionais - Roteiros do Brasil**. Ministério do Turismo. Brasília, 2004.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo no Brasil 2007-2010**. Brasília, jun., 2006.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Pesquisa nacional de egressos dos cursos técnicos da rede federal de educação profissional e tecnológica (2003-2007)**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=819&Itemid>. Acesso em 23 maio 2009.

BRASIL. **Lei do Turismo**, nº 11.771, 2008,. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11771.htm>. Acesso em: 24 fev. 2009.

BREIVIK, P. S. Promoting learning in libraries through information literacy. **American Libraries**. v.24, n. 1, 1993.

BURCHINAL, L. G. The communications revolution: america's third century challenge. In the future of organizing knowledge. In: TEXAS A & M UNIVERSITY LIBRARY'S CENTENNIAL ACADEMIC ASSEMBLY, 12., set., 1976. **Proceedings...** College Station: Texas A & M University.

CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2003.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. The concept of information. In: CRONIN, B. (Ed.). **Annual Review of Information Science and Technology**. Medford: Information Today, 2003. v. 37, cap. 8, p. 341-411.

CARDER, Linda; WILLINGHAMB, Patricia; BIBB, David. Case-based, problem-based learning - Information literacy for the real world. **Research Strategies**, v. 18, n.3, p. 181-190, 2001. Disponível em: <<http://www.citeulike.org/user/mlzafron/article/1294>>. Acesso em 12 jun. 2008.

CAREGNATO, S. E. O Desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 8, p. 45-53, 2000.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 21-172

CNI/SENAI/IEL. **Cadeia produtiva do turismo**: necessidades de tecnologia e de recursos humanos no horizonte 2010 – Investigação Delphi. Salvador: Macroplan, 1988. 11p.

COORDENAÇÃO DE APREFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Crterios de Avaliação Qualis**. Área de Avaliação: Administração/Turismo. 2005. Disponível em: <www.capes.gov.br>. Acesso em: 28 nov. 2008.

CORREIA, A. M. R. Information literacy for an active and effective citizenship. In: INFORMATION LITERACY MEETING OF EXPERTS. Relatório 2002, Praga. **Proceedings...** Disponível em: <<http://www.nclis.gov/libinter/infolitconf&meet/papers/correia-fullpaper.pdf>>. Acesso em 10 jan. 2009.

CORTÉS, Jesús et al. Normas sobre alfabetización informativa en educación superior: declaratoria. In: UACH ENCUENTRO SOBRE DESARROLLO DE HABILIDADES INFORMATIVAS, 3., 2002. **Anais...** Disponível em: <<http://www.nclis.gov/libinter/infolitconf&meet/JesusLauInfolitArticle-Spanish.pdf>>. Acesso em 16 jun. 2009.

COSTA, Francisco J.; MOTA, Keila C. Nicolau. Valor percebido no curso, percepção do prestígio e identificação com a profissão: uma análise junto a estudantes de turismo. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 5, 2008, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ANPTUR, 2008.

CURZON, Susan Carol. Developing a program of information literacy. **College & Research Libraries News**, v. 61, n. 6, p.483-86, 2000.

DINIZ, Cládice Nóbile. **A Fluência em Tecnologia da Informação entre estudantes de Administração**. 2005. 130 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - UFRJ/ECO/IBICT, Rio de Janeiro. 2005.

DINIZ, Cládice Nóbile; OLINTO, Gilda. Uso de tecnologia de informação entre estudantes universitários. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 7., 2006. **Anais...** Marília: UNESP, 2006.

DRUCKER, P. **Gestão do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 2001. (Harvard Business Review).

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. **A Information literacy e o papel educacional das bibliotecas**. 2001. 173 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Competência em informação melhores práticas educacionais voltadas para a information literacy. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2005, Curitiba. **Anais...** Curitiba: FEBAB, 2005. p. 1-15.

DUNN, K. Assessing information literacy skills in the California State University: a progress report. **Journal of Academic Librarianship**, v. 28, n.1, p.23-35, 2002.

DUQUE, A. P. O ; HATSCHBACH, Maria Helena de Lima . Direitos autorais e a arquitetura informacional de cursos à distância via Internet. In: III Conferência Sul-Americana em Ciência e Tecnologia Aplicada ao Governo Eletrônico CONeGOV., 2006, Curitiba. **Anais....** Florianópolis : Instituto de Governo Eletrônico, Inteligência Jurídica e Sistemas, 2006.

EISENBERG, M. B.; BERKOWITZ, R. E. **Information Problem-solving**: the Big Six Skills Approach to Library & Information Skills Instruction. Norwood, N.J.: Ablex Pub. Corp. 1990.

ESPINET, Eva Ortoll. La competencia informacional en las ciencias de la salud: una visión desde las universidades españolas. **Revista Española de Documentación Científica**, v. 27, n.2, p.221-242, 2004. Disponível em: <<http://redc.cindoc.csic.es/index.php/redc/article/download/153/207>>. Acesso em 17 out. 2008.

FERREIRA, Sueli Mara S. P. O papel social do profissional bibliotecário. In: COMEMORAÇÃO AO DIA DO BIBLIOTECÁRIO, 2004, São Paulo. São Paulo: USP/SIBI, 2004. Disponível em: <http://www.usp.br/sibi/boletim_inter/vol_9_num_2_4/SIBI20040312.ppt>. Acesso em 21 nov. 2008.

FERREIRA, Rubens da Silva. A sociedade da informação no Brasil: um ensaio sobre os desafios do Estado. **Ciência da Informação** [online]. 2003, vol.32, n.1 ,p. 36-41. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652003000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 jun. 2008.

FERREIRA, Sueli Mara S. P.; DUDZIAK, Elisabeth Adriana. **La alfabetización informacional para la ciudadanía en América Latina**: el punto de vista del usuario final de programas nacionales de información y/o inclusión digital. 2004.

FITZGERALD, D. Problem-based learning and libraries: the canadian experience. **Health Libraries Review**, v. 3, n.1, p.13-32, 1996.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Boletim de Desempenho Econômico do Turismo**. Disponível em: <http://www.fgv.br/fgvportal/principal/idx_materia.asp?s_tr_chave=10424&sessao=2>. Acesso em 22 abr. 2008.

GÓMEZ HERNÁNDEZ, José A et al. **Estrategias y modelos para enseñar a usar la información**. Murcia: KR, 2000. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/archive/00004672/>>. Acesso em 12 jan. 2009.

GRANDI, M. E. G. ; FERRARI, A. C. Desenvolvimento de equipes e capacitação de usuários: a biblioteca universitária como espaço de aprendizagem. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 11, 2000, Florianópolis, SC. **Anais....** Florianópolis: UFSC, 2000. CD-ROM

Habilidades e competências em informação: o caso da information literacy: mesa redonda 4. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS – SNBU. **Anais...** Natal: 2004.

HATSCHBACH, Maria Helena de Lima. **Information Literacy**: aspectos conceituais e iniciativas em ambiente digital para o estudante de nível superior. 2002. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Rio de Janeiro: UFRJ/ECO/IBICT, 2002.

HERNÁNDEZ SALAZAR, Patricia. Formación de usuarios: modelo para diseñar programas sobre el uso de tecnologías de información en instituciones de educación superior. **Documentación de las Ciencias de la Información**, n. 24, p. 151-179, 2001. Disponível em: <<http://www.ucm.es/BUCM/revistas/inf/02104210/articulos/DCIN0101110151A.PDF>> . Acesso em 31 jul. 2008.

HIGH-LEVEL COLLOQUIUM ON INFORMATION LITERACY AND LIFELONG LEARNING, 2006, Alexandria. **Proceedings...** Alexandria: Bibliotheca Alexandrina, 2006.

INDIANA UNIVERSITY. **An Assessment Plan for Information Literacy**. Bloomington Libraries, 1996.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS- INEP Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/>>. Acesso em 12 abr. 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - **Pnad. 2008**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1455&id_pagina=1>. Acesso em: 22 ago. 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA – IBICT. **Iniciativas e Projetos de Inclusão Digital no Brasil**, 2007.

INSTITUTO VIRTUAL DE TURISMO. Disponível em: <<http://www.ivt-rj.net/>>. Acesso em 24 ago. 2009.

IRVING, M. A.; CAMPHORA, A. L. A sustentabilidade como tendência no discurso turístico do Estado do Rio de Janeiro. In: BARTHOLO, R.; DELAMARO, M. e BADIN, L. (Orgs.). **Turismo e sustentabilidade no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

IRVING, Marta de Azevedo; BURSZTYN, I.; PIVOTO, A. S.; MELO, G. M. Revisitando significados em sustentabilidade no planejamento turístico. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 18, p. 1-8, 2005.

IVANITSKAYA, L.; O'BOYLE, I.; CASEY, A. M. Health information literacy and competencies of information age students: results from the interactive online research readiness self-assessment (RRSA). **Journal of Medical Internet Research**, v. 8, n. 2, abr. 2006.

KUHLTHAU, Carol C. Inside the search process: information seeking from the user's perspective. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 42, n. 5, 1991.

KUHLTAU, Carol. C.. Towards collaboration between information seeking and information retrieval, **Information Research**, 10(2) paper 225, 2005. Disponível em: <<http://InformationR.net/ir/10-2/paper225.html>>. Acesso em: 25 set. 2009.

LAHERT, J. Promoting information literacy for science education programs: correlating the National Science Education Content Standards with the Association of College and Research Libraries Information Competency Standards for Higher Education. **Science and Technology Librarianship**, Fall 2000. Disponível em: <<http://www.library.ucsb.edu/istl/00-fall/article3.html>>. Acesso em 28 set. 2008.

LAU, J.; CORTES, J. **Habilidades informativas para el aprendizaje de toda la vida: el caso de las universidades mexicanas**. México: Universidad Autónoma de Ciudad Juárez, 1999. Disponível em: <<http://www.uacj.mx/Dia/Cursos/DHI/docs/doc03.htm>>. Acesso em 5 mar. 2009.

LAU, Jesús. **Aprendiendo a enseñar: pedagogía para enseñar competencias DHI**. Vera Cruz: Universidad Veracruzana, 2006. Disponível em: <http://www.uv.mx/usbi_ver/coloquio06/?s=taller>. Acesso em 20 jun. 2009.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2003. 124p.

LEAL, Rosana Eduardo S. **Uma abordagem conceitual-reflexiva sobre a relação da comunicação com o turismo**. 2008. Disponível em: <www.ppgcomufpe.com.br/lamina/artigosrosana.Pdf>. Acesso em 5 jun. 2008.

LESER E., MACKE, G. La réussite de Google suscite la convoitise de Yahoo ! et Microsoft, **Le Monde**, 4 de março, p 18, 2005.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LIMA, Jussara Borges de; MACHADO, Lurdes Regina B. L. Política de informação para alfabetização digital. In: CINFORM – ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2004, Salvador. **Anais...** Salvador: UFBA, 2004.

LOERTSCHER, David V.; WOOLS, Blanche. **The Information literacy movement of the school library media field: a preliminary summary of the research.**

Disponível em: <<http://witloof.sjsu.edu/courses/250.loertscher/modelloer.html>>. Acesso em 5 maio 2009.

MACKLIN, A. S. Integrating information literacy using problem-based learning. **Reference Services Review**, v. 29, n.4, p. 306-314, 2002.

MAGALHÃES, Mauro de Oliveira et al. Eu quero ajudar as pessoas: a escolha vocacional da psicologia. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 21, n. 2, p. 10-27, 2001.

MARGONI, Catherine C. **Reflexões sobre a aplicação da interdisciplinaridade em cursos de turismo.** Dissertação (Mestrado em Hospitalidade). São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi. 2006. 94p.

MAUGHAN, Patricia Davitt. Assessing information literacy among undergraduates: a discussion of the literature and the University of California-Berkeley assessment experience. **College & Research Libraries**, v. 62, n.1, p.71-85, 2001.

MEARS D., Berenice. **Manejo de recursos informativos para docentes: modulo I: información, requerimiento básico del aprendizaje.** Juarez: Universidad Autónoma de Ciudad Juárez, 2002. Disponível em: <<http://www.uacj.mx/Dia/Cursos/DHI/docs/doc04.htm>>. Acesso em 22 maio 2009.

MENDES, Amanda Pina. Núcleos de introdução ao estudo e à pesquisa em turismo nas universidades como uma estratégia para o desenvolvimento holístico do fenômeno turístico. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 5., 2008, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ANPTUR, 2008.

MIRANDA, Silvânia V. de. **Identificação de necessidades de informação e sua relação com competências informacionais: o caso da supervisão indireta de instituições financeiras no Brasil.** 2007. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Brasília: UnB, 2007.

MITTERMEYER, Diane; SAUVE, Diane. **Étude sur les connaissances en recherche documentaire des étudiants entrant au 1er cycle dans les universités québécoises.** Québec: CREPUQ, 2003. Disponível em: <http://www.crepuq.qc.ca/rubrique.php3?id_rubrique=170&lang=fr>. Acesso em 4 abr. 2008.

MOESCH. M. **A produção do saber turístico.** São Paulo: Contexto, 2000.

MONTEIRO, D. M.; BRANT R., Victoria M. Desafio metodológico na formação pedagógica de mestrandos da área da saúde: a aprendizagem baseada em problema. **Olho Mágico**, v. 13, p. 355-356, 2006.

MORUCCI, Bernard. Reflections on tourism information literacy. **TedQual**, v.1, n.6, 2003.

MOTA, F. R. L. Prontuário eletrônico do paciente e o processo de competência informacional. **Encontros Bibli**, Santa Catarina, v. 22, p. 53-70, 2006.

MOTA, Keila Cristina Nicolau. **Marketing turístico: promovendo uma atividade sazonal**. São Paulo: Atlas, 2001.

MOURA, Ana Maria Mielniczuk de. Características do processo de busca de informação dos pesquisadores da área de psicologia da Unisinos. **Em Questão**, Porto alegre, v. 9, n. 1, p. 39-54, jan./jul. 2003.

NASCIMENTO, Maria de Jesus; SILVA, Paula S. Informação: insumo básico para o desenvolvimento do setor de turismo em Santa Catarina. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 9, n.1. p. 88-99, 2004.

OLINTO, Gilda . Bolsas de pesquisador do CNPq: informações para política de C&T a partir da base que contém os dados cadastrais dos bolsistas. **Datagramazero Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 1-23, 2003.

OLINTO, Gilda . Hábitos de leitura e estudo: relação com atividades culturais e de lazer. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 95-104, 2000.

OLINTO, Gilda . Educação e tipos de acesso e uso da internet no Brasil. In: Braga, G; Pinheiro, L.V. R. (Org.). **Desafios do impresso ao digital**. Brasília: IBICT; Unesco, 2009.

OLINTO, Gilda . Equilibrio de Género en Ciencia y Tecnología y el Sector Público en Brasil. **Estudios Iberoamericanos de Género en Ciencia, Tecnología y Salud**. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2008, p. 105-112.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO - OMT. Disponível em: <<http://www.unwto.org/statistics/index.htm>>. Acesso em 10 jan. 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Código de ética mundial para o turismo**. Porto Alegre: Fundatec, 2000. Disponível em: <http://www.unwto.org/code_ethics/pdf/languages/Brazil.pdf>. Acesso em 12 jan. 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Barômetro Mundial**. Disponível em: <<http://www.unwto.org/facts/eng/barometer.htm>>. Acesso em: 2 mar. 2008.

ORTOLL ESPINET, Eva. **Gestión del conocimiento y competencia informacional en el puesto de trabajo**. UOC, 2003. Disponível em: <<http://www.uoc.edu/dt/20343/index.html>>. Acesso em 14 ago. 2008.

PAUSCH, Lois; POPP, Mary P. **Assessment of information literacy: lessons from the higher education assessment movement**. 2000. Disponível em: <<http://www.ala.org/ala/acrlbucket/nashville1997pap/pauschpopp.cfm>>. Acesso em 13 jul. 2009.

PÉREZ ORMEÑO, Gricelda del Carmen. **Alfabetización informacional en la educación superior: niveles de habilidades logrados por estudiantes universitarios en su primer semestre de estudios**, 2003. Tese. Santiago de Chile: Universidad de Chile, 2003. Disponível em <http://www.cybertesis.cl/tesis/uchile/2003/perez_g/html/index-frames.html>. Acesso em 2 jan. 2009.

PETER, J. (Org). **Learning outcomes and information literacy**. York: Higher Education Academy and SCONUL, 2004. Disponível em: <http://www.sconul.ac.uk/groups/information_literacy/papers/outcomes.pdf>. Acesso em 17 dez. 2008.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Infra-estrutura da pesquisa em Ciência da Informação. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 6, dez. 2000. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000289/>>. Acesso: 10 maio 2009.

PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Comunidades científicas e infra-estrutura tecnológica no Brasil para uso de recursos eletrônicos de comunicação e informação na pesquisa. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 32, n. 3, 2003 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652003000300008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 mar. 2009.

PINTO JUNIOR, Wellington C. **Informação e tecnologia para a implantação do agroturismo em Echaporã-SP**. 2005. 175f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Marília: UNESP, 2005.

RADCLIFF, Carolyn J. et al. **A practical guide to information literacy assessment for academic librarians**. Westport: Libraries Unlimited, 2007.

RAPOSO, Maria de Fátima Pereira; ESPÍRITO SANTO, Carmelita do. Biblioteca universitária proativa. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n.1, p. 87-101, jul./dez. 2008.

REJOWSKI, M.; MINOZZO, C. C. Periódicos científicos em turismo: panorama evolutivo e caracterização da revista Turismo em Análise. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004, Porto Alegre. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2004. p. 1-15.

REVISTA ACADÊMICA OBSERVATÓRIO DE INOVAÇÃO DO TURISMO. Disponível em: <http://www.ebape.fgv.br/revistaoit/asp/dsp_lst_artigos_edicao.asp> Acesso em: 13 jan. 2008.

REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA DE TURISMO. Disponível em: <<http://www.revista.inf.br/turismo/>>. Acesso em 11 maio 2008.

REVISTA ELETRÔNICA DE TURISMO CULTURAL. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/turismocultural/RevistaEletronica.htm>>. Acesso em 11 maio 2008.

REVISTA ENSINO SUPERIOR. **A difícil vida universitária**. n. 115, abril 2008. Disponível em <<http://revistaensinosuperior.uol.com.br/textos.asp?codigo=12127>>. Acesso em 27 set 2009.

REZENDE, Laura. O processo de alfabetização em informação inserido em projetos de inclusão digital: uma análise crítica. In: CINFORM – ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005. Salvador. **Anais...**

ROJAS DÍAZ, Gloria A.; ALARCÓN LEIVA, Jorge A. Las habilidades informacionales en el contexto profesional. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 3, n. 39, 2006. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/deloslectores/1407rojas.pdf>>. Acesso em 23 out. 2008.

RUSCHMANN, D. **Turismo e planejamento sustentável**: a proteção do meio ambiente. Campinas: Papirus. 2001.

SANSOLO, Davis Gruber; CRUZ, Rita Arizza da. Plano nacional do turismo: uma análise crítica. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 1-5, 2004.

SANTOS, Daniela Barbosa. **Avaliação de habilidades de inclusão digital**: uma proposta de instrumento de medida digital. Brasília: UnB, 2007.

SARACEVIC, T. Information science: origin, evolution and relations. In: INTERNATIONAL CONFERENCE FOR THE CELEBRATION OF 20TH ANNIVERSARY OF THE DEPARTMENT OF INFORMATION STUDIES, University of Tampere, Finland, 26-28, 1991. **Proceedings...** London: Taylor Graham, 1992. p. 5-27.

SCONUL. **Information skills in higher education**: a SCONUL position paper, 1999. Disponível em: <http://www.sconul.ac.uk/activities/inf_lit/papers/Seven_pillars.html>. Acesso em: 6 set. 2009.

SCHLUTER, Regina G. **Metodologia da pesquisa em turismo e hotelaria**. São Paulo: Aleph, [s.d.].

SERRES, A. Evaluation de l'information sur Internet: le defi de la formation. **Bulletin-Bibliothèques de France**. 2005, vol 50; n. 6, pages 38-44. Disponível em: <<http://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-2005-06-0038-006.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2009

SHAPIRO, J.; HUGHES, S. Information literacy as a liberal art: enlightenment proposals for a new curriculum. **Educom Review**, v. 31, n. 2, 1996. Disponível em: <<http://www.educause.edu/pub/er/review/reviewarticles/31231.html>>. Acesso em: 21 abr. 2009.

SILVA, Helena et al. Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 1, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652005000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 11 jul. 2008.

SILVA, Helena et al. Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 1, 2005.

SILVA, João; PERNA, Fernando. Turismo e desenvolvimento auto-sustentado. In: COSTA, José (Coord.). 2002. **Compêndio de economia regional**. Coimbra: APDR.

SIQUEIRA, Deis. **Evolução do conhecimento científico no turismo**. Brasília: UnB, [s.d.]. Disponível em: <http://www.unb.br/cet/artigos/artigo_06_12_2004_1.htm>. Acesso em 12 dez. 2008.

SOUTO, Leonardo F. Competência informacional em ciências da saúde: relato de uma experiência. In: **Competência em informação na sociedade da aprendizagem**. Ribeirão Preto: Kayros, 2005. p. 69-84.

SPLITZ, Rejane (Org.). Planejamento e projeto de interface. In: WORKSHOP PARA FORMAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS EM TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO PARA O ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2000, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: IMPA/RNP/FAPERJ, 2000. p. 99-125.

SULLIVAN, Patrick. Developing freshman-level tutorials to promote information literacy. In: ROCKMAN, I. (Org.). **Integration information literacy into the higher education curriculum**. San Francisco: Jossey-Bass, 2004. p. 71-92.

TAKAHASHI, Tadao (Org.). **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. Capítulo 2. Disponível em: <<http://www.mct.gov.br/index.php/content/view/18878.html>>. Acesso em 10 dez. 2008.

TEIXEIRA, Rivanda Meira. Ensino superior em turismo e hotelaria no Brasil: um estudo exploratório. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 7-31.

TRENTIN, Fábila; SILVA, Eryl M. de Carvalho. Motivos para escolha do curso de turismo. SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 5, 2008, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ANPTUR, 2008.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A importância da educação para o turismo**. Votuporanga: UNIFEV. Disponível em: <<http://temp.unifev.edu.br/canais/graduacao/turismo/informacoes.php?inf=267>>. Acesso em 10 maio 2008.

UNESCO. **Hight-level colloquium on information literacy and lifelong learning**. Alexandria: Bibliotheca Alexandrina, 2006. Disponível em >http://www.infolit.org/International_Colloquium/index.htm>. Acesso em 22 mar. 2008.

UNESCO. **Programme Information pour tous**: introduction à la maîtrise de l'information. Paris: UNESCO, 2007. 102 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Turismo: Niterói: UFF, 2008.

VERHEY, Marilyn P. Information literacy in an undergraduate nursing curriculum: development, implementation, and evaluation. **Journal of Nursing Education**, v. 38, n. 6, p. 252-259, 1999.

WEBBER Sheila. Conceptions of information literacy: new perspectives and implications. **Journal of Information Science**, v. 26, n. 6, p.381-397, 2000. Disponível em: <<http://jis.sagepub.com/cgi/content/abstract/26/6/381>>. Acesso em 7 ago. 2009.

WEBBER, S.; JOHNSTON, B. Information literacy: the social action agenda. In: NATIONAL INFORMATION LITERACY CONFERENCE, 2002, Adelaide. **Proceedings...** Adelaide: University of South Australia Library, 2002. p. 68-80. Disponível em: <<http://dis.shuf.ac.uk/literacy/adelaide-webber-johnston.pdf>>. Acesso em 24 jul. 2008.

ZAGHENI, Elisete Santos da Silva. **A logística da cadeia produtiva do turismo em Joinville-SC**. 2004, 203f. Dissertação (Mestrado em Administração), Programa de Pós-Graduação em Administração. Universidade Federal de Santa Catarina.

ANEXO 1 - PÁGINA INICIAL DO TESTE DE AUTO-AVALIAÇÃO DE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO / RESEARCH READINESS SELF-ASSESSMENT- RRSA

Research Readiness Self-Assessment
Central Michigan University

Menu Principal Bem-vindo à Auto-Avaliação de Competência em Informação (Research Readiness Self-Assessment – RRSA), BRASIL - TURISMO

[Página Inicial](#)
[Fale conosco](#)
[Créditos](#)

Dr. Lana Ivanitskaya, Anne Marie Casey, Deborah Clark, Nathan Bowling, Laura Ann Preston, Shanna Wolcott-Burnam, Dr. Irene O'Boyle, Dr. Roschelle Heiberger e Maria Helena Hartschbach
Data: 1º de junho de 2007

Esta ferramenta interativa irá ajudá-lo a perceber suas habilidades de identificar, localizar, avaliar e usar diversas fontes de informação.

Competência em informação e seu Futuro

Durante o seu curso universitário você precisará localizar e selecionar informações sobre temas específicos, elaborar revisões de literatura, avaliar criticamente a qualidade das fontes de informação, etc. Essas tarefas contribuem para um 'aprendizado ao longo da vida', na Sociedade da Informação. Além disso, suas atividades acadêmicas irão ajudá-lo a desenvolver habilidades que são altamente valorizadas na 'Era do Conhecimento': pensamento independente, análise crítica e habilidade para embasar seus argumentos com firmeza.

Hoje em dia, os estudantes acessam a informação ultrapassando barreiras temporais e espaciais. Como você acha que esta facilidade pode auxiliá-lo para alcançar sucesso acadêmico? Faça o teste e receba uma resposta imediata.

Acesso à Auto-Avaliação de Competência em Informação

Atualmente, a Auto-Avaliação de Competência em Informação é acessível apenas por meio de um comite.

[Link para a Auto-Avaliação de Competência em Informação](#)

Menu Principal O exercício a seguir é um olhar para o futuro – especificamente seu futuro como estudante. Grande parte do trabalho que você irá realizar durante seus estudos estará relacionada à sua habilidade de buscar, selecionar, avaliar e incorporar novos conhecimentos, e à habilidade de usar a biblioteca e outros recursos de informação. Seu sucesso acadêmico também dependerá de suas competências nesta área.*

[Página Inicial](#)

[Fale conosco](#)

Para receber imediatamente um relatório detalhado sobre o seu atual nível de competência em informação, é preciso responder o teste até o final. Algumas questões foram concebidas para que realmente se esforce para respondê-las. Quando tiver completado o teste, você será redirecionado a uma página com seus resultados personalizados, contendo sugestões úteis para melhorar suas habilidades e usufruir ao máximo os recursos oferecidos atualmente pelas bibliotecas.

Para acessar esta Auto-avaliação interativa, por favor, digite a chave de acesso (PIN) que você recebeu por e-mail.

Continuar

- Todas as suas respostas são mantidas em sigilo.
- Seus resultados serão adicionados a uma lista de resultados e usados para análises do grupo como um todo.
- Os dados analisados poderão ser utilizados para artigos em publicações científicas ou apresentados em eventos científicos-acadêmicos. No entanto, a identidade de cada um dos respondentes será mantida em caráter estritamente confidencial.

ANEXO 2 – CARTA-CONVITE PARA OS ALUNOS REALIZAREM O TESTE

Prezado(a) Aluno(a),

Gostaria de convidá-lo(a) para participar da pesquisa de '**Auto-Avaliação de Competência em Informação**'. Sou aluna do curso de doutorado em Ciência da Informação da UFF/Ibict e minha Tese aborda questões relativas à competência e às habilidades de alunos de graduação no uso da informação.

O Curso de Graduação em Turismo da UFF foi escolhido para a aplicação da pesquisa porque o Turismo é uma área em que a informação tem papel fundamental em todas as etapas de sua cadeia produtiva. Sobretudo para o turismólogo, que tem como um de seus desafios trabalhar com um produto intangível. Por isso a importância de uma informação clara, fidedigna e atualizada para aqueles que pretendem ser gestores de programas, projetos, atividades e empresas no setor de turismo.

Esta pesquisa é feita por meio de um teste *online*, que leva cerca de 20 minutos para ser realizado, denominado *Research Readiness Self-Assessment (RRSA)*, elaborado pela *Central Michigan University* e adaptado, em português, para ser aplicado como parte de minha Tese de Doutorado.

Ao final do teste você receberá um relatório com os seus resultados individuais, sua pontuação e com comentários, orientações e dicas para o aprimoramento de sua Competência em Informação. Suas **respostas** são **confidenciais**, os dados serão analisados em grupo, anonimamente. Meu interesse é obter o perfil do grupo pesquisado para que os resultados sejam apresentados em termos de médias e percentagens.

Sua colaboração é valiosa para o sucesso desta pesquisa, que vai avaliar suas habilidades nos seguintes aspectos:

- Navegação na Internet
- Busca de Informação
- Avaliação da Informação
- Experiência de pesquisa bibliográfica e de uso de biblioteca
- Plágio

COMO FAZER O TESTE:

Acesse o endereço abaixo:

http://rrsa.cmich.edu/cgi-bin/rrsalib_brazil.cgi?action=selfenroll

Informe os dados solicitados

No campo **Chave de Acesso**, digite: **XXXXXX**

Clique em: Criar

Vá para o seu email e pegue o **PIN** (código) enviado.

OBS: O remetente do email encaminhado é Lana Ivanitskaya, não delete. Caso o email NÃO esteja na Caixa de Entrada, verifique se ele não caiu no SPAM.

COPIE o **PIN**, entre no endereço abaixo:

http://rrsa.cmich.edu/cgi-bin/rrsalib_brazil.cgi

Clique em: **Link para Auto-Avaliação de Competência em Informação**

Coloque o número do **PIN** no **campo indicado**, clique em Continuar e inicie o teste.

Qualquer dúvida ou mais esclarecimentos, favor encaminhar email para:

Maria Helena (**mhats@yahoo.com.br**)

Obrigada por sua colaboração.

Maria Helena Hatschbach

Doutoranda em Ciência da Informação

Universidade Federal Fluminense – UFF / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e
Tecnologia – IBICT

ANEXO 3 - TABELAS

TABELA 1 - Auto-Percepção de Habilidade de Pesquisa por Período

Auto-percepção de habilidade de pesquisa	PERÍODO		TOTAL
	1-4	5-8	
BAIXA	11,5	43,4	26,5
MÉDIA	57,7	34,8	47,0
ALTA	30,8	21,8	26,5
TOTAL	100	100	100
(Frequência Absoluta)	(26)	(23)	(49)

NOTA:Se m informação: 7 casos.

TABELA 2- Auto-Percepção de Encontrar Informação Específica por Período

Auto-percepção de encontrar informação específica	PERÍODO		TOTAL
	1-4	5-8	
BAIXA	30,8	43,4	36,8
MÉDIA	38,4	39,1	38,8
ALTA	30,8	17,3	24,4
TOTAL	100	100	100
(Frequência Absoluta)	(26)	(23)	(49)

NOTA:Se m informação: 7 casos.

TABELA 3- Auto-Percepção de Avaliar a Informação por Período

Auto-percepção de avaliar a informação	PERÍODO		TOTAL
	1-4	5-8	
BAIXA	23,0	30,4	26,5
MÉDIA	50,0	47,9	49,0
ALTA	27,0	21,8	24,5
TOTAL	100	100	100
(Frequência Absoluta)	(26)	(23)	(49)

NOTA:Se m informação: 7 casos.

TABELA 4- Auto-Percepção de Experiência no Uso de Biblioteca por Período

Auto-percepção de experiência no uso de biblioteca	PERÍODO		TOTAL
	1-4	5-8	
BAIXA	27,0	26,0	26,5
MÉDIA	30,8	39,1	34,7
ALTA	42,3	34,8	38,8
TOTAL	100	100	100
(Frequencia Absoluta)	(26)	(23)	(49)

NOTA:Se m informação: 7 casos.

TABELA 5- Habilidade em Obter Informação por Período

Habilidade em obter informação	PERÍODO		TOTAL
	1-4	5-8	
POUCA	53,8	26,1	40,8
MUITA	46,2	73,9	59,2
TOTAL	100	100	100
(Frequencia Absoluta)	(26)	(23)	(49)

NOTA:Se m informação: 7 casos.

TABELA 6- Habilidade em Avaliar Informação por Período

Habilidade em avaliar informação	PERÍODO		TOTAL
	1-4	5-8	
POUCA	46,1	34,8	40,8
MUITA	53,9	65,2	59,2
TOTAL	100	100	100
(Frequencia Absoluta)	(26)	(23)	(49)

NOTA:Se m informação: 7 casos.

TABELA 7- Habilidade em Navegar na Internet por Período

Habilidade em navegar na internet	PERÍODO		TOTAL
	1-4	5-8	
POUCA	46,1	60,1	53,0
MUITA	53,9	39,9	47,0
TOTAL	100	100	100
(Frequencia Absoluta)	(26)	(23)	(49)

NOTA:Se m informação: 7 casos.

TABELA 8- Habilidade em Uso de Biblioteca por Período

Habilidade em uso de biblioteca	PERÍODO		TOTAL
	1-4	5-8	
POUCA	42,3	65,2	53,0
MUITA	57,7	34,8	47,0
TOTAL	100	100	100
(Frequencia Absoluta)	(26)	(23)	(49)

NOTA:Se m informação: 7 casos.

TABELA 9- Habilidade Percebida por Período

Habilidade percebida	PERÍODO		TOTAL
	1-4	5-8	
POUCA	38,4	65,2	51,0
MUITA	61,6	34,8	49,0
TOTAL	100	100	100
(Frequencia Absoluta)	(26)	(23)	(49)

NOTA:Se m informação: 7 casos.

TABELA 10- Habilidade em Compreender Plágio por Período

Habilidade em compreender plágio	PERÍODO		TOTAL
	1-4	5-8	
POUCA	42,3	26,0	34,7
MUITA	57,7	74,0	65,3
TOTAL	100	100	100
(Frequencia Absoluta)	(26)	(23)	(49)

NOTA:Se m informação: 7 casos.

TABELA 11- Competência em Informação por Período

Competência em informação	PERÍODO		TOTAL
	1-4	5-8	
POUCA	46,1	34,8	40,9
MUITA	53,9	65,2	59,1
TOTAL	100	100	100
(Frequencia Absoluta)	(26)	(23)	(49)

NOTA:Se m informação: 7 casos.

TABELA 12- Habilidade em Obter Informação por Educação da Mãe

Habilidade em obter informação	EDUCAÇÃO DA MÃE		TOTAL
	Ensino Médio	Ensino Superior	
POUCA	30,30	39,1	34,0
MUITA	69,70	60,9	66,0
TOTAL (Frequencia Absoluta)	100 (33)	100 (23)	100 (56)

TABELA 13 - Habilidade em Avaliar Informação por Educação da Mãe

Habilidade em avaliar informação	EDUCAÇÃO DA MÃE		TOTAL
	Ensino Médio	Ensino Superior	
POUCA	15,1	39,1	25,0
MUITA	84,9	60,9	75,0
TOTAL (Frequencia Absoluta)	100 (33)	100 (23)	100 (56)

TABELA 14- Habilidade em Navegar na Internet por Educação da Mãe

Habilidade em navegar na internet	EDUCAÇÃO DA MÃE		TOTAL
	Ensino Médio	Ensino Superior	
POUCA	54,6	43,4	50,0
MUITA	45,4	56,6	50,0
TOTAL (Frequencia Absoluta)	100 (33)	100 (23)	100 (56)

TABELA 15- Habilidade em Uso de Biblioteca por Educação da Mãe

Habilidade em uso de biblioteca	EDUCAÇÃO DA MÃE		TOTAL
	Ensino Médio	Ensino Superior	
POUCA	48,4	65,2	55,3
MUITA	51,6	34,8	44,7
TOTAL (Frequencia Absoluta)	100 (33)	100 (23)	100 (56)

TABELA 16- Habilidade Percebida por Educação da Mãe

Habilidade percebida	EDUCAÇÃO DA MÃE		TOTAL
	Ensino Médio	Ensino Superior	
POUCA	45,4	60,9	51,8
MUITA	54,6	39,1	48,2
TOTAL	100	100	100
(Frequencia Absoluta)	(33)	(23)	(56)

TABELA 17- Habilidade em Compreender Plágio por Educação da Mãe

Habilidade em compreender plágio	EDUCAÇÃO DA MÃE		TOTAL
	Ensino Médio	Ensino Superior	
POUCA	24,2	43,4	32,1
MUITA	75,8	56,6	67,9
TOTAL	100	100	100
(Frequencia Absoluta)	(33)	(23)	(56)

TABELA 18- Competência em Informação por Educação da Mãe

Competência em informação	EDUCAÇÃO DA MÃE		TOTAL
	Ensino Médio	Ensino Superior	
POUCA	30,3	52,1	39,2
MUITA	69,7	47,9	60,8
TOTAL	100	100	100
(Frequencia Absoluta)	(33)	(23)	(56)

TABELA 19- Habilidade em Obter Informação por Sexo

Habilidade em obter informação	SEXO		TOTAL
	Homem	Mulher	
POUCA	25,0	43,1	39,2
MUITA	75,0	56,9	60,8
TOTAL	100	100	100
(Frequencia Absoluta)	(12)	(44)	(56)

TABELA 20- Habilidade em Avaliar Informação por Sexo

Habilidade em avaliar informação	SEXO		TOTAL
	Homem	Mulher	
POUCA	0,0	31,9	25,0
MUITA	100,0	68,1	75,0
TOTAL	100	100	100
(Frequencia Absoluta)	(12)	(44)	(56)

TABELA 21- Habilidade em Navegar na Internet por Sexo

Habilidade em navegar na internet	SEXO		TOTAL
	Homem	Mulher	
POUCA	33,3	54,5	50,0
MUITA	66,7	45,5	50,0
TOTAL	100	100	100
(Frequencia Absoluta)	(12)	(44)	(56)

TABELA 22- Habilidade em Uso de Biblioteca por Sexo

Habilidade em uso de biblioteca	SEXO		TOTAL
	Homem	Mulher	
POUCA	58,3	54,5	55,3
MUITA	41,7	45,5	44,7
TOTAL	100	100	100
(Frequencia Absoluta)	(12)	(44)	(56)

TABELA 23- Habilidade Percebida por Sexo

Habilidade percebida	SEXO		TOTAL
	Homem	Mulher	
POUCA	41,7	54,5	51,8
MUITA	58,3	45,5	48,2
TOTAL	100	100	100
(Frequencia Absoluta)	(12)	(44)	(56)

TABELA 24- Habilidade em Compreender Plágio por Sexo

Habilidade em compreender plágio	SEXO		TOTAL
	Homem	Mulher	
POUCA	33,3	31,9	32,1
MUITA	66,7	68,1	67,9
TOTAL	100	100	100
(Frequencia Absoluta)	(12)	(44)	(56)

TABELA 25- Competência em Informação por Sexo

Competência em informação	SEXO		TOTAL
	Homem	Mulher	
POUCA	25,0	43,1	39,2
MUITA	75,0	56,9	60,8
TOTAL	100	100	100
(Frequencia Absoluta)	(12)	(44)	(56)

TABELA 26- Habilidade em Obter Informação por Exerce Atividade

Habilidade em obter informação	EXERCE ATIVIDADE		TOTAL
	Sim	Não	
POUCA	29,4	43,6	39,2
MUITA	70,6	56,4	60,8
TOTAL	100	100	100
(Frequencia Absoluta)	(17)	(39)	(56)

TABELA 27- Habilidade em Avaliar Informação por Exerce Atividade

Habilidade em avaliar informação	EXERCE ATIVIDADE		TOTAL
	Sim	Não	
POUCA	17,7	28,0	25,0
MUITA	82,3	72,0	75,0
TOTAL	100	100	100
(Frequencia Absoluta)	(17)	(39)	(56)

TABELA 28- Habilidade em Navegar na Internet por Exerce Atividade

Habilidade em navegar na internet	EXERCE ATIVIDADE		TOTAL
	Sim	Não	
POUCA	47,0	51,2	50,0
MUITA	53,0	48,8	50,0
TOTAL	100	100	100
(Frequencia Absoluta)	(17)	(39)	(56)

TABELA 29- Habilidade em Uso de Biblioteca por Exerce Atividade

Habilidade em uso de biblioteca	EXERCE ATIVIDADE		TOTAL
	Sim	Não	
POUCA	58,9	53,9	55,3
MUITA	41,1	46,1	44,7
TOTAL	100	100	100
(Frequencia Absoluta)	(17)	(39)	(56)

TABELA 30- Habilidade Percebida por Exerce Atividade

Habilidade percebida	EXERCE ATIVIDADE		TOTAL
	Sim	Não	
POUCA	76,4	43,6	53,6
MUITA	23,6	56,4	46,4
TOTAL	100	100	100
(Frequencia Absoluta)	(17)	(39)	(56)

TABELA 31- Habilidade em Compreender Plágio por Exerce Atividade

Habilidade em compreender plágio	EXERCE ATIVIDADE		TOTAL
	Sim	Não	
POUCA	5,9	43,6	32,1
MUITA	94,1	56,4	67,9
TOTAL	100	100	100
(Frequencia Absoluta)	(17)	(39)	(56)

TABELA 32- Competência em Informação por Exerce Atividade

Competência em informação	EXERCE ATIVIDADE		TOTAL
	Sim	Não	
POUCA	29,4	43,6	39,2
MUITA	70,6	56,4	60,8
TOTAL	100	100	100
(Frequencia Absoluta)	(17)	(39)	(56)